ABAYOMI

Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Rosimery Mendes Rodrigues
Ana Maria Bárbara Lima
Silvana Nascimento de Carvalho
Neusa Venditte
Celine Maria de Sousa Azevedo
Fabiane Bandeira Viana
Priscilla Nayane Magalhães Ribeiro dos Santos
Gabriel Nascimento de Carvalho

ABAYOMI: A ANCESTRALIDADE POR MEIO DA ARTE DOS RETALHOS, SABERES E MEMÓRIAS.

Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Rosimery Mendes Rodrigues
Ana Maria Bárbara Lima
Silvana Nascimento de Carvalho
Neusa Venditte
Celine Maria de Sousa Azevedo
Fabiane Bandeira Viana
Priscilla Nayane Magalhães Ribeiro dos Santos
Gabriel Nascimento de Carvalho

O presente artigo, "ABAYOMI: A Ancestralidade por meio da Arte dos Retalhos, Saberes e Memórias", tem como objetivo analisar a relevância histórica, cultural e pedagógica das bonecas abayomi, confeccionadas a partir de retalhos de roupas e tranças de tecido, no contexto da diáspora africana. A palavra abayomi, que significa "encontro precioso" em iorubá — língua originária da Nigéria — revela a dimensão simbólica desses objetos: embora nada precioso esperasse os pequenos "tripulantes" dos navios negreiros, as mães africanas criaram bonecas para acalmar e proteger seus filhos, transformando-as, involuntariamente, em símbolos de resistência e preservação cultural. Esses objetos materializam a ancestralidade e a memória coletiva, funcionando como instrumentos de cuidado, fé e fortalecimento identitário (Elias, 2001; Florentino, 1995; Gil, 2018; Gomes, 2018; Halbwachs, 1991; Ischkanian et al., 2025; Lakatós; Marconi, 2017; Marquese, 2006; Moraes; Zomer, 2013; Oliveira, 2021; Paula, 2013; Pollak, 1989; Quivy; Campenhoudt, 2008; Ribeiro; Silva, 2017; Richardson, 1999; Severino, 2016; Simões, 2018; Vergara, 2014). A pesquisa é de caráter bibliográfico e documental, fundamentando-se em obras clássicas e contemporâneas sobre história africana, afro-brasileira, educação étnico-racial e memória coletiva. A análise está estruturada em três dimensões centrais. A primeira, ancestralidade e identidade cultural, evidencia como a arte dos retalhos preserva saberes, histórias e tradições africanas, contribuindo para a construção da identidade cultural negra e para a transmissão de mitos e narrativas ancestrais. A segunda dimensão, práticas artísticas e pedagógicas, enfoca os processos criativos, técnicas e materiais utilizados na confecção das bonecas, destacando seu potencial como ferramenta pedagógica para o ensino da história, da cultura afro-brasileira e das relações étnico-raciais (Brasil, 2003; Santos, 2011; Ribeiro, 1995). A terceira dimensão, memória, resistência e valorização da cultura negra, aborda a importância de preservar essas práticas como forma de combater o apagamento histórico e valorizar saberes marginalizados, reforçando o protagonismo das comunidades negras na construção de narrativas próprias. As bonecas abayomi extrapolam a função de brinquedo, assumindo um papel significativo como instrumentos de preservação cultural, empoderamento comunitário e reflexão histórica. O estudo evidencia a interseção entre história, arte e educação, reforçando a importância da implementação da Lei nº 10.639/2003, que prevê o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas, e contribui para o fortalecimento da identidade e valorização cultural das populações negras.

Palavras-chave: Abayomi; ancestralidade; arte dos retalhos; memória coletiva; cultura afro-brasileira; educação étnico-racial.

ABAYOMI: ANCESTRALITY THROUGH THE ART OF PATCHWORK, KNOWLEDGE, AND MEMORIES.

Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Rosimery Mendes Rodrigues
Ana Maria Bárbara Lima
Silvana Nascimento de Carvalho
Neusa Venditte
Celine Maria de Sousa Azevedo
Fabiane Bandeira Viana
Priscilla Nayane Magalhães Ribeiro dos Santos
Gabriel Nascimento de Carvalho

This article, *"ABAYOMI: Ancestrality through the Art of Patchwork, Knowledge, and Memories"*, aims to analyze the historical, cultural, and pedagogical relevance of abayomi dolls, made from fabric scraps and braided textiles, in the context of the African diaspora. The word *abayomi*, meaning "precious encounter" in Yoruba — a language originating from Nigeria — highlights the symbolic significance of these objects: although nothing precious awaited the young "passengers" of the slave ships, African mothers created dolls to comfort and protect their children, involuntarily transforming them into symbols of resistance and cultural preservation. These objects materialize ancestry and collective memory, functioning as instruments of care, faith, and identity reinforcement (Elias, 2001; Florentino, 1995; Gil, 2018; Gomes, 2018; Halbwachs, 1991; Ischkanian et al., 2025; Lakatós; Marconi, 2017; Marquese, 2006; Moraes; Zomer, 2013; Oliveira, 2021; Paula, 2013; Pollak, 1989; Quivy; Campenhoudt, 2008; Ribeiro; Silva, 2017; Richardson, 1999; Severino, 2016; Simões, 2018; Vergara, 2014). The research is bibliographic and documentary in nature, based on classical and contemporary works on African and Afro-Brazilian history, ethnic-racial education, and collective memory. The analysis is structured around three central dimensions. The first, ancestry and cultural identity, demonstrates how patchwork art preserves African knowledge, stories, and traditions, contributing to the construction of Black cultural identity and the transmission of ancestral myths and narratives. The second dimension, artistic and pedagogical practices, focuses on creative processes, techniques, and materials used in doll-making, highlighting their potential as educational tools for teaching history, Afro-Brazilian culture, and ethnic-racial relations (Brazil, 2003; Santos, 2011; Ribeiro, 1995). The third dimension, memory, resistance, and the valorization of Black culture, emphasizes the importance of preserving these practices as a means to combat historical erasure and recognize marginalized knowledge, reinforcing the agency of Black communities in constructing their own narratives. Abayomi dolls go beyond their role as toys, serving as instruments of cultural preservation, community empowerment, and historical reflection. The study underscores the intersection between history, art, and education, highlighting the significance of implementing Law No. 10.639/2003, which mandates teaching African and Afro-Brazilian history and culture in schools, thereby contributing to the strengthening of identity and cultural recognition of Black populations.

Keywords: Abayomi; Ancestrality; Patchwork Art; Collective Memory; Afro-Brazilian Culture; Ethnic-Racial Education.

ABAYOMI: LA ANCESTRALIDAD A TRAVÉS DEL ARTE DE LOS RETAZOS, SABERES Y MEMORIAS.

Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Rosimery Mendes Rodrigues
Ana Maria Bárbara Lima
Silvana Nascimento de Carvalho
Neusa Venditte
Celine Maria de Sousa Azevedo
Fabiane Bandeira Viana
Priscilla Nayane Magalhães Ribeiro dos Santos
Gabriel Nascimento de Carvalho

El presente artículo, *"ABAYOMI: La Ancestralidad a través del Arte de los Retazos, Saberes y Memorias"*, tiene como objetivo analizar la relevancia histórica, cultural y pedagógica de las muñecas abayomi, elaboradas a partir de retazos de ropa y trenzas de tela, en el contexto de la diáspora africana. La palabra *abayomi*, que significa "encuentro precioso" en yoruba — lengua originaria de Nigeria — revela la dimensión simbólica de estos objetos: aunque nada precioso esperaba a los pequeños "tripulantes" de los barcos negreros, las madres africanas crearon muñecas para calmar y proteger a sus hijos, transformándolas involuntariamente en símbolos de resistencia y preservación cultural. Estos objetos materializan la ancestralidad y la memoria colectiva, funcionando como instrumentos de cuidado, fe y fortalecimiento identitario (Elias, 2001; Florentino, 1995; Gil, 2018; Gomes, 2018; Halbwachs, 1991; Ischkanian et al., 2025; Lakatós; Marconi, 2017; Marquese, 2006; Moraes; Zomer, 2013; Oliveira, 2021; Paula, 2013; Pollak, 1989; Quivy; Campenhoudt, 2008; Ribeiro; Silva, 2017; Richardson, 1999; Severino, 2016; Simões, 2018; Vergara, 2014). La investigación es de carácter bibliográfico y documental, fundamentándose en obras clásicas y contemporáneas sobre historia africana, afrobrasileña, educación étnico-racial y memoria colectiva. El análisis se estructura en tres dimensiones centrales. La primera, ancestralidad e identidad cultural, evidencia cómo el arte de los retazos preserva saberes, historias y tradiciones africanas, contribuyendo a la construcción de la identidad cultural negra y a la transmisión de mitos y narrativas ancestrales. La segunda dimensión, prácticas artísticas y pedagógicas, se centra en los procesos creativos, técnicas y materiales utilizados en la confección de las muñecas, destacando su potencial como herramienta pedagógica para la enseñanza de la historia, la cultura afrobrasileña y las relaciones étnico-raciales (Brasil, 2003; Santos, 2011; Ribeiro, 1995). La tercera dimensión, memoria, resistencia y valorización de la cultura negra, aborda la importancia de preservar estas prácticas como forma de combatir el borrado histórico y valorar los saberes marginados, reforzando el protagonismo de las comunidades negras en la construcción de sus propias narrativas. Las muñecas abayomi trascienden su función de juguete, asumiendo un papel significativo como instrumentos de preservación cultural, empoderamiento comunitario y reflexión histórica. El estudio evidencia la intersección entre historia, arte y educación, subrayando la importancia de la implementación de la Ley nº 10.639/2003, que establece la enseñanza de la historia y cultura africana y afrobrasileña en las escuelas, contribuyendo al fortalecimiento de la identidad y la valorización cultural de las poblaciones negras.

Palabras clave: Abayomi; ancestralidad; arte de los retazos; memoria colectiva; cultura afrobrasileña; educación étnico-racial.

ABAYOMI: ENCONTRO PRECIOSO.

Simone Helen Drumond Ischkanian
Gabriel Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian
Silvana Nascimento de Carvalho

Nos retalhos de memórias,
tecem-se histórias antigas,
mãos que lembram ancestrais,
ritmos, cantos e cores amigas.

Bonecas de fios e tranças,
pequenos amuletos de fé,
abraçam o choro das crianças,
protegendo o que o tempo não desfaz.

Cada nó guarda resistência,
cada pano, ancestralidade,
são pedaços de vidas,
são ecos de identidade.

No balanço dos navios,
sob o vento do Atlântico,
as mães criaram esperança,
em cada retalho, um encanto.

Abayomi, encontro precioso,
mais que brinquedo, memória viva,
símbolo de cuidado e coragem,
que a cultura negra nos cultiva.

A arte que não se perde,
passa de mãos em mãos,
história, saberes e lembranças,
tecida em cada coração.

Em cada boneca, um legado,
em cada olhar, uma canção,
o passado e o presente dançam
na força da ancestral conexão.

Gladys Nogueira Cabral (2025): A partir da perspectiva de Cabral, a Abayomi assume papel central como mediadora da memória coletiva afro-brasileira, ao permitir que crianças negras se conectem com narrativas ancestrais por meio da manipulação de retalhos de tecido, sendo esta prática não apenas uma atividade lúdica, mas também um instrumento pedagógico capaz de articular identidade, resistência e educação étnico-racial, promovendo simultaneamente a valorização de saberes tradicionais e a conscientização histórica.

Rosimery Mendes Rodrigues (2025): Rodrigues enfatiza que a produção e o manuseio das bonecas Abayomi constituem uma forma concreta de transmissão cultural, na qual a ancestralidade africana se torna tangível para as novas gerações, permitindo que histórias de resistência e estratégias de sobrevivência desenvolvidas durante o período da diáspora sejam incorporadas às práticas educativas contemporâneas, consolidando o vínculo entre memória, cultura material e formação identitária das crianças negras.

Ana Maria Bárbara Lima (2025): Segundo Lima, as Abayomi representam um poderoso recurso simbólico para o fortalecimento da autoestima e da identidade de crianças e adolescentes negros, uma vez que cada boneca incorpora valores, saberes e narrativas históricas da diáspora africana, sendo capaz de transformar práticas pedagógicas convencionais em experiências de aprendizagem ativas e afetivas, que promovem reconhecimento cultural, empoderamento comunitário e reflexão crítica sobre relações de poder, gênero e raça.

Neusa Venditte (2025): Venditte argumenta que a Abayomi, como objeto cultural, transcende a dimensão estética e artesanal, atuando como um dispositivo educativo que integra memória, ancestralidade e criação artística, permitindo que crianças negras internalizem conceitos de pertencimento e identidade enquanto se envolvem com processos de construção simbólica, ao mesmo tempo em que o estudo e a produção dessas bonecas possibilitam a difusão de saberes tradicionalmente marginalizados, fortalecendo a resistência cultural.

Celine Maria de Sousa Azevedo (2025): Azevedo ressalta que as Abayomi constituem um elo entre o passado e o presente, funcionando como ferramentas de preservação cultural que permitem às novas gerações acessar histórias de sofrimento, resistência e resiliência de seus antepassados, sendo também instrumentos pedagógicos que propiciam diálogos intergeracionais sobre memória coletiva, práticas artísticas e experiências de resistência, reafirmando o papel da educação como instrumento de valorização cultural e social.

Fabiane Bandeira Viana (2025): Viana destaca que a Abayomi possui um caráter multifuncional, servindo simultaneamente como objeto de criação artística, ferramenta educativa e símbolo de afirmação identitária, capaz de transmitir valores culturais e narrativas de resistência, contribuindo para a formação integral de crianças negras ao estimular habilidades manuais, expressão simbólica e consciência histórica, consolidando a interseção entre educação, arte e memória coletiva.

Priscilla Nayane Magalhães Ribeiro dos Santos (2025): Ribeiro dos Santos enfatiza que, ao incorporar a

Abayomi nas práticas pedagógicas, é possível construir espaços de aprendizagem que conectam ancestralidade, saberes tradicionais e experiências sociais contemporâneas, transformando a boneca em um veículo de educação étnico-racial capaz de consolidar o protagonismo das crianças negras, reforçar a valorização de identidades marginalizadas e perpetuar narrativas de resistência e preservação cultural de forma simbólica, afetiva e educativa.

Gabriel Nascimento de Carvalho (2025): Carvalho defende que as bonecas Abayomi funcionam como veículos de memória e tradição, permitindo que crianças e jovens negros experienciem de maneira sensível a herança cultural africana, conectando práticas artesanais a narrativas de resistência histórica, de modo que cada trança ou nó nos retalhos se transforma em um símbolo de ancestralidade que articula identidade, pertencimento e educação para a cidadania, consolidando a importância da transmissão intergeracional de saberes afro-brasileiros.

Silvana Nascimento de Carvalho (2025): Carvalho destaca que as Abayomi, enquanto instrumentos artísticos e pedagógicos, transcendem a função lúdica ao se tornarem catalisadoras de conhecimento histórico e cultural, permitindo que os processos de confecção e manuseio das bonecas incorporem saberes ancestrais, práticas comunitárias e estratégias de resistência, sendo fundamentais para o fortalecimento da identidade negra nas novas gerações, ao mesmo tempo em que promovem a reflexão crítica sobre desigualdades, memória e poder social.

ABAYOMI: A ANCESTRALIDADE POR MEIO DA ARTE DOS RETALHOS, SABERES E MEMÓRIAS.

Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Rosimery Mendes Rodrigues
Ana Maria Bárbara Lima
Silvana Nascimento de Carvalho
Neusa Venditte
Celine Maria de Sousa Azevedo
Fabiane Bandeira Viana
Priscilla Nayane Magalhães Ribeiro dos Santos
Gabriel Nascimento de Carvalho

1. INTRODUÇÃO

A presença e a relevância das bonecas Abayomi na educação das novas gerações de crianças negras têm se expandido de maneira significativa, consolidando-se como instrumentos fundamentais de transmissão cultural e de construção de identidade. Essas bonecas, produzidas a partir de retalhos de tecidos e tranças, funcionam como objetos simbólicos que articulam memórias coletivas e saberes ancestrais, permitindo a perpetuação de narrativas históricas que, de outra forma, poderiam se perder com o tempo. A Abayomi, portanto, transcende a dimensão de brinquedo, configurando-se como um elo entre passado e presente, conectando crianças e adultos às suas raízes africanas e afro-brasileiras.

abay = encontro **e *omi*** = precioso

O termo "Abayomi" significa “encontro precioso” na língua iorubá, originária da Nigéria, país localizado na África Ocidental.

A escolha desse nome revela a profundidade simbólica desses objetos: embora as crianças que eram transportadas nos navios negreiros não encontrassem nada de valor material, suas mães criavam bonecas com retalhos de roupas, utilizando tranças e nós, como uma forma de acalmar, proteger e transmitir cuidado aos filhos. Nessa prática, as mães transformavam o sofrimento em resiliência, estabelecendo, de maneira intuitiva, um mecanismo de preservação cultural e resistência frente à violência do tráfico negreiro.

As Abayomi representam mais do que simples brinquedos: elas materializam a ancestralidade e a memória coletiva de comunidades negras, funcionando como instrumentos de fé, cuidado e fortalecimento identitário. Essa dimensão simbólica permite que as crianças compreendam sua posição no mundo e se reconheçam como parte de uma história mais ampla, conectada à diáspora africana. Ao valorizar esses objetos, é possível construir narrativas pedagógicas que reforçam autoestima, pertencimento e compreensão da própria história, reforçando a importância de resgatar tradições e saberes marginalizados.

A Teoria Simbólica contribui de maneira decisiva para a compreensão do papel das Abayomi, pois evidencia que a construção e a circulação de símbolos estão intrinsecamente relacionadas à comunicação, à orientação social e à sobrevivência coletiva. Assim, a boneca atua como um vetor simbólico que transmite significados complexos, englobando identidade, memória, resistência e formas de sociabilidade (Ischkanian, Cabral, Ischkanian, Carvalho & Carvalho, 2025). As Abayomi são compreendidas como ferramentas pedagógicas que articulam processos educativos com experiências culturais e históricas, consolidando o vínculo entre aprendizagem e identidade étnico-racial.

Historicamente, o tráfico de africanos transcendeu a mera operação mercantil, impactando múltiplas esferas sociais e culturais, conectadas por uma rede global de comércio. Esse fenômeno não se restringiu ao Atlântico Sul, mas provocou transformações de grande alcance, influenciando sociedades localizadas a milhares de quilômetros dos centros de captura e transporte de pessoas escravizadas (Ribeiro; Silva, 2017). A Abayomi surge como um testemunho das estratégias de resistência e preservação cultural que floresceram mesmo sob condições extremas de opressão e desumanização.

A pesquisa proposta parte da seguinte questão central: quais são as interpretações e os significados atribuídos à Abayomi enquanto símbolo de identidade e resistência? Para respondê-la, o estudo se fundamenta em pesquisa bibliográfica e documental, articulando obras clássicas e contemporâneas sobre história africana, afro-brasileira, memória coletiva e educação étnico-racial (Ischkanian, Cabral, Ischkanian, Carvalho & Carvalho, 2025). A abordagem permite analisar o impacto das Abayomi não apenas na esfera cultural, mas também no campo pedagógico, reconhecendo seu papel na formação de sujeitos conscientes de sua história e pertencimento.

O objetivo principal da investigação consiste em analisar a potência simbólica das narrativas associadas às Abayomi, à luz da perspectiva eliasiana de identidade e das relações de poder atravessadas por gênero, classe e raça. Considera-se que essas narrativas foram historicamente transmitidas pela tradição oral, configurando uma forma de registro cultural que posteriormente foi sistematizada e incorporada a práticas educativas e comunitárias. O estudo, portanto, busca compreender como as Abayomi articulam processos de memória e resistência frente a contextos de marginalização.

De maneira mais específica, o estudo busca compreender de que forma as narrativas simbólicas das Abayomi contribuem para a construção e fortalecimento da identidade da população negra. As bonecas funcionam como catalisadores da reflexão sobre ancestralidade, valores culturais e experiências históricas, promovendo a internalização de referências simbólicas que reforçam a autoestima e a consciência coletiva (Ischkanian, Cabral, Ischkanian, Carvalho & Carvalho, 2025). Assim, a Abayomi opera como um instrumento pedagógico capaz de unir passado e presente, transmitindo saberes que combinam história, cultura e práticas comunitárias (Silva, 2008; Santos, 2011).

É importante destacar as contribuições das Abayomi para os processos educativos destinados às crianças negras, observando como essas narrativas simbólicas podem ser utilizadas para sintetizar e transmitir saberes, linguagens e modos de pensamento alinhados a uma teoria simbólica. Dessa forma, a boneca se torna um recurso educativo multifacetado,

permitindo que professores e mediadores desenvolvam práticas pedagógicas que valorizem a cultura afro-brasileira e incentivem a reflexão crítica sobre identidade, resistência e memória histórica.

A dimensão de ancestralidade e identidade cultural evidencia que a arte dos retalhos preserva saberes, histórias e tradições africanas. Cada boneca Abayomi carrega consigo registros de práticas culturais, crenças, valores e narrativas orais que foram transmitidas ao longo de gerações (Ischkanian, Cabral, Ischkanian, Carvalho & Carvalho, 2025). Esse processo contribui diretamente para a construção da identidade cultural negra, reforçando o reconhecimento da diversidade étnico-racial e a importância da memória como elemento constitutivo da educação e do pertencimento social.

A dimensão de práticas artísticas e pedagógicas enfoca os processos criativos, técnicas e materiais utilizados na confecção das bonecas, ressaltando sua capacidade de estimular a expressão artística, o desenvolvimento de habilidades manuais e o aprendizado simbólico (Brasil, 2003; Ribeiro, 1995; Santos, 2011). Ao transformar retalhos de roupas em objetos culturalmente significativos, crianças e educadores participam de um processo de criação coletiva que reforça vínculos comunitários, valores éticos e compreensão histórica, promovendo um aprendizado ativo e experiencial.

A dimensão de memória, resistência e valorização da cultura negra evidencia a importância de preservar essas práticas culturais para combater o apagamento histórico e fortalecer a visibilidade de saberes marginalizados (Silva, 2009; Simões, 2018). As Abayomi funcionam como instrumentos de resistência cotidiana, expressando a resiliência e a criatividade de comunidades negras ao longo da história, permitindo que a memória coletiva seja transmitida às novas gerações de forma tangível e simbólica.

As Abayomi, extrapolam a função de brinquedo, assumindo papéis significativos de preservação cultural, empoderamento comunitário e reflexão histórica. Elas permitem que crianças e adultos reflitam sobre a ancestralidade, a identidade e a resistência, ao mesmo tempo em que consolidam práticas educativas voltadas para a valorização da cultura afro-brasileira (Ischkanian, Cabral, Ischkanian, Carvalho & Carvalho, 2025). A interação com esses objetos contribui para a construção de sujeitos críticos e conscientes de seu lugar na história.

O estudo evidencia a interseção entre história, arte e educação, reforçando a importância de práticas pedagógicas que incorporem saberes tradicionais, simbólicos e artísticos na formação de novas gerações. Ao utilizar as Abayomi como recurso educativo, é possível criar ambientes de aprendizagem que valorizam a diversidade cultural e promovem o

respeito às diferentes trajetórias históricas, ampliando a compreensão dos estudantes sobre o mundo e a sociedade em que vivem.

A implementação da Lei nº 10.639/2003, que estabelece o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas, encontra nas Abayomi uma ferramenta prática e simbólica de grande relevância (Brasil, 2003). A boneca contribui para materializar conceitos que, de outra forma, poderiam permanecer abstratos, oferecendo uma experiência concreta que combina memória, história, arte e educação, e fortalecendo a construção da identidade étnico-racial

Ao integrar as Abayomi nos processos educativos, educadores podem explorar múltiplas dimensões da aprendizagem, incluindo história, arte, ética, sociologia e antropologia cultural. As bonecas funcionam como catalisadores de diálogos intergeracionais, permitindo que saberes tradicionais sejam transmitidos de maneira dinâmica e interativa, fortalecendo a compreensão das crianças sobre suas raízes, pertencimento e resistência cultural (Ischkanian, Cabral, Ischkanian, Carvalho & Carvalho, 2025). Dessa forma, a Abayomi contribui para a formação de sujeitos socialmente conscientes e engajados na preservação de sua cultura.

As Abayomi representam um patrimônio simbólico de valor inestimável para a educação, a preservação cultural e o fortalecimento identitário da população negra (Silva, 2008) Elas são instrumentos pedagógicos, artísticos e culturais que materializam a ancestralidade e a memória coletiva, reforçando a importância da resistência histórica e do protagonismo das comunidades negras. Ao serem incorporadas nas práticas educativas, essas bonecas promovem empoderamento, valorização cultural e reflexão crítica, consolidando-se como referência essencial para o ensino e a construção de identidades fundamentadas na história, na memória e na ancestralidade.

2. DESENVOLVIMENTO

Abayomi são bonecas confeccionadas por mulheres africanas a partir de retalhos de tecidos, criadas com o objetivo de confortar e proteger as crianças durante a travessia forçada nos navios negreiros rumo ao Brasil (Ribeiro, 1995). Embora as informações históricas sobre sua origem não sejam totalmente documentadas, a narrativa dessas bonecas persiste como um símbolo de ternura, resistência e cuidado materno em meio à crueldade da escravidão.

O termo "abayomi" provém do iorubá, língua falada na Nigéria, e significa "encontro precioso" ou "meu presente" (Paula, 2013). No contexto dos navios negreiros, o nome indicava o valor emocional que essas mães depositavam nas bonecas, transformando pequenos pedaços de tecido em objetos de afeto e proteção (Oliveira, 2021). A palavra

carrega, portanto, uma dimensão simbólica profunda que vai além do simples gesto de criar um brinquedo, representando laços afetivos, esperança e cuidado.

Durante as travessias atlânticas, as crianças escravizadas enfrentavam condições de vida extremamente precárias, com fome, doenças e violência constantes. (Ribeiro e Silva, 2017).Nesses navios, denominados tumbeiros, nada de precioso as esperava. A criação das abayomis surgia como uma estratégia de consolo, uma forma de acalmar os pequenos e oferecer-lhes uma sensação de proteção, mesmo diante da adversidade.

As bonecas eram confeccionadas a partir de retalhos de saias ou roupas das mães. Muitas vezes, os tecidos eram amarrados ou trançados, formando figuras simples, porém carregadas de significado (Marquese, 2006). A ausência de traços faciais específicos, como olhos, nariz e boca, permitia que a boneca representasse diferentes etnias africanas, reforçando a ideia de diversidade e inclusão.

As abayomis também desempenhavam uma função prática: distraíam as crianças e continham suas lágrimas, funcionando como uma espécie de amuleto de proteção em meio à violência da escravidão. Essa função afetiva conferia às bonecas um papel de resistência emocional, mantendo vivos os vínculos familiares e a memória da cultura africana (Pollak, 1992).

As bonecas africanas, ou afro-brasileiras, não devem ser compreendidas apenas como brinquedos (Oliveira, 2021). Elas carregam histórias, tradições e saberes ancestrais. Na África, figuras semelhantes eram utilizadas para representar pessoas falecidas e entes queridos, além de serem instrumentos de agradecimento aos orixás pela saúde, fertilidade, beleza e prosperidade.

No Brasil, a abayomi se consolidou como símbolo de resistência cultural. Mesmo sem registro formal, a narrativa dessas bonecas é considerada uma das primeiras manifestações de preservação da identidade africana no território brasileiro (Ischkanian, 2012). Elas foram produzidas em contexto de opressão, mas carregam consigo um legado de resiliência e criatividade (Ribeiro, 1995).

A obra "ABAYOMI: A Ancestralidade por Meio da Arte dos Retalhos, Saberes e Memórias" reforça o papel simbólico dessas bonecas como um elo entre passado e presente (Ischkanian, 2012). A abayomi representa a origem humilde, a resistência durante a escravidão e, atualmente, a valorização da cultura negra e do empoderamento afro-brasileiro (Langenbach, 2008).

A criação das abayomis também é um exemplo de transformação do ordinário em extraordinário (Moraes e Zomer, 2013). Os retalhos, materiais simples e muitas vezes

descartados, eram convertidos em objetos de beleza e valor simbólico, refletindo criatividade e capacidade de ressignificação das mulheres africanas.

A ausência de traços faciais nas bonecas evidencia um entendimento amplo de representação, que transcende identidades individuais e abrange múltiplas etnias africanas. Esse aspecto reflete uma perspectiva de coletividade e inclusão, sendo um indicativo da consciência cultural presente mesmo em condições de extrema opressão (Oliva, 2003).

As abayomis funcionam como instrumentos de resistência afetiva e cultural. Ao serem criadas, ofereciam não apenas consolo às crianças, mas também mantinham viva a memória de práticas culturais africanas, promovendo identidade e pertencimento, mesmo em contextos de deslocamento e violência.

Além de transmitir valores culturais, a abayomi também cumpre um papel pedagógico contemporâneo. Ela pode ser utilizada em atividades educativas que buscam valorizar a história e cultura afro-brasileira, em conformidade com a Lei 10.639/2003, que estabelece o ensino da história e cultura africana nas escolas brasileiras.

O processo de fabricação da boneca, que envolve trançar e amarrar tecidos sem o uso de cola ou costura, também possui uma dimensão simbólica. O ato de entrelaçar os tecidos remete à ideia de união, resistência e cooperação, refletindo tanto as relações coletivas quanto as individuais na sociedade (Martins, 2019).

O significado do termo abayomi, quando analisado sob a perspectiva linguística, conecta-se também à ideia de tecer. Derivado do latim *tessere*, que significa organizar ou entrelaçar, o nome da boneca revela um duplo sentido: o ato de criar algo físico e a construção de vínculos afetivos e sociais (Oliveira, 2021).

Cada nó ou trança da boneca carrega múltiplas interpretações. Ele simboliza a vida, as resistências, os desafios enfrentados e a capacidade de transformar a dor em significado, revelando a força da ancestralidade africana na diáspora (Langenbach, 2008).

A abayomi, portanto, não é apenas uma representação lúdica, mas também um mecanismo de preservação histórica. Através dela, é possível compreender processos de sobrevivência, solidariedade e transmissão de saberes entre gerações (Ribeiro e Silva, 2017).

A dimensão simbólica da boneca se estende à contemporaneidade. Hoje, ela é utilizada em contextos de valorização da cultura negra, empoderamento infantil e reflexão sobre a herança africana no Brasil, tornando-se um elo entre passado e presente.

Em termos históricos, as abayomis representam um exemplo de como práticas culturais africanas foram adaptadas em contextos de opressão, mantendo a identidade e os saberes vivos, mesmo sob condições extremas de violência.

O estudo das abayomis também evidencia o papel das mulheres africanas na preservação cultural. Apesar de estarem submetidas à escravidão, elas encontraram maneiras de transmitir valores, proteger os filhos e preservar a memória coletiva, mostrando resistência criativa e afetiva.

O simbolismo das abayomis está ligado à sobrevivência emocional das crianças e à transmissão intergeracional de valores culturais (Marquese, 2006). Cada boneca carrega histórias, memórias e saberes que conectam os descendentes aos seus antepassados africanos.

Além de sua função protetiva, as abayomis têm relevância na promoção da identidade afro-brasileira. Elas reafirmam pertencimento, autoestima e orgulho cultural, sendo instrumentos de educação e consciência histórica (Moraes e Zomer, 2013).

A fabricação artesanal da boneca sem costura ou cola também reflete um entendimento de sustentabilidade e reaproveitamento (Langenbach, 2008). Essa prática simboliza a capacidade de transformar recursos simples em algo de valor emocional e simbólico, evidenciando a criatividade africana.

Ao longo do tempo, as abayomis deixaram de ser apenas objetos afetivos para crianças, tornando-se símbolos de resistência cultural, identidade negra e ancestralidade (Oliva, 2003). Elas funcionam como um elo material e simbólico entre as gerações.

O estudo acadêmico sobre as abayomis, presente em diversas pesquisas e dissertações, evidencia a importância da boneca para compreender a diáspora africana e os processos de resistência e preservação cultural no Brasil.

A abayomi representa a complexidade da vida na diáspora africana de maneira profunda e multifacetada. Ela sintetiza não apenas o sofrimento e a violência que marcaram a travessia atlântica e a escravidão, mas também a resistência cotidiana, o cuidado silencioso das mães e a criatividade que se manifestava mesmo nas condições mais adversas. Cada trança, nó ou retalho carrega múltiplos significados: eles não são apenas elementos físicos, mas registros simbólicos de afeto, proteção e identidade (Oliveira, 2021; Pollak, 1992; Marquese, 2006). Ao transformar pedaços de tecido descartados em pequenas figuras carregadas de história, as mulheres africanas criavam um espaço de humanidade dentro do desumano, mantendo vivos valores culturais e memórias coletivas que poderiam ter sido apagadas. A abayomi, nesse sentido, funciona como instrumento de memória, mas também como ferramenta pedagógica, capaz de ensinar sobre ancestralidade, resistência e a importância da preservação cultural, permitindo que as gerações atuais compreendam a dimensão afetiva e social das experiências de seus antepassados.

A história das abayomis nos lembra que, mesmo nas circunstâncias mais adversas, a humanidade encontrou maneiras de proteger os mais vulneráveis, preservar vínculos afetivos e manter a identidade cultural. Essas bonecas são testemunhos materiais de uma resistência silenciosa, que se manifestava através do cuidado, da criação e do afeto. Elas consolidam a memória de práticas culturais africanas transplantadas para o Brasil, demonstrando que, mesmo em situações de extrema opressão, era possível preservar a ancestralidade e a dignidade.

A abayomi se tornou um símbolo atemporal de resistência e ancestralidade, capaz de transcender gerações e contextos históricos. Sua simplicidade aparente esconde uma profundidade cultural imensa: cada nó é um gesto de esperança, cada trança é um registro de pertencimento, e cada retalho é um fragmento de história transformado em arte e afeto.

Mais do que um objeto, a abayomi é um elo entre o passado e o presente, entre a diáspora africana e a identidade afro-brasileira contemporânea. Ela nos lembra que a cultura não é apenas transmitida por grandes monumentos ou textos oficiais, mas também por práticas cotidianas, gestos de cuidado e criações aparentemente simples, mas carregadas de significado (Ischkanian, Cabral, Ischkanian, Carvalho & Carvalho, 2025). A boneca simboliza a resiliência, a inventividade e a capacidade de transformar dor em memória, sofrimento em narrativa e ausência em presença (Ribeiro e Silva, 2017; Langenbach, 2008). A abayomi é, portanto, um testemunho da força da vida, da capacidade de se reinventar e da importância da ancestralidade como guia para compreender o mundo atual.

A abayomi também se torna um recurso de empoderamento e educação cultural. Ao conhecer a história dessas bonecas, crianças e jovens negros podem se reconhecer em narrativas de resistência e criatividade, fortalecendo sua identidade e autoestima (Paula, 2013; Oliveira, 2021). Ao mesmo tempo, a sociedade em geral é convidada a refletir sobre a diáspora africana, a escravidão e a riqueza cultural que essas experiências geraram. A abayomi, então, não é apenas um objeto de memória, mas um catalisador de aprendizado, consciência e valorização cultural.

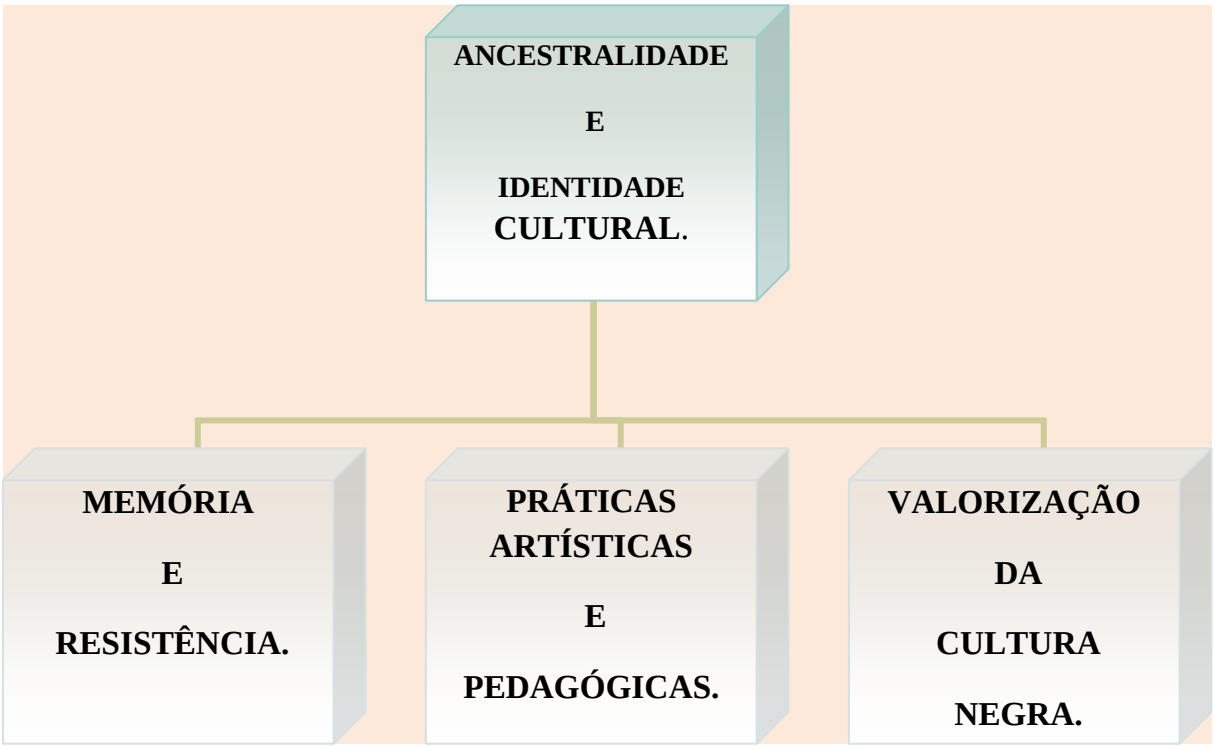
A abayomi transcende seu status de brinquedo ou objeto artesanal. Ela encapsula séculos de história, sofrimento, resistência, cuidado e criatividade. Cada detalhe, do retalho ao nó, é carregado de significado, conectando o presente com o passado, a memória com a identidade, e o afeto com a resistência cultural. Ao contemplar uma abayomi, somos lembrados de que a preservação da humanidade, da cultura e da memória é possível mesmo nos cenários mais adversos.

A boneca é um símbolo atemporal que nos convida a reconhecer a força da ancestralidade africana, a beleza da resiliência feminina e a importância de manter vivos os saberes e memórias que nos formaram enquanto.

2.1. METODOLOGIA DA PESQUISA PARA DELINEAMENTO DO ARTIGO

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico e documental, centrada na análise interpretativa dos discursos científicos sobre *Abayomi: a ancestralidade por meio da arte dos retalhos, saberes e memórias*. O termo abayomi, de origem iorubá, significa "encontro precioso" e remete à preservação da ancestralidade africana por meio da arte e da memória cultural (Ischkanian, Cabral, Ischkanian, Carvalho & Carvalho, 2025). Durante o período do tráfico transatlântico de escravizados, crianças e mães africanas enfrentaram experiências de dor, separação e violência nos navios negreiros, conhecidos como tumbeiros (Oliveira, 2021; Ribeiro, 1995). Nesse contexto de sofrimento e resistência, surgiram as primeiras bonecas abayomi, confeccionadas a partir de retalhos de roupas, tranças ou nós. Esses objetos não se configuravam meramente como brinquedos, mas como amuletos de proteção, símbolos de cuidado, memória e resistência cultural, representando entes queridos e divindades africanas.

A prática de criar abayomis evidencia três dimensões centrais para análise.



Fonte: ISCHKANIAN, S. H. D.; CABRAL, G. N.; ISCHKANIAN, S. G.; RODRIGUES, R. M.; LIMA, A. M. B.; CARVALHO, S. N.; VENDITTE, N.; AZEVEDO, C. M. S.; VIANA, F. B.; SANTOS, P. N. M. R.; CARVALHO, G. N. (2025)

A primeira dimensão, ancestralidade e identidade cultural**,** ressalta como a arte das abayomis e dos retalhos se conecta diretamente com a herança africana e afro-brasileira. Essa conexão vai além da estética ou da funcionalidade dos objetos, refletindo práticas culturais que carregam saberes, histórias e tradições transmitidos de geração em geração. Ao confeccionar bonecas a partir de retalhos, as mulheres africanas reproduziam gestos que rememoravam rituais, crenças e narrativas da vida cotidiana, permitindo que elementos da cultura original sobrevivessem à diáspora (Pollak, 1992; Paula, 2013). A criação da abayomi torna-se uma prática de preservação cultural, na qual cada trança, nó ou retalho é um repositório de memórias e significados históricos. Essa dimensão evidencia também a construção da identidade cultural negra**,** pois ao manter vivas essas tradições, as comunidades afro-brasileiras reforçam o sentimento de pertencimento e a consciência coletiva de suas origens, contribuindo para a memória compartilhada de grupos historicamente marginalizados.

A segunda dimensão, práticas artísticas e pedagógicas, enfoca os processos de criação, as técnicas empregadas e os materiais utilizados na confecção das bonecas. Essa perspectiva evidencia que a produção das abayomis não é apenas um ato afetivo, mas também uma expressão de criatividade, inovação e destreza artesanal. A simplicidade dos materiais — retalhos, nós e tranças — demonstra a capacidade de transformar recursos escassos em objetos carregados de significado e beleza, reforçando o conceito de "cultura maker" e a valorização do trabalho manual (Ischkanian, Cabral, Ischkanian, Carvalho & Carvalho, 2025). Do ponto de vista pedagógico, a arte dos retalhos apresenta grande potencial educativo, pois permite transmitir valores, histórias e formas de resistência de maneira prática e vivencial. Por meio dessa prática, crianças e jovens podem experimentar aprendizado ativo, compreender processos de criação cultural e se conectar com a ancestralidade, ao mesmo tempo em que desenvolvem habilidades manuais, cognitivas e emocionais (Ischkanian, 2012; Langenbach, 2008; Marquese, 2006). Essa dimensão reforça a relevância da arte e do artesanato como veículos de educação não formal, capazes de integrar história, cultura e prática social em atividades pedagógicas significativas.

A terceira dimensão, memória, resistência e valorização da cultura negra**,** destaca o papel das abayomis como instrumentos de preservação histórica e de enfrentamento ao racismo estrutural. Ao se manterem como objetos de cuidado, afeto e representação cultural, as bonecas funcionam como mecanismos de resistência contra o apagamento das narrativas africanas e afro-brasileiras (Ribeiro e Silva, 2017; Oliva, 2003). A memória, nesse contexto, não é apenas rememoração do passado, mas ação ativa de resgate e valorização de saberes

historicamente marginalizados, permitindo que as comunidades negras reconquistem protagonismo em suas próprias histórias. A prática de criar e utilizar abayomis, portanto, articula passado e presente, reafirma identidades e proporciona espaço para reflexão crítica sobre desigualdades sociais, discriminação e exclusão histórica. Essa dimensão evidencia ainda como a preservação de objetos culturais simbólicos pode fortalecer o orgulho étnico, educar novas gerações e contribuir para a construção de uma sociedade mais consciente de suas raízes e da diversidade cultural.

A pesquisa evidencia a interseção entre história, arte e educação, articulando práticas culturais ancestrais com a contemporaneidade (Paula, 2013; Oliveira, 2021). Ela também contribui para o debate sobre a educação das relações étnico-raciais, em consonância com a legislação brasileira que exige o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas (Lei nº 10.639/2003). As bonecas abayomi, nesse contexto, funcionam como instrumentos de empoderamento e preservação cultural, oferecendo oportunidades de reflexão sobre a diáspora africana, a resistência e a ancestralidade, fortalecendo o protagonismo das comunidades negras na construção de narrativas históricas e pedagógicas próprias.

A escolha por essa abordagem qualitativa se justifica pela necessidade de compreender significados, sentidos e processos relacionados às práticas pedagógicas contemporâneas, mais do que quantificar dados. Tal modalidade de investigação busca interpretar a complexidade dos fenômenos educacionais a partir da leitura crítica de produções teóricas consolidadas, respeitando a singularidade do campo da educação (Vergara, 2014; Creswell, 2021).

Quanto ao tipo de pesquisa, optou-se pela investigação bibliográfica, cujo objetivo consiste em reunir, sistematizar e analisar a produção científica existente sobre o tema (Gil, 2018; Severino, 2016; Richardson, 1999). A pesquisa bibliográfica fundamenta-se na exploração de obras previamente publicadas, como artigos científicos, dissertações, livros e documentos eletrônicos. Essa abordagem permite ao pesquisador conhecer o estado da arte sobre o tema, identificar lacunas e construir um referencial teórico consistente.

A pesquisa também se caracteriza como documental, ao incluir materiais acessados em bases digitais e científicas que apresentam dados relevantes para a reflexão sobre o objeto de estudo. Foram selecionadas obras disponíveis em livros, revistas, jornais e nas plataformas CAPES, Scopus, Web of Science, SciELO, Academia Edu e Google Acadêmico. Os critérios de seleção incluíram atualidade, pertinência temática e rigor acadêmico das publicações, garantindo consistência teórica e relevância das informações analisadas (Lakatos & Marconi, 2010; Quivy & Campenhoudt, 2008).

A coleta de dados iniciou-se com o levantamento das palavras-chave mais recorrentes na literatura sobre o tema, como cultura maker, metodologias ativas, aprendizagem significativa e tecnologia educacional (Sousa, Oliveira & Alves, 2021). Esse mapeamento permitiu identificar um conjunto de artigos que abordam a temática sob diferentes perspectivas, possibilitando um olhar plural e crítico. Em seguida, procedeu-se à leitura exploratória dos títulos e resumos, filtrando os textos mais aderentes aos objetivos da pesquisa, considerando relevância, qualidade e diversidade de enfoques.

Após essa triagem inicial, os artigos selecionados foram submetidos à leitura analítica, com o intuito de identificar elementos comuns, tensões e contribuições singulares. A análise dos dados ocorreu por meio de categorização temática e cruzamento entre os achados, permitindo construir uma narrativa articulada sobre os principais pontos discutidos na literatura (Gil, 2008; Lakatos & Marconi, 2017). Esse processo evidenciou recorrências e contrastes entre experiências e reflexões descritas nos textos, destacando aspectos estruturais, pedagógicos e epistemológicos envolvidos.

A análise bibliográfica exigiu do pesquisador um olhar crítico e dialógico sobre os dados coletados, evitando a mera reprodução de ideias e assegurando interpretação consistente dos fenômenos estudados. A sistematização criteriosa das informações possibilitou organizar as informações de forma coerente, fundamentando o artigo em dados confiáveis e teóricos.

A relação do tema da pesquisa com as referências bibliográficas consultadas é direta e consistente. As obras de Oliveira (2021) e Ribeiro (1995) fornecem o suporte histórico sobre a diáspora africana e a criação das abayomis; Pollak (1992) e Paula (2013) contribuem para a compreensão da dimensão cultural e pedagógica; Langenbach (2008) e Marquese (2006) oferecem análises sobre os processos criativos e artísticos envolvidos na confecção das bonecas; enquanto Lakatos & Marconi (2010, 2017), Gil (2008, 2018) e Severino (2016) fundamentam metodologicamente a abordagem científica adotada. A pesquisa articula teoria, história e prática pedagógica, estabelecendo um diálogo entre conhecimentos consolidados e novas interpretações.

A metodologia adotada, ao combinar pesquisa bibliográfica e documental, permite compreender a abrangência e complexidade das abayomis como expressão cultural, pedagógica e histórica (Ischkanian, Cabral, Ischkanian, Carvalho & Carvalho, 2025). A análise crítica das produções acadêmicas consolidadas e dos documentos selecionados oferece suporte para construir interpretações aprofundadas, demonstrando como a criação dessas

bonecas sintetiza resistência, ancestralidade e valorização da cultura negra no Brasil contemporâneo.

2.2. ANCESTRALIDADE E IDENTIDADE CULTURAL

A dimensão da ancestralidade e da identidade cultural evidencia como a arte dos retalhos, manifesta na confecção das bonecas abayomi, estabelece um vínculo profundo com a herança africana e afro-brasileira, funcionando como um elo entre passado e presente. As abayomis transcendem a materialidade do tecido ou da trança, pois carregam saberes, histórias, valores e práticas culturais que atravessam gerações (Ischkanian, Cabral, Ischkanian, Carvalho & Carvalho, 2025). Cada retalho e nó representa a memória de experiências, rituais e tradições, garantindo a sobrevivência de elementos culturais que poderiam ter sido apagados pelo processo de diáspora e pelo contexto de escravidão. A produção dessas bonecas é uma forma de resistência simbólica, preservando uma cultura viva que integra afetividade, criatividade e ancestralidade.

A memória coletiva desempenha papel central nesse processo, funcionando como mecanismo de construção e manutenção da identidade cultural negra. Conforme argumenta Halbwachs, a memória é socialmente estruturada e moldada por práticas, rituais e experiências compartilhadas, permitindo que o grupo reproduza sua história e seus valores (Halbwachs, 1952). No contexto das abayomis, essa memória coletiva se materializa na criação, uso e transmissão das bonecas, possibilitando que as tradições africanas sobrevivam e se adaptem ao território brasileiro, preservando saberes ancestrais e promovendo a coesão social (Halbwachs, 1991; Halbwachs, 2008). A produção artesanal das bonecas atua, assim, como um registro simbólico e afetivo que conecta gerações e reforça o senso de pertencimento cultural.

Simone Helen Drumond Ischkanian (2025) destaca que a ancestralidade se manifesta como uma força estruturante na construção da identidade cultural negra, sendo a memória coletiva e a transmissão de saberes ancestrais elementos essenciais para que crianças, jovens e toda a comunidade compreendam suas raízes profundas, reconheçam a continuidade de práticas culturais que atravessam gerações e fortaleçam o sentimento de pertencimento à coletividade afro-brasileira, contribuindo para a formação de uma identidade sólida que resiste às formas históricas de marginalização e apagamento cultural.

Gladys Nogueira Cabral (2025) argumenta que a preservação de práticas culturais e artísticas, como a confecção das bonecas abayomi, constitui uma forma concreta de resistência simbólica e de valorização da história e da cultura africana, uma vez que essas

produções carregam narrativas, rituais e ensinamentos ancestrais, permitindo que a memória dos antepassados seja incorporada no cotidiano das novas gerações e que a identidade cultural afro-brasileira se fortaleça em contextos educacionais, comunitários e familiares.

Sandro Garabed Ischkanian (2025) evidencia que a arte dos retalhos funciona como um meio de registro afetivo, social e cultural, permitindo que a ancestralidade se mantenha viva através de práticas que transmitem valores de proteção, cuidado e resistência, de modo que indivíduos e coletivos negros possam construir identidades sólidas, enraizadas na memória histórica compartilhada e na valorização das tradições herdadas de seus ancestrais, garantindo a continuidade de laços culturais importantes para a comunidade.

Rosimery Mendes Rodrigues (2025) enfatiza que o reconhecimento da herança africana por meio da criação de objetos culturais simbólicos, como as bonecas de retalho, possibilita a transmissão intergeracional de valores, histórias e tradições, contribuindo não apenas para a preservação da memória coletiva, mas também para o fortalecimento da autoestima, do orgulho étnico e da consciência cultural das comunidades negras, promovendo a continuidade de uma identidade que integra passado, presente e perspectivas futuras.

Ana Maria Bárbara Lima (2025) aponta que a memória coletiva, preservada em gestos cotidianos, práticas culturais e produções artísticas como a confecção de bonecas de retalho, é fundamental para consolidar a identidade afro-brasileira, pois permite que crianças e jovens reconheçam e internalizem sua história, compreendam o significado simbólico de suas tradições e desenvolvam mecanismos de resistência cultural que fortalecem o pertencimento e a coesão dentro das comunidades negras, em especial diante das desigualdades e das tentativas históricas de apagamento cultural.

Silvana Nascimento de Carvalho (2025) defende que a ancestralidade se expressa de forma contínua nas práticas educativas, afetivas e culturais, sendo a transmissão de saberes e tradições essenciais para que as novas gerações compreendam sua própria história, se conectem com a herança africana e desenvolvam identidades resilientes e conscientes, capazes de resistir às narrativas excludentes e de valorizar o legado cultural de seus antepassados de maneira integrada à vida cotidiana.

Neusa Venditte (2025) ressalta que a identidade cultural negra é continuamente reconstruída por meio da memória coletiva e da preservação de objetos simbólicos, como as bonecas abayomi, que incorporam valores de cuidado, proteção e resistência frente às adversidades sociais e ao racismo estrutural, funcionando como instrumentos de reafirmação

de pertencimento, continuidade histórica e valorização de práticas que conectam gerações e fortalecem o vínculo com a ancestralidade.

Celine Maria de Sousa Azevedo (2025) evidencia que a ancestralidade atua como referência central para a formação da identidade negra, sendo a valorização de práticas culturais e a transmissão de histórias ancestrais meios estratégicos para fortalecer a coesão social, ampliar o reconhecimento do legado africano na sociedade contemporânea e permitir que indivíduos negros compreendam sua história e a importância de manter vivas as tradições culturais de seus ancestrais como elementos estruturantes de pertencimento e resistência.

Fabiane Bandeira Viana (2025) argumenta que a memória coletiva e a preservação de saberes ancestrais, expressas por meio de práticas culturais e artísticas, contribuem de forma decisiva para o reconhecimento da importância histórica e simbólica da cultura africana, possibilitando que crianças e jovens negros se apropriem de narrativas que fortalecem a identidade cultural, promovem autoestima e orgulho étnico e consolidam vínculos afetivos e comunitários sustentados pelo conhecimento ancestral.

Priscilla Nayane Magalhães Ribeiro dos Santos (2025) destaca que a arte dos retalhos e a confecção das bonecas abayomi são instrumentos poderosos para a educação da identidade cultural negra, pois permitem que crianças e jovens internalizem valores, compreendam a importância da memória histórica e da ancestralidade e construam uma percepção crítica de sua própria trajetória e de seu lugar no contexto social, promovendo a continuidade de saberes e práticas que resistem ao apagamento cultural.

Gabriel Nascimento de Carvalho (2025) reforça que a ancestralidade e a memória coletiva são fundamentais para a resistência cultural afro-brasileira, sendo as práticas artísticas, a valorização da herança africana e a preservação de objetos simbólicos mecanismos essenciais para fortalecer a autoestima, o orgulho étnico, o senso de pertencimento das comunidades negras e a transmissão de valores que mantêm viva a identidade cultural e a memória histórica das gerações futuras.

A produção das abayomis contribui diretamente para a construção da identidade cultural negra. Ao envolver-se na criação desses objetos, mulheres e crianças reforçam laços de pertencimento e consolidam valores compartilhados (Goyena, 2014). O gesto de confeccionar uma boneca não é apenas afetivo, mas também educativo e culturalmente produtivo, permitindo que a história africana seja transmitida de forma concreta e sensível (Ischkanian, Cabral, Ischkanian, Carvalho & Carvalho, 2025). Cada trança ou nó carrega

múltiplos significados: são símbolos de proteção, cuidado, resistência e continuidade cultural, conectando o indivíduo à coletividade e fortalecendo sua autoestima.

A arte dos retalhos apresenta também potencial pedagógico relevante, aproximando crianças e jovens da compreensão de sua própria história e ancestralidade. A prática de confeccionar abayomis ou de estudar seu significado permite vivenciar experiências históricas, sociais e culturais de maneira prática e afetiva (Ischkanian et al., 2025; Goyena, 2014). Esse contato com a tradição possibilita internalizar valores, perceber a relevância da memória coletiva e compreender a importância de preservar a cultura afro-brasileira, fortalecendo a identidade étnica e o orgulho cultural.

Em síntese, a dimensão de ancestralidade e identidade cultural demonstra que a criação das abayomis vai muito além de um gesto artesanal ou lúdico (Halbwachs, 1952; Halbwachs, 1991). Constitui uma estratégia de preservação cultural, resistência simbólica e fortalecimento da memória coletiva, conectando o passado africano às experiências contemporâneas afro-brasileiras. Cada boneca funciona como elo entre gerações, carregando história, valores e saberes de uma cultura que enfrentou o deslocamento forçado, mas que se mantém viva por meio da transmissão afetiva e da valorização da identidade cultural negra.

2.3. PRÁTICAS ARTÍSTICAS E PEDAGÓGICAS

A arte dos retalhos, como manifestada nas bonecas abayomi, envolve um conjunto de técnicas que valorizam a criatividade, a improvisação e o reaproveitamento de materiais, mostrando que a expressão artística não depende de recursos sofisticados, mas da habilidade de transformar objetos cotidianos em símbolos culturais. Os retalhos, muitas vezes provenientes de roupas usadas, são cortados, amarrados, torcidos e entrelaçados de maneira a criar formas humanas simplificadas, permitindo que a boneca represente diversas etnias africanas e preserve aspectos da memória ancestral. Segundo Abreu (2009), esse tipo de prática artística evidencia a capacidade das comunidades de transformar materiais comuns em patrimônios culturais vivos, que carregam significados históricos e afetivos.

A construção das bonecas abayomi inicia-se com a seleção dos materiais**,** geralmente retalhos de tecido provenientes de roupas usadas ou sobras de costura. É importante que os pedaços escolhidos sejam maleáveis e coloridos, pois cada cor pode representar simbolismos culturais ou afetivos. Esse primeiro passo permite trabalhar a percepção visual e a escolha estética, desenvolvendo habilidades de observação e tomada de decisão.

O segundo passo consiste em preparar os retalhos**,** cortando-os em tiras ou quadrados menores. A largura e o comprimento dos pedaços dependerão do tamanho desejado para a

boneca. Esse momento promove o desenvolvimento da coordenação motora fina, pois exige precisão e cuidado no manuseio do tecido.

Em seguida, inicia-se o entrelace ou amarração do corpo da boneca**.** Um retalho maior é dobrado ou enrolado para formar a estrutura central, que servirá de tronco. Outros retalhos são amarrados ou torcidos para formar braços e pernas. Cada nó ou trança é feito com atenção e paciência, estimulando a concentração, a percepção espacial e a noção de proporção.

O passo seguinte é a formação da cabeça**,** que pode ser feita enrolando um pedaço de tecido em formato circular ou oval e amarrando-o firmemente para manter a forma. Esse processo ensina conceitos básicos de geometria e resistência dos materiais, além de incentivar a experimentação com diferentes técnicas de amarração para atingir o formato desejado.

Depois, procede-se à fixação dos membros ao corpo**.** Braços e pernas são integrados à estrutura central por meio de nós ou amarrações adicionais. A técnica não utiliza cola nem costura, o que estimula a criatividade e a improvisação, pois cada construtor encontra soluções próprias para que a boneca fique estável e equilibrada.

Em seguida, realiza-se o acabamento e detalhamento**,** onde pequenas tranças, nós ou tiras de tecido são adicionados para dar personalidade à boneca. Esses detalhes não representam necessariamente traços faciais realistas, mas podem simbolizar cabelo, vestimenta ou adornos culturais, promovendo reflexão sobre identidade e diversidade étnica.

O passo final é a verificação da integridade e ajuste estético**,** garantindo que todos os nós estejam firmes e que a boneca mantenha a forma desejada. Esse momento permite trabalhar noções de paciência, revisão crítica do próprio trabalho e apreciação estética, reforçando valores de cuidado e dedicação.

Pedagogicamente, todo o processo estimula a criatividade, o raciocínio espacial, a coordenação motora e a autonomia**,** além de criar oportunidades para discutir história, memória e ancestralidade afro-brasileira. Ao transformar materiais simples em símbolos culturais, a construção das abayomis integra aprendizagem prática, afetiva e simbólica.

A técnica possibilita atividades colaborativas**,** em que crianças e jovens podem confeccionar bonecas em grupo, trocando ideias e experiências, promovendo interação social, cooperação e compartilhamento de saberes.

A prática também é uma ferramenta para ensino interdisciplinar**,** podendo ser articulada com História, Arte e Educação Étnico-Cultural, permitindo que estudantes compreendam a diáspora africana, a resistência cultural e a importância da preservação de tradições.

Em contextos pedagógicos formais, é recomendável iniciar com demonstrações passo a passo**,** oferecendo modelos ou exemplos visuais para guiar a execução, permitindo que cada aluno experimente técnicas diferentes e explore soluções criativas.

É importante valorizar o significado simbólico da boneca**,** reforçando que cada trança, nó e escolha de retalho carrega histórias, proteção e memória, promovendo reflexão sobre ancestralidade e identidade cultural afro-brasileira.

O processo de construção pode ser enriquecido com temas reflexivos**,** como debates sobre resistência cultural, desigualdades históricas e valorização de saberes marginalizados, tornando a atividade não apenas manual, mas também educativa e transformadora.

A construção das abayomis é uma prática inclusiva e acessível**,** pois não exige materiais caros ou técnicas complexas, permitindo que qualquer pessoa participe, internalize valores culturais e transforme a atividade em experiência de aprendizado afetiva, criativa e significativa.

O processo de confecção das abayomis é altamente ritualizado e permeado de simbolismos. Cada nó, trança ou amarração não é apenas um elemento estrutural, mas também um veículo de transmissão de valores, histórias e proteção. Esses elementos refletem práticas culturais herdadas da África, incorporando aspectos de religiosidade, cuidado e afeto, e criando uma linguagem simbólica capaz de dialogar com diferentes gerações. Albrecti (2004) destaca que a oralidade e o gesto criativo atuam como instrumentos pedagógicos para preservar e transmitir memórias, sendo as práticas artísticas uma extensão desse fluxo comunicativo.

A escolha dos materiais nas práticas de retalho revela também dimensões éticas e sociais. O reaproveitamento de tecidos e restos de roupas transforma aquilo que seria descartado em objetos de valor simbólico, demonstrando uma consciência cultural e ambiental. Esse processo não apenas promove a criatividade, mas também ensina princípios de sustentabilidade e economia de recursos, oferecendo lições implícitas sobre respeito e cuidado com o que é disponibilizado pelo cotidiano. Alencastro (2000) reforça que a vida nas comunidades africanas e afro-brasileiras frequentemente se organizava em torno da utilização eficiente de recursos, e as práticas artísticas refletem essa realidade.

Os processos criativos das abayomis envolvem a interação entre técnicas manuais e intenção simbólica, evidenciando a dimensão afetiva da produção artística. As crianças e mães que confeccionavam essas bonecas incorporavam sentimentos de proteção e cuidado, utilizando os objetos para confortar e acalmar os pequenos durante as travessias nos navios negreiros. Barreiro e Rediker (2011) descrevem que, apesar das condições de extrema

violência e desumanização, as práticas de cuidado e criatividade funcionavam como estratégias de sobrevivência e resistência cultural, mostrando a importância das expressões artísticas para a preservação da humanidade em contextos de opressão.

A construção das abayomis também é marcada por uma forte dimensão pedagógica, pois envolve a aprendizagem prática de técnicas de amarração, torção e entrelaçamento, habilidades que são transmitidas oralmente de forma comunitária. Essa pedagogia informal permite que os saberes sobre a confecção das bonecas, assim como seus significados simbólicos, sejam incorporados por crianças e jovens, reforçando a importância de manter vivas as tradições culturais. Asante (2009) argumenta que a educação afrocentrada valoriza a transmissão de conhecimento ancestral por meio de práticas culturais que integram história, arte e memória, fortalecendo a identidade cultural.

O caráter coletivo da produção das bonecas também merece destaque. Embora muitas vezes confeccionadas individualmente, as abayomis carregam influências e ensinamentos compartilhados entre mães, avós e crianças, configurando um espaço de aprendizagem colaborativa. Bertozza e Azevedo (2019) enfatizam que práticas desse tipo, quando inseridas no contexto escolar, promovem a valorização das relações étnico-raciais e permitem que os estudantes reconheçam a relevância de saberes tradicionalmente marginalizados.

A linguagem simbólica das abayomis reflete ainda a capacidade de comunicar afetos e significados complexos sem recorrer à escrita formal. Cada elemento da boneca — trança, nó ou retalho — carrega memórias de antepassados, histórias de resistência e registros de valores comunitários. Nesse sentido, as práticas artísticas se tornam uma forma de pedagogia não verbal, transmitindo ensinamentos essenciais sobre ancestralidade, solidariedade e cuidado (Abreu, 2009).

As práticas de retalho também estimulam a imaginação e a criatividade, permitindo que cada boneca seja única e que seu criador explore diferentes formas, cores e combinações de materiais. Esse aspecto lúdico não diminui sua importância pedagógica; ao contrário, promove o aprendizado ativo e a autonomia criativa, incentivando crianças e jovens a desenvolverem habilidades motoras, cognitivas e afetivas ao mesmo tempo que se conectam com a história de seu grupo social (Albrecti, 2004).

A função educativa das abayomis se estende à escola, podendo ser incorporada em projetos de valorização da cultura afro-brasileira. Através da produção e análise das bonecas, professores podem abordar temas de história, memória e resistência, criando oportunidades para discussões sobre identidade, racismo estrutural e preservação cultural. Abreu (2009)

salienta que a incorporação de práticas culturais como patrimônio educativo possibilita a construção de um currículo mais inclusivo e sensível às diversidades históricas e sociais.

As práticas artísticas das abayomis também desempenham papel na preservação do patrimônio cultural imaterial. Cada boneca funciona como repositório de saberes e memórias, conectando gerações e mantendo vivas tradições que poderiam se perder com o tempo. Bertozza e Azevedo (2019) destacam que o reconhecimento dessas práticas como patrimônio cultural amplia o acesso a uma educação mais plural, permitindo que histórias marginalizadas encontrem espaço em narrativas pedagógicas e sociais.

A articulação entre estética e significado. A aparência simples das bonecas não diminui seu valor simbólico; ao contrário, a escolha de cores, formas e tecidos carrega significados ligados à proteção, identidade e ancestralidade. Alencastro (2000) evidencia que as práticas culturais desenvolvidas nas comunidades afro-brasileiras frequentemente combinam função utilitária e simbólica, de modo que objetos cotidianos adquirem valor educativo e cultural.

A confecção das abayomis também promove o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários (Barreiro & Rediker, 2011). Ao envolver crianças e adultos na produção das bonecas, cria-se um espaço de interação social, aprendizagem colaborativa e troca de experiências, reforçando laços afetivos e transmitindo valores de solidariedade e cuidado, elementos centrais na construção da identidade cultural negra.

A pedagogia implícita nas práticas de retalho permite que crianças e jovens compreendam conceitos complexos, como resistência cultural, identidade e memória histórica, de forma concreta e afetiva (Asante, 2009). As bonecas tornam-se instrumentos educativos que possibilitam a integração entre teoria e prática, passado e presente, transmitindo saberes que contribuem para a formação de sujeitos críticos e conscientes de suas raízes.

Guia Didático: Construção de Bonecas Abayomi como prática pedagógica

Objetivo Geral: Proporcionar aos alunos a compreensão da ancestralidade afro-brasileira, da identidade cultural negra e da memória coletiva por meio da prática artística da confecção das bonecas abayomi, estimulando habilidades manuais, cognitivas e afetivas.

Materiais Necessários:

Retalhos de tecido de diferentes cores e texturas

Tesoura

Fitas ou cordões para amarração (opcional)

Superfície limpa para montagem

Exemplares de bonecas abayomi para referência visual

Passo a Passo da Técnica:

Seleção dos Materiais: Inicie escolhendo retalhos que despertem interesse visual e simbólico, incentivando a reflexão sobre cores, padrões e significados culturais. Explique que cada cor pode ter simbolismos afetivos ou ligados à ancestralidade.

Preparação dos Retalhos: Corte os tecidos em tiras ou quadrados menores, adaptando o tamanho conforme o tamanho desejado da boneca. Esse passo desenvolve coordenação motora fina e atenção aos detalhes.

Formação do Corpo: Dobre ou enrole um retalho maior para criar o tronco da boneca. Amarre ou torça outros retalhos para formar braços e pernas. Incentive que cada nó e trança seja feito com cuidado, explicando seu valor simbólico e de proteção.

Construção da Cabeça: Enrole um retalho em formato circular ou oval e amarre firmemente. Estimule os alunos a explorar diferentes formas e técnicas de amarração, promovendo criatividade e experimentação.

Fixação dos Membros: Integre braços e pernas ao tronco usando nós ou tranças adicionais. Explique que a ausência de cola ou costura estimula soluções criativas e reforça a habilidade manual.

Detalhamento e Personalização: Adicione tranças, nós ou tiras que representem cabelo, roupas ou adornos culturais. Discuta com os alunos o significado simbólico de cada detalhe, relacionando-o à identidade cultural.

Acabamento e Verificação: Revise todos os nós e tranças para garantir estabilidade. Incentive a apreciação crítica do próprio trabalho, reforçando paciência, cuidado e percepção estética.

Sugestões de Atividades Pedagógicas com as Bonecas Abayomi:

História e Memória: Relacionar cada boneca à narrativa da diáspora africana, explicando como mães e crianças preservavam sua cultura nos navios negreiros, incentivando pesquisas históricas e leituras complementares.

Identidade e Afetividade: Discutir como a boneca representa cuidado, proteção e conexão com ancestrais, promovendo reflexões sobre identidade pessoal e coletiva e fortalecendo vínculos afetivos entre alunos e comunidade.

Arte e Criatividade: Estimular a experimentação de cores, texturas, formas e padrões, desenvolvendo habilidades artísticas, senso estético e coordenação motora fina, permitindo que cada aluno crie uma boneca única.

Trabalho Colaborativo: Produzir bonecas em grupo, promovendo cooperação, troca de experiências, compartilhamento de saberes e fortalecimento de vínculos sociais e comunitários.

Reflexão Social: Debater racismo estrutural, resistência cultural e valorização de saberes marginalizados, relacionando a prática com a realidade social contemporânea e promovendo empatia e consciência social.

Expressão Literária: Incentivar os alunos a escrever relatos, histórias, poemas ou narrativas sobre suas bonecas, incorporando elementos simbólicos e reflexões sobre ancestralidade e memória cultural.

Educação Emocional: Explorar os sentimentos de cuidado, proteção e empatia que as bonecas representam, promovendo discussões sobre vínculos familiares, apoio emocional e autocuidado.

Geografia e Cultura: Mapear a trajetória da diáspora africana, identificando países de origem, rotas do tráfico negreiro e regiões brasileiras que receberam comunidades africanas, relacionando a geografia à história cultural.

Matemática Aplicada: Trabalhar medidas, proporções, simetria e geometria ao cortar e montar retalhos, incentivando raciocínio lógico e habilidades espaciais de forma prática e lúdica.

Ciência e Sustentabilidade: Discutir propriedades dos materiais utilizados, reaproveitamento de tecidos e práticas de economia circular, promovendo consciência ambiental e consumo responsável.

Música e Ritmo: Integrar a confecção das bonecas a cantos, ritmos e danças africanas e afro-brasileiras, relacionando cultura, memória e movimento corporal.

Ensino Religioso: Abordar simbolismos de proteção, espiritualidade e religiosidade africana, como o papel dos orixás, reforçando respeito à diversidade religiosa e à tradição afro-brasileira.

Educação Ético-Cultural: Trabalhar valores de diversidade, igualdade, respeito, solidariedade e empatia, relacionando a atividade às práticas de cidadania e convivência ética.

Tecnologia e Educação Maker: Utilizar metodologias maker para planejar, testar e aprimorar a confecção das bonecas, promovendo resolução de problemas, pensamento crítico e criatividade aplicada.

Expressão Oral: Apresentar a própria boneca e contar sua história para a turma, desenvolvendo habilidades de comunicação oral, argumentação e narrativa.

Fotografia e Documentação: Registrar o processo de confecção das bonecas em fotos ou vídeos, criando portfólios ou exposições digitais que integrem arte, história e memória cultural.

Interdisciplinaridade: Criar projetos que envolvam Arte, História, Língua Portuguesa e Ciências, promovendo compreensão integral das práticas culturais afro-brasileiras e suas múltiplas dimensões.

Jogos e Dinâmicas Lúdicas: Propor atividades de dramatização ou encenação das histórias das bonecas, estimulando imaginação, criatividade, cooperação e habilidades de expressão corporal.

Pesquisa e Investigação: Incentivar a investigação sobre práticas culturais afro-brasileiras, tráfico negreiro e resistência cultural, desenvolvendo competências de pesquisa, análise crítica e síntese de informações.

Exposição e Compartilhamento: Organizar exposições das bonecas e seus relatos, permitindo que os alunos apresentem suas produções à comunidade escolar, valorizando o trabalho coletivo e o patrimônio cultural imaterial.

Integração Curricular Ampliada das Bonecas Abayomi:

Arte: A confecção das bonecas abayomi oferece uma oportunidade completa para explorar técnicas de amarração, dobradura, torção e entrelaçamento de tecidos, desenvolvendo a coordenação motora fina e a percepção espacial. Além disso, a prática permite trabalhar composição de cores, contrastes, texturas e design, estimulando a criatividade e a experimentação estética. Os alunos podem ser incentivados a criar padrões próprios, testar combinações de tecidos e interpretar livremente símbolos culturais em suas bonecas, fortalecendo o senso crítico e a autonomia artística. A atividade também promove a reflexão sobre a função social e cultural da arte, mostrando que objetos simples podem ter significados profundos ligados à história e à memória coletiva.

História: No contexto histórico, a construção das abayomis permite contextualizar a diáspora africana, o tráfico negreiro e as formas de resistência cultural desenvolvidas pelas comunidades negras. A atividade oferece uma abordagem prática para discutir temas complexos como a escravidão, o impacto da separação forçada de famílias e a preservação de saberes ancestrais. Por meio da confecção das bonecas, os estudantes podem refletir sobre como a memória coletiva se mantém viva e sobre a importância da resistência cultural como estratégia de sobrevivência e afirmação de identidade, criando conexões entre passado e presente e promovendo compreensão crítica sobre a formação da sociedade brasileira.

Educação Ético-Cultural: As bonecas abayomi constituem ferramentas poderosas para trabalhar valores como identidade, diversidade, empatia, solidariedade e respeito às diferenças culturais. Durante a atividade, os alunos podem discutir a valorização da cultura afro-brasileira, refletir sobre as desigualdades históricas e sociais, e compreender a importância de preservar a memória de grupos historicamente marginalizados. Além disso, a atividade estimula habilidades socioemocionais, promovendo cooperação, diálogo, cuidado com os colegas e responsabilidade coletiva, reforçando conceitos de ética e cidadania em contextos educativos.

Língua Portuguesa: A prática das bonecas também pode ser integrada ao ensino da Língua Portuguesa, incentivando relatos, narrativas, histórias ou textos reflexivos sobre a criação das bonecas e o significado de cada detalhe. Os alunos podem escrever sobre o processo de confecção, sobre os valores e símbolos incorporados, ou sobre experiências imaginárias que relacionem a boneca a histórias de ancestralidade e resistência. Essa abordagem permite desenvolver habilidades de expressão escrita, ampliação do vocabulário, capacidade de descrição detalhada e narrativa estruturada, enquanto reforça a compreensão de textos e práticas de leitura crítica vinculadas à cultura afro-brasileira.

Matemática: A atividade também pode ser explorada em Matemática, utilizando medidas, proporções e simetria. Ao cortar retalhos, calcular tamanhos e equilibrar a estrutura da boneca, os alunos aplicam conceitos geométricos e aritméticos, além de desenvolver noções de precisão e planejamento, reforçando a aplicação prática da matemática em situações concretas e criativas.

Ciências: Em Ciências, a confecção das bonecas pode ser relacionada a temas como propriedades físicas dos materiais, resistência de tecidos, estrutura e estabilidade de objetos. Pode-se discutir a reutilização de resíduos têxteis como prática sustentável, promovendo consciência ambiental e reflexão sobre o reaproveitamento de recursos naturais e materiais do cotidiano.

Geografia: A atividade pode ser conectada ao estudo das rotas do tráfico negreiro, à localização geográfica da África e do Brasil, e à análise de como as comunidades africanas preservaram suas culturas em diferentes regiões. Isso permite explorar relações entre espaço, cultura e história, mostrando como processos históricos se refletem nas práticas culturais contemporâneas.

Música e Dança: É possível integrar a prática com música e dança afro-brasileira, utilizando ritmos e movimentos que simbolizam tradições culturais, promovendo vivências

corporais e sonoras relacionadas à ancestralidade. Os alunos podem criar pequenos rituais simbólicos com as bonecas, fortalecendo a dimensão afetiva e cultural da aprendizagem.

Tecnologia e Educação Maker: A confecção das abayomis pode ser vinculada a metodologias maker e atividades de aprendizado ativo, incentivando os alunos a projetar, testar e aperfeiçoar suas criações. A prática desenvolve habilidades de planejamento, solução de problemas, criatividade e pensamento crítico, aproximando tecnologia, arte e tradição cultural em uma abordagem integradora.

Ensino Religioso ou Educação Moral e Cívica: As bonecas permitem discutir práticas religiosas e espirituais africanas, como o significado dos orixás e a simbologia da proteção e cuidado. Isso contribui para o respeito à diversidade religiosa e a compreensão de valores culturais que influenciam a vida cotidiana das comunidades afro-brasileiras.

Educação Física: A atividade pode ser associada à coordenação motora ampla e fina, trabalhando movimentos precisos das mãos, dedos e braços durante a confecção das bonecas, estimulando atenção, controle corporal e percepção espacial.

Atividades Interdisciplinares: A construção das bonecas pode ser organizada como projeto interdisciplinar, envolvendo Arte, História, Língua Portuguesa, Ciências e Educação Ético-Cultural. Os alunos podem documentar o processo, pesquisar a história da diáspora africana, refletir sobre ancestralidade e resistência, e apresentar suas produções em exposições escolares ou digitais, fortalecendo habilidades de comunicação, trabalho em grupo e valorização da cultura.

Reflexão Pedagógica: A prática da confecção das abayomis permite que os alunos compreendam **a** importância da memória coletiva e da ancestralidade**,** desenvolvendo habilidades manuais, cognitivas e afetivas de forma integrada. As bonecas tornam-se ferramentas educativas que transmitem valores de cuidado, solidariedade, resistência e pertencimento cultural, consolidando a identidade afro-brasileira. Ao transformar materiais simples em símbolos culturais, os alunos aprendem que a criatividade e a arte podem ser instrumentos poderosos de preservação histórica, expressão pessoal e construção coletiva.

A confecção de bonecas abayomi é uma prática inclusiva, acessível e significativa, que articula aprendizado prático e reflexão cultural. Ao incorporar essa atividade no currículo escolar ou em projetos pedagógicos, é possível promover educação afetiva, histórica e artística**,** fortalecendo a consciência sobre ancestralidade, diversidade e resistência cultural, além de valorizar saberes historicamente marginalizados. Ao integrar todas as disciplinas, a prática da confecção das bonecas abayomi promove aprendizagem significativa, conectando teoria e prática, passado e presente, conhecimento técnico e valores culturais. A atividade não

só desenvolve habilidades acadêmicas e manuais, como também reforça identidade, pertencimento e consciência crítica sobre ancestralidade, diversidade e resistência cultural afro-brasileira.

As práticas artísticas e pedagógicas relacionadas às abayomis demonstram como a criatividade e a ancestralidade podem ser aliadas na educação, oferecendo caminhos para que valores, histórias e memórias sejam preservados e transmitidos ancestrais (Bertozza & Azevedo, 2019). Através da confecção das bonecas, os participantes desenvolvem habilidades manuais, cognitivas e afetivas, ao mesmo tempo que internalizam ensinamentos sobre resistência, cuidado e pertencimento, fortalecendo a identidade cultural afro-brasileira e garantindo a continuidade das tradições.

2.4. MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E VALORIZAÇÃO DA CULTURA NEGRA

A preservação da memória das comunidades negras, especialmente por meio da arte, desempenha um papel central na construção da identidade e na resistência cultural, permitindo que histórias, saberes e tradições marginalizadas sejam transmitidas de geração em geração. Nesse contexto, as bonecas abayomi representam mais do que objetos lúdicos; elas funcionam como repositórios simbólicos de memórias ancestrais, registrando experiências de sofrimento, cuidado e resistência ao longo da diáspora africana. A arte dos retalhos, portanto, não apenas reconstrói a história por meio de formas concretas, mas também cria vínculos afetivos e educativos que fortalecem a identidade.

A resistência cotidiana das comunidades negras se manifesta na capacidade de preservar e reinventar saberes em contextos de opressão, e as abayomis ilustram perfeitamente essa dinâmica (Gomes, 2018). Cada trança, nó ou amarração carrega significados de proteção, ancestralidade e memória, transformando simples pedaços de tecido em símbolos de dignidade e persistência cultural. A construção das bonecas é, portanto, uma forma de resistência silenciosa e poderosa, que desafia o apagamento histórico e reafirma a presença contínua da cultura africana no Brasil.

A memória cultural desempenha um papel pedagógico essencial, pois permite que crianças e jovens compreendam sua origem e se conectem com a ancestralidade de forma concreta e afetiva (Gonçalves, 2005). Ao participar da confecção das abayomis, os estudantes internalizam ensinamentos sobre solidariedade, cuidado e identidade, enquanto reconhecem a importância de preservar práticas culturais que foram historicamente marginalizadas. Essa dimensão educativa transforma a memória em uma ferramenta viva de resistência e empoderamento.

A valorização da cultura negra requer não apenas a lembrança dos acontecimentos históricos, mas também o reconhecimento da riqueza simbólica e estética das expressões culturais (Gonçalves, 2007). As bonecas abayomi, por sua simplicidade e profundidade, exemplificam como a arte popular pode ser utilizada para registrar memórias, contar histórias e afirmar a identidade coletiva, mostrando que a resistência cultural se manifesta tanto em práticas cotidianas quanto em manifestações simbólicas mais complexas.

A arte como instrumento de resistência proporciona meios de enfrentar o racismo estrutural e o apagamento histórico, pois permite que comunidades negras ocupem espaços simbólicos e educativos que, de outra forma, lhes seriam negados. Cada abayomi confeccionada representa uma afirmação de valor, pertencimento e memória, desafiando narrativas hegemônicas e fortalecendo a autoestima coletiva de pessoas negras (Ischkanian, 2014).

Além de função simbólica, a construção das bonecas promove o fortalecimento da memória afetiva, pois conecta crianças e adultos ao imaginário e às experiências de seus antepassados. As práticas manuais envolvidas na criação das abayomis permitem vivenciar de forma sensorial o cuidado, a proteção e o vínculo comunitário, reforçando a dimensão emocional da resistência e o significado profundo da ancestralidade.

O resgate da memória por meio das abayomis também permite discutir a importância da preservação de saberes marginalizados em contextos educativos. Ao integrar essa prática em projetos escolares ou atividades pedagógicas, professores podem abordar temas como escravidão, tráfico negreiro, resistência cultural e valorização da diversidade, tornando a história viva e acessível para as novas gerações.

A resistência materializada na arte dos retalhos evidencia que objetos simples podem carregar múltiplos significados, funcionando como veículos de transmissão de conhecimento e experiências (Gonçalves, 2005). Cada boneca abayomi é, portanto, uma lição viva de história, memória e ancestralidade, mostrando que a resistência não precisa ser grandiosa ou visível para ser efetiva; ela se manifesta também no cuidado cotidiano, na preservação da cultura e na transmissão de saberes.

A valorização da cultura negra também implica reconhecer o papel central das mulheres na transmissão de saberes e na preservação da memória (Gonçalves, 2007). As mães e avós que confeccionavam abayomis não apenas acalmavam e protegiam seus filhos, mas também garantiam que histórias, símbolos e práticas culturais fossem perpetuadas, fortalecendo o tecido social e cultural das comunidades negras.

A memória e a resistência das comunidades negras se articulam de maneira profunda por meio da prática artística, permitindo que os indivíduos compreendam a continuidade histórica de seus grupos e reconheçam a importância de preservar e valorizar sua cultura. As bonecas abayomi, ao materializarem histórias de dor, separação e superação, funcionam como instrumentos de aprendizagem intergeracional, conectando passado e presente e promovendo reflexão crítica sobre desigualdades, preconceitos e racismo estrutural (Ischkanian, 2014). Cada trança, nó ou retalho das abayomis carrega memórias afetivas e simbólicas que afirmam a ancestralidade, o cuidado e a proteção, transformando materiais simples em registros vivos de história e resistência.

O conceito africano de Ubuntu, originário das tradições bantu do sul da África, oferece uma dimensão ética, social e filosófica que complementa a compreensão da memória e da resistência. Ubuntu pode ser resumido na máxima “Eu sou porque nós somos”, refletindo a ideia de que a identidade individual está intrinsecamente ligada à coletividade, à comunidade e aos laços sociais que sustentam a vida em grupo. Essa filosofia enfatiza que o bem-estar de cada pessoa depende do bem-estar do coletivo, promovendo solidariedade, empatia, responsabilidade social e cuidado mútuo.

Historicamente, Ubuntu surgiu nas sociedades africanas como um princípio orientador das relações humanas, da organização comunitária e da educação moral, sendo transmitido oralmente de geração em geração. Ele norteava a forma como as pessoas se relacionavam, resolviam conflitos e garantiam a coesão social. A prática do Ubuntu se manifestava em atitudes cotidianas, como ajudar vizinhos, respeitar os mais velhos, partilhar recursos e conhecimentos e preservar valores culturais e espirituais. Em contextos de opressão, como a escravidão, o princípio do Ubuntu permitia que comunidades africanas mantivessem sua coesão, fortalecessem vínculos familiares e comunitários e resistissem à desumanização imposta pelo sistema escravista.

A arte das bonecas abayomi pode ser compreendida à luz do Ubuntu, pois cada boneca representa cuidado, proteção e conexão com a comunidade. Quando mães e avós africanas confeccionavam essas bonecas para acalmar seus filhos nos navios negreiros, elas não apenas transmitiam afetividade, mas também reproduziam valores comunitários essenciais: preservação da vida, da cultura e da memória coletiva. Cada nó ou trança simbolizava vínculos que atravessavam gerações, reforçando que a sobrevivência de uma criança dependia da proteção coletiva, da solidariedade e da interdependência presentes na filosofia Ubuntu.

Ubuntu também traz a ideia de que a identidade individual é inseparável da identidade coletiva. No contexto da diáspora africana, a prática artística das abayomis funcionava como um mecanismo de afirmação identitária e resistência cultural. Ao produzir e cuidar das bonecas, os africanos e afrodescendentes brasileiros garantiam que suas tradições, histórias e valores sobrevivessem, mesmo em meio a condições adversas e violentas, reafirmando que a cultura, assim como a humanidade, se preserva através da interconexão e da solidariedade (Ischkanian, 2014).

O conceito de Ubuntu pode ser aplicado pedagogicamente ao estudo das abayomis, pois ensina que o conhecimento, a memória e os saberes ancestrais só permanecem vivos quando compartilhados e transmitidos. Ao envolver alunos em atividades de confecção das bonecas, professores podem enfatizar que a aprendizagem não é apenas individual, mas um processo coletivo, no qual cada participante contribui para a preservação da história, da cultura e da identidade do grupo. Assim, a arte torna-se um veículo de educação ética, cultural e social.

Ubuntu reforça a dimensão afetiva da resistência, mostrando que proteger o outro e valorizar o coletivo são formas de resistir à opressão e à marginalização. Ao criar abayomis, os praticantes reproduzem essa ética africana, transmitindo valores de empatia, cuidado, solidariedade e respeito às tradições, consolidando a arte como instrumento de empoderamento e preservação cultural (Florentino, 1995).

A memória coletiva, fortalecida pelo Ubuntu, permite que os descendentes de africanos compreendam suas origens e conectem-se com a ancestralidade de maneira significativa. As bonecas abayomi funcionam como “portais simbólicos”, conectando gerações passadas e futuras, estimulando reflexão crítica sobre desigualdades e a importância da resistência cultural contínua. Cada boneca torna-se um elo vivo entre passado e presente, representando a força do coletivo e a responsabilidade compartilhada de preservar a cultura (Gonçalves, 2005).

Ubuntu também promove resiliência comunitária, essencial para enfrentar o racismo estrutural e a invisibilidade histórica das comunidades negras. A prática das abayomis exemplifica como objetos cotidianos podem ser transformados em instrumentos de resistência simbólica, educativa e emocional, fortalecendo a autoestima e a valorização da identidade negra. A conexão entre arte, memória e filosofia africana evidencia que resistência não é apenas reação a opressão, mas afirmação positiva de valores, vínculos e cultura (Gonçalves, 2007).

As bonecas abayomi, ao incorporarem os princípios do Ubuntu, tornam-se veículos para a transmissão de valores essenciais, como respeito mútuo, cooperação, responsabilidade social e preservação da memória cultural. Cada nó e trança não apenas representa estética e cuidado, mas também simboliza o compromisso ético de manter vivos os laços comunitários, a tradição e a ancestralidade (Gomes, 2018).

A filosofia Ubuntu ajuda a compreender que a resistência cultural é coletiva e interdependente. Ao trabalhar com as abayomis, alunos e participantes de atividades educativas aprendem que suas ações individuais têm impacto sobre o grupo, reforçando o sentido de pertencimento, solidariedade e responsabilidade social. Essa abordagem evidencia que a preservação cultural não é apenas um ato de memória, mas um compromisso contínuo com a justiça, a dignidade e a identidade coletiva (Ischkanian, 2014).

Além da dimensão pedagógica, o Ubuntu fortalece a resistência afetiva. Cada boneca produzida é um gesto de cuidado, de amor e de proteção, funcionando como símbolo da interconexão humana e da importância de manter os laços culturais e sociais vivos. Assim, a prática artística se torna um ato político, ético e cultural, reforçando a centralidade do coletivo na sobrevivência e na afirmação da identidade negra (Florentino, 1995).

Ao unir a arte das abayomis com os princípios do Ubuntu, percebe-se que a cultura negra resiste e se renova através da criatividade, da memória e do cuidado compartilhado. Cada boneca funciona como uma narrativa viva, conectando a dor histórica à celebração da ancestralidade, evidenciando que o empoderamento cultural depende da solidariedade e da interdependência, valores centrais da filosofia africana (Gonçalves, 2005).

A história do Ubuntu e sua aplicação prática nas abayomis demonstram que a preservação da memória, a resistência cultural e a valorização da identidade afro-brasileira são processos inseparáveis, nos quais a arte se converte em instrumento educativo, emocional e político. Cada boneca simboliza não apenas sobrevivência e cuidado, mas também a força da coletividade, a importância do pertencimento e a continuidade da cultura negra, reafirmando que “Eu sou porque nós somos” é um princípio fundamental para a manutenção da história, da memória e da ancestralidade (Ischkanian, 2014).

A preservação e o reconhecimento de saberes historicamente marginalizados é fundamental para a construção de sociedades mais justas e igualitárias (Florentino, 1995). As bonecas abayomi ilustram como a valorização cultural pode ser prática, concreta e afetiva, oferecendo aos participantes experiências de empoderamento e consciência histórica, ao mesmo tempo em que resgatam tradições que poderiam se perder.

Simone Helen Drumond Ischkanian (2025): A preservação da memória cultural afro-brasileira por meio da arte, das narrativas orais e das práticas comunitárias, como a confecção das bonecas abayomi, evidencia que a resistência das comunidades negras não se limita à luta política formal, mas se manifesta também na capacidade de manter vivos os laços afetivos, os saberes ancestrais e as tradições cotidianas, promovendo a construção de identidades coletivas e individuais que afirmam a dignidade, a ancestralidade e o pertencimento histórico de gerações sucessivas.

Gladys Nogueira Cabral (2025): A resistência cultural se manifesta de forma concreta na valorização e na transmissão de saberes que foram historicamente marginalizados, demonstrando que as expressões artísticas afro-brasileiras, incluindo as bonecas abayomi, funcionam como instrumentos de memória viva capazes de registrar histórias de sofrimento, superação, cuidado e solidariedade, garantindo que os valores e experiências da diáspora africana continuem sendo reconhecidos e celebrados.

Sandro Garabed Ischkanian (2025): A memória, quando preservada por meio de práticas artísticas e educativas, torna-se um poderoso mecanismo de resistência contra o apagamento histórico, permitindo que comunidades negras reafirmem sua presença social, fortaleçam suas tradições culturais e reconstruam narrativas positivas de ancestralidade, evidenciando que cada gesto de preservação cultural contribui para consolidar uma identidade coletiva resiliente e consciente.

Rosimery Mendes Rodrigues (2025): O reconhecimento e a valorização da cultura negra exigem a articulação de práticas que conectem passado e presente, transformando objetos cotidianos, histórias familiares e rituais comunitários em símbolos vivos de resistência e preservação da identidade afro-brasileira, mostrando que cada manifestação cultural é ao mesmo tempo pedagógica, afetiva e política, capaz de reforçar vínculos sociais e memória coletiva.

Ana Maria Bárbara Lima (2025): A resistência cotidiana das comunidades negras se manifesta na habilidade de manter vivas as memórias, tradições e expressões culturais, revelando que a valorização da cultura afro-brasileira é um ato contínuo de afirmação identitária, fortalecimento comunitário e transmissão de saberes, nos quais objetos como as bonecas abayomi assumem papel central ao materializar afetos, histórias e práticas ancestrais de cuidado.

Silvana Nascimento de Carvalho (2025): A memória cultural afro-brasileira, quando cultivada e transmitida por meio da arte, das práticas educativas e de experiências intergeracionais, atua como mecanismo de empoderamento e resiliência, oferecendo aos

indivíduos instrumentos simbólicos e afetivos que os capacitam a enfrentar desigualdades, preservar suas raízes, fortalecer a autoestima e afirmar a identidade coletiva frente aos desafios sociais contemporâneos.

Neusa Venditte (2025): Preservar a memória negra é reconhecer a força da resistência histórica, celebrando a riqueza da cultura afro-brasileira por meio de práticas que transformam narrativas e objetos em instrumentos simbólicos de ensino, empoderamento e valorização, como ocorre com as bonecas abayomi, que carregam saberes, valores e experiências essenciais para a compreensão da ancestralidade e da continuidade cultural.

Celine Maria de Sousa Azevedo (2025): A valorização da cultura negra requer a compreensão da importância de narrativas que fortalecem a memória coletiva, revelando como práticas culturais, como a confecção artística das abayomis, funcionam como espaços de resistência simbólica, pedagógica e afetiva, permitindo que histórias de luta, cuidado e ancestralidade sejam perpetuadas e reconhecidas como patrimônio imaterial da humanidade.

Fabiane Bandeira Viana (2025): A memória e a resistência cultural se entrelaçam de forma inseparável na produção artística afro-brasileira, demonstrando que cada expressão, objeto ou tradição, incluindo a criação das bonecas abayomi, serve para preservar experiências históricas, fortalecer vínculos comunitários e reafirmar a identidade negra diante de contextos de marginalização, racismo estrutural e apagamento simbólico.

Priscilla Nayane Magalhães Ribeiro dos Santos (2025): A preservação da memória afro-brasileira por meio da arte e das práticas educativas representa uma estratégia de resistência simbólica e cultural, capaz de transmitir valores, histórias de superação e ensinamentos sobre ancestralidade, consolidando a valorização da cultura negra para as gerações presentes e futuras e reforçando a importância de reconhecer e honrar os saberes das comunidades afrodescendentes.

Gabriel Nascimento de Carvalho (2025): A resistência cultural se expressa na valorização contínua das tradições e saberes afro-brasileiros, demonstrando que a memória, a ancestralidade e a identidade coletiva são fortalecidas por práticas simbólicas, artísticas e educativas que preservam a história, celebram conquistas e contribuem para o empoderamento social, afetivo e cultural das comunidades negras.

A resistência cotidiana se manifesta também na capacidade de criar sentido e beleza a partir de recursos limitados (Gomes, 2018). Ao transformar retalhos em bonecas, as comunidades negras afirmam a importância da criatividade, da adaptação e da preservação cultural como estratégias de sobrevivência e afirmação identitária.

A memória cultural compartilhada pelas abayomis reforça a importância do coletivo e do pertencimento (Gonçalves, 2005). Cada boneca é um elo que conecta indivíduos, famílias e comunidades, preservando experiências históricas e sociais e fortalecendo a continuidade das tradições afro-brasileiras, mesmo frente às adversidades históricas.

A arte das abayomis contribui para o combate ao apagamento histórico ao criar objetos que narram histórias e perpetuam saberes (Gonçalves, 2007). Essas práticas possibilitam a reflexão crítica sobre racismo, desigualdade e preconceito, e mostram que a resistência cultural não é apenas simbólica, mas também educativa e transformadora, promovendo reconhecimento e valorização da identidade negra.

A prática de criar e valorizar bonecas abayomi evidencia que memória, resistência e cultura estão intrinsecamente conectadas (Ischkanian, 2014). Cada trança, nó e retalho representa a capacidade humana de resistir à opressão, preservar a ancestralidade e transformar a dor histórica em expressão artística, educativa e política, consolidando a importância da arte como instrumento de resistência e fortalecimento da cultura negra.

2.5. PEDAGOGIA AFROCENTRADA NAS ESCOLAS DO BRASIL

A pedagogia afrocentrada nas escolas do Brasil emerge como uma abordagem educacional fundamental para a valorização e o respeito à cultura negra, especialmente em consonância com a Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira. A implementação dessa abordagem permite que os alunos compreendam suas raízes, reconheçam a importância da ancestralidade e desenvolvam orgulho de sua cor e identidade, fortalecendo tanto a autoestima individual quanto a consciência coletiva das comunidades negras. Norbert Elias (2008) destaca que a educação deve considerar a posição dos indivíduos dentro da estrutura social. Neste contexto os autores *Simone Helen Drumond Ischkanian; Gladys Nogueira Cabral; Sandro Garabed Ischkanian; Rosimery Mendes Rodrigues; Ana Maria Bárbara Lima; Silvana Nascimento de Carvalho; Neusa Venditte; Celine Maria de Sousa Azevedo; Fabiane Bandeira Viana; Priscilla Nayane Magalhães Ribeiro dos Santos e Gabriel Nascimento de Carvalho evidenciam* que compreender as relações de poder e pertencimento é essencial para promover a equidade nas instituições de ensino.

Confecção de bonecas abayomi, utilizando retalhos de tecidos para criar bonecas sem costura, promovendo identidade, ancestralidade e criatividade.

Rodas de conversa sobre ancestralidade, estimulando relatos familiares e histórias de avós ou parentes sobre raízes africanas.

Contação de histórias da diáspora africana, narrando mitos, lendas e experiências históricas de resistência cultural.

Construção de mapas da diáspora africana, localizando países africanos, rotas do tráfico negreiro e cidades brasileiras de chegada.

Criação de murais históricos, representando a trajetória do povo negro e sua resistência no Brasil por meio de desenhos, colagens e fotos.

Expressão corporal e dança afro-brasileira, trabalhando ritmos, movimentos e coreografias que conectem alunos à cultura africana.

Oficinas de capoeira, integrando história, ética e movimento, enfatizando valores de resistência, disciplina e comunidade.

Produção de textos narrativos, incentivando redações sobre a própria história, identidade e experiências pessoais relacionadas à ancestralidade.

Criação de poesia afrocentrada, trabalhando literatura poética de autores negros e permitindo que alunos escrevam poemas sobre memória e resistência.

Atividades de arte com colagem e retalhos, explorando técnicas de amarração, composição de cores e texturas, relacionadas às abayomis.

Estudo de biografias de personalidades negras, pesquisando e apresentando figuras históricas e contemporâneas que contribuíram para a cultura afro-brasileira.

Jogo de perguntas e respostas sobre história negra, criando quizzes que explorem o conhecimento da diáspora africana e conquistas afro-brasileiras.

Teatro e dramatização de histórias, com encenações de situações históricas, lendas africanas ou relatos de resistência.

Criação de livrinhos ilustrados, nos quais os alunos produzem pequenas histórias ou quadrinhos sobre heróis e heroínas negras.

Oficina de instrumentos musicais africanos, construindo e tocando tambores, berimbaus e outros instrumentos tradicionais.

Pesquisa sobre comidas e tradições afro-brasileiras, elaborando projetos sobre alimentação, festas e práticas culturais.

Atividade de comparação cultural, pesquisando semelhanças entre culturas africanas e afro-brasileiras, refletindo sobre herança cultural.

Confecção de máscaras africanas, trabalhando técnicas manuais e simbolismos relacionados a rituais e festas tradicionais.

Criação de painéis de símbolos africanos e iorubás, representando orixás, signos e elementos de religiosidade africana.

Atividades de matemática contextualizada, resolvendo problemas usando referências culturais afro-brasileiras, como contagem de tranças ou sequências em arte.

Oficina de canto e música afro-brasileira, ensinando canções populares e religiosas de matrizes africanas, estimulando expressão e memória coletiva.

Projeto "Meu nome e minha história", explorando a origem dos nomes afro-brasileiros e sua relação com identidade e ancestralidade.

Atividade de jornal escolar afrocentrado, criando uma edição especial do jornal ou mural escolar com conteúdos sobre cultura negra.

Rodas de debate sobre racismo e igualdade, discutindo questões sociais atuais com base em história e vivências dos estudantes.

Oficina de expressão simbólica com nós e tranças, inspirada nas bonecas abayomi, enfatizando criatividade, cooperação e transmissão cultural.

Análise de filmes e documentários afro-brasileiros, promovendo reflexão sobre diáspora, resistência e representatividade.

Criação de podcasts ou vídeos sobre ancestralidade, produzindo conteúdos digitais narrando histórias de resistência, cultura e identidade negra.

Projeto de hortas e plantas africanas, trabalhando alimentação, sustentabilidade e resgate de saberes tradicionais ligados à cultura afro-brasileira.

Exposição cultural escolar, montando mostras de artes, fotografias e trabalhos de alunos sobre cultura afro-brasileira.

Desenvolvimento de jogos educativos afrocentrados, criando jogos de tabuleiro, cartas ou digitais que transmitam conteúdos históricos e culturais de forma lúdica.

Trabalhar a pedagogia afrocentrada exige o reconhecimento de que o aluno negro precisa ter acesso a narrativas que afirmem sua cultura, linguagem e história, de modo a combater estereótipos e preconceitos que, historicamente, marginalizaram essas populações. Nesse sentido, o ensino deve ir além da mera transmissão de informações históricas, incorporando práticas afetivas e simbólicas que conectem o conteúdo às experiências vivenciais dos estudantes. Elias e Scotson (2000) apontam que os processos de socialização influenciam a percepção de pertencimento, reforçando a necessidade de práticas educativas que integrem crianças e adolescentes negros como sujeitos centrais de sua própria narrativa.

As bonecas abayomi surgem como um recurso pedagógico singular, capaz de articular história, arte e afetividade. Ischkanian (2016) enfatiza que a utilização desses objetos no contexto escolar possibilita trabalhar conceitos de identidade, ancestralidade e solidariedade desde a educação infantil, criando experiências significativas de aprendizado

que combinam manualidade, narrativa oral e reflexão simbólica. A confecção das bonecas, com retalhos e nós, permite que os estudantes compreendam, de forma prática, a importância da memória cultural e da resistência histórica.

Para o cotidiano da educação infantil, a pedagogia afrocentrada pode se manifestar em atividades que promovam reconhecimento de si mesmo e do outro, como rodas de conversa, contação de histórias sobre a diáspora africana e atividades de expressão artística com materiais diversos, incluindo retalhos para confecção de mini bonecas abayomi. Essa prática educativa não apenas desenvolve habilidades motoras e cognitivas, mas também fortalece vínculos afetivos e a empatia, incentivando o respeito às diferenças e a valorização da diversidade cultural desde cedo.

No ensino fundamental, a pedagogia afrocentrada pode ser ampliada por meio de projetos interdisciplinares que integrem história, arte, língua portuguesa e ciências sociais. Nessas atividades, os alunos podem pesquisar narrativas de resistência, criar objetos simbólicos e analisar textos que abordem a vida de comunidades afro-brasileiras, promovendo o aprendizado ativo e o engajamento crítico. Elias (2008) reforça que o conhecimento não é neutro; ele é mediado por relações de poder e contexto social, o que torna fundamental a inclusão de conteúdos que valorizem identidades historicamente marginalizadas.

O ensino médio exige aprofundamento das discussões sobre identidade, cidadania e racismo estrutural. A pedagogia afrocentrada propicia aos jovens a capacidade de analisar criticamente as desigualdades sociais e compreender o impacto histórico da escravidão e do preconceito sobre a população negra. Nesse contexto, o estudo das bonecas abayomi serve como ponto de partida para debates sobre resistência cultural, memória coletiva e a importância de símbolos que reforcem orgulho e pertencimento. Elias e Scotson (2000) enfatizam que a compreensão das estruturas de poder é crucial para transformar o ambiente social e educativo em espaços mais justos e inclusivos.

As narrativas simbólicas da abayomi contribuem significativamente para a construção e fortalecimento da identidade da população negra, pois transmitem saberes, linguagens e modos de pensar ancestrais que dialogam com o presente. Simone Helen Drumond Ischkanian (2016) observa que, ao integrar essas práticas nas escolas, os educadores possibilitam que os estudantes negros se reconheçam como herdeiros de uma história rica, criativa e resistente, promovendo autoestima e senso de pertencimento.

A pedagogia afrocentrada também valoriza a participação ativa das famílias e da comunidade escolar no processo educativo, reconhecendo que a educação não ocorre apenas dentro da sala de aula, mas em rede com os saberes e experiências do cotidiano. Atividades

que envolvem pais, avós e membros da comunidade na confecção de abayomis ou na contação de histórias fortalecem o vínculo intergeracional e asseguram que a transmissão cultural seja afetiva, colaborativa e significativa.

A integração curricular deve ser planejada para que todas as disciplinas contribuam para a construção da consciência afrocentrada. Na arte, é possível trabalhar técnicas de amarração, cores e texturas; na história, contextualizar a diáspora africana e o tráfico negreiro; na língua portuguesa, incentivar relatos e textos sobre experiências de resistência; e na educação ética e cultural, promover reflexões sobre empatia, identidade e valorização da cultura afro-brasileira. Ischkanian (2016) reforça que essa abordagem multidisciplinar favorece a aprendizagem ativa e a conexão dos estudantes com suas raízes culturais.

A pedagogia afrocentrada deve incentivar a produção artística e narrativa, permitindo que os alunos expressem suas vivências, sentimentos e percepções sobre a própria identidade. Projetos de escrita criativa, dramatizações e produções visuais com base nas bonecas abayomi estimulam o pensamento crítico e a reflexão sobre histórias de resistência, ao mesmo tempo em que reforçam o orgulho racial e a valorização cultural.

Trabalhar com respeito à diversidade implica reconhecer que cada estudante traz consigo experiências e referências distintas, e que a educação afrocentrada deve acolher essas singularidades. Simbolicamente, as abayomis representam cuidado, proteção e interconexão entre gerações, promovendo valores de solidariedade, empatia e cooperação entre os estudantes, conforme observado por Elias e Scotson (2000) em suas análises sobre as relações de poder e integração social.

O ensino da identidade afro-brasileira através de práticas pedagógicas como a criação das bonecas abayomi permite que o aluno negro reconheça sua importância histórica e cultural, desenvolvendo orgulho de sua cor, de sua origem e de seus antepassados. Além disso, essa abordagem contribui para a formação de uma consciência crítica em relação às desigualdades raciais, preparando os estudantes para atuarem de forma ética e engajada na sociedade.

As atividades práticas devem ser planejadas de maneira a atender diferentes faixas etárias, desde a educação infantil até o ensino médio, respeitando o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social dos alunos. O uso das abayomis como ferramenta pedagógica possibilita trabalhar desde a motricidade fina, a expressão artística e a criatividade, até a compreensão de narrativas históricas, a construção de valores éticos e a reflexão sobre a resistência cultural.

Investigar o impacto das narrativas simbólicas da abayomi nas escolas permite compreender como esses objetos contribuem para a formação de identidades coletivas e individuais, mostrando que a pedagogia afrocentrada não se limita à transmissão de informações, mas promove experiências significativas que consolidam saberes, valores e pertencimento cultural. Ischkanian (2016) destaca que essas práticas fortalecem o protagonismo de crianças e jovens negros e reforçam a importância de manter vivas as tradições ancestrais dentro do ambiente escolar.

A pedagogia afrocentrada nas escolas brasileiras se mostra essencial para a promoção de uma educação inclusiva, crítica e humanizada, capaz de valorizar a diversidade cultural, combater o preconceito e fomentar a autoestima das crianças e jovens negros. O trabalho com as bonecas abayomi integra memória, arte, história e ética, consolidando um modelo pedagógico que reconhece a importância da ancestralidade, da resistência cultural e da valorização da identidade negra como pilares fundamentais da educação contemporânea.

2.6. ABAYOMI: OFICINA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA

A oficina de contação de história afro-brasileira, intitulada Abayomi, remete a um fazer que valoriza a ancestralidade, a memória coletiva e a preservação cultural por meio da oralidade, entendida como uma prática sagrada e essencial na formação das comunidades afrodescendentes. O termo oficina, conectado à ideia de ofício, indica uma atividade que exige dedicação, transmissão de saberes e prática constante, sendo um espaço privilegiado para que crianças e jovens possam se aproximar de narrativas históricas e simbólicas que articulam passado e presente, fortalecendo identidade e pertencimento cultural, como salientado por Silva (2008, p. 10).

> A palavra “oficina” vem no mesmo fio de “ofício” e a partir desse estudo sinto que a expressão no título dessa atividade, remonta a um fazer, que propicia a busca de nossas raízes nas tradições de oralidade que constitui nossa formação afro-descendente, pois para os povos tradicionais africanos muitos ofícios são considerados sagrados. (Silva, 2008, p. 10).

A escolha da contação de histórias como eixo central da oficina permite trabalhar com narrativas que abordam a diáspora africana, a escravidão e os processos de resistência cultural, criando um espaço de reflexão crítica sobre a história do povo negro no Brasil. Essa prática pedagógica transforma a narrativa em experiência viva, permitindo que os alunos compreendam a dimensão humana da história, ao mesmo tempo em que desenvolvem empatia, percepção crítica e habilidades de escuta ativa, conforme destacado por Elias (2001) em suas análises sobre relações sociais e estruturas de poder.

Simone Helen Drumond Ischkanian propõe que a oficina de Abayomi deve integrar a contação de histórias à confecção das bonecas, permitindo que as crianças expressem suas experiências e compreendam a ancestralidade por meio da prática artística, fortalecendo a identidade cultural e o vínculo afetivo com a memória coletiva da diáspora africana.

Gladys Nogueira Cabral sugere que o trabalho com a oficina pode ser ampliado para incluir rodas de conversa, pesquisa histórica e produção de narrativas escritas, estimulando o pensamento crítico dos estudantes sobre a escravidão, resistência cultural e os valores transmitidos pelas gerações afro-brasileiras.

Sandro Garabed Ischkanian enfatiza que a oficina deve ser planejada como um espaço de aprendizagem intergeracional, em que alunos e educadores compartilhem histórias e saberes, possibilitando que o conhecimento ancestral seja transmitido de forma afetiva, prática e significativa dentro do contexto escolar.

Rosimery Mendes Rodrigues propõe que a oficina incorpore atividades de expressão corporal e dramatização, permitindo que os estudantes encenem as narrativas das bonecas Abayomi, compreendendo o simbolismo dos retalhos, tranças e nós como instrumentos de memória, resistência e proteção cultural.

Ana Maria Bárbara Lima destaca a importância de conectar a oficina às práticas artísticas tradicionais afro-brasileiras, como música, dança e arte visual, de modo que os alunos experimentem a cultura de forma sensorial, integrando conhecimento histórico, criatividade e habilidades motoras.

Silvana Nascimento de Carvalho sugere que a oficina seja organizada em etapas que incluam pesquisa sobre mitos, lendas e histórias de resistência, confecção das bonecas e

apresentação das narrativas, promovendo autonomia, responsabilidade e engajamento ativo dos estudantes na construção do conhecimento.

Neusa Venditte ressalta que a oficina deve favorecer o desenvolvimento da empatia e do respeito à diversidade, permitindo que os alunos compreendam a importância da memória coletiva, dos vínculos familiares e comunitários, e da valorização da cultura negra em todos os níveis escolares.

Celine Maria de Sousa Azevedo propõe que a oficina inclua o registro das histórias contadas pelos alunos em diferentes mídias, como desenhos, vídeos e textos, estimulando a comunicação, a expressão criativa e a capacidade de síntese, ao mesmo tempo em que preserva a memória cultural para gerações futuras.

Fabiane Bandeira Viana destaca que a contação de histórias Abayomi pode ser usada como estratégia pedagógica para integrar conteúdos de diversas disciplinas, incluindo história, língua portuguesa, artes e ética, permitindo que os estudantes compreendam a ancestralidade de forma interdisciplinar e aplicada ao cotidiano escolar.

Priscilla Nayane Magalhães Ribeiro dos Santos propõe que a oficina seja um espaço de reflexão crítica sobre racismo estrutural, preconceito e desigualdade social, permitindo que os alunos percebam como a resistência cultural das comunidades negras se manifesta historicamente e na vida contemporânea.

Gabriel Nascimento de Carvalho enfatiza que o trabalho com a oficina deve valorizar a aprendizagem colaborativa e o protagonismo dos alunos, incentivando que eles planejem, contem, recriem e compartilhem suas próprias histórias, reforçando a autoestima, a identidade cultural e a compreensão das tradições afro-brasileiras.

A oficina propicia ainda a integração entre arte, história e afetividade, ao utilizar as bonecas abayomi como elementos simbólicos de contação. A confecção e apresentação dessas bonecas, feitas de retalhos e nós, representam cuidado, proteção e resistência, tornando-se veículos de aprendizado intergeracional, capazes de transmitir valores e saberes de maneira lúdica e significativa. Ischkanian (2012) observa que atividades como essas permitem que crianças negras reconheçam sua ancestralidade e fortaleçam a autoestima desde a infância.

O planejamento da oficina envolve etapas que combinam pesquisa, produção artística e contação oral. Inicialmente, os alunos pesquisam histórias e mitos africanos ou relatos históricos relacionados à diáspora africana. Em seguida, desenvolvem habilidades manuais para criar bonecas abayomi, explorando cores, texturas e formas de amarração, integrando criatividade, coordenação motora e expressão simbólica. A última etapa consiste na

apresentação das histórias e bonecas para colegas ou comunidade escolar, consolidando o aprendizado e incentivando a oralidade.

A contação de histórias afro-brasileiras também se mostra um recurso pedagógico valioso para o ensino da empatia e da consciência ética, pois permite que os alunos se coloquem no lugar de personagens históricos, compreendendo suas lutas, medos, alegrias e estratégias de resistência. Essa prática promove a reflexão sobre desigualdades, racismo estrutural e preconceitos, incentivando o desenvolvimento de valores de solidariedade, respeito à diversidade e pertencimento comunitário.

A integração da oficina com a educação infantil até o ensino médio possibilita diferentes níveis de aprofundamento. Na educação infantil, o foco está na construção de vínculos afetivos e na percepção da própria identidade; no ensino fundamental, busca-se compreender processos históricos e sociais; e no ensino médio, a oficina permite análise crítica das estruturas de poder, das relações de desigualdade e da importância da preservação cultural como forma de resistência.

A abordagem pedagógica da oficina também favorece a interdisciplinaridade. A história conecta-se com geografia, ao mapear a trajetória da diáspora; a língua portuguesa, ao incentivar narrativas orais e escritas; a arte, ao explorar cores, texturas e formas; e a educação ética e cultural, ao promover reflexão sobre identidade, empoderamento e resistência. Simone Helen Drumond Ischkanian (2012) ressalta que essa articulação entre disciplinas torna o aprendizado mais significativo e contextualizado.

A construção das bonecas abayomi como ferramenta pedagógica permite trabalhar conceitos de memória e ancestralidade de forma concreta e sensorial. Cada nó, trança ou amarração representa uma história, uma proteção simbólica e um elo com a ancestralidade africana, fortalecendo a conexão entre alunos e suas raízes culturais. A prática promove valorização do patrimônio imaterial e o entendimento de que a resistência cultural se manifesta no cotidiano, inclusive nas práticas lúdicas e educativas.

O caráter coletivo da oficina é essencial, pois estimula o trabalho em grupo, o compartilhamento de saberes e o fortalecimento de vínculos sociais. Os alunos aprendem a colaborar, a ouvir as narrativas dos colegas e a respeitar diferentes perspectivas, compreendendo que a história e a memória são construídas de forma plural e que cada voz tem valor na preservação cultural e na resistência simbólica.

A oficina também permite explorar a dimensão afetiva da aprendizagem. Ao manusear retalhos e construir bonecas, os alunos estabelecem um vínculo emocional com as histórias contadas, integrando sentimentos de cuidado, proteção e pertencimento. Essa

dimensão pedagógica é fundamental para consolidar a identidade cultural e promover a autoestima, elementos centrais na pedagogia afrocentrada, conforme apontado por Silva (2008, p. 10).

As atividades de contação de histórias contribuem para o fortalecimento da oralidade, da expressão verbal e da comunicação interpessoal, competências essenciais em qualquer etapa educacional. Além disso, os alunos desenvolvem habilidades de planejamento, organização e criatividade ao selecionar, adaptar e apresentar narrativas, conectando conhecimento histórico e cultural à prática artística e educativa.

A oficina também se mostra um espaço para trabalhar a interdisciplinaridade com temas contemporâneos, como racismo, desigualdade social e valorização da diversidade cultural. Por meio das narrativas afro-brasileiras, os estudantes são convidados a refletir sobre o presente, relacionando os desafios históricos aos contextos atuais e desenvolvendo consciência crítica e cidadania ativa.

Planejamento da oficina: Definir objetivos pedagógicos claros: trabalhar ancestralidade, identidade cultural, memória e resistência afro-brasileira. Escolher a faixa etária dos alunos e identificar o tempo disponível, materiais necessários (retalhos de tecido, tesouras sem ponta, linhas, pedaços de lã) e recursos adicionais, como livros, vídeos ou imagens de referência sobre a diáspora africana.

Introdução ao tema: Iniciar com uma roda de conversa ou apresentação multimídia sobre a história das abayomis, explicando seu significado ("encontro precioso") e contexto histórico durante a escravidão. Discutir com os alunos a importância da memória, do cuidado e da resistência cultural representados pelas bonecas.

Apresentação dos materiais: Mostrar os materiais disponíveis para confecção das bonecas, incentivando o reaproveitamento de tecidos e retalhos. Explicar que cada pedaço de tecido pode simbolizar uma história, um sentimento ou um valor cultural, estimulando a criatividade e a imaginação dos alunos.

Pesquisa e levantamento de histórias: Estimular os alunos a pesquisarem histórias, lendas, mitos africanos ou relatos de resistência afro-brasileira que servirão de base para a contação. Esta etapa pode envolver leitura de livros, entrevistas com familiares ou consulta a recursos digitais confiáveis.

Planejamento da boneca: Orientar os alunos a escolherem cores, formas e texturas para suas bonecas, pensando na história ou no personagem que será representado. Cada nó ou trança deve ter significado simbólico, seja proteção, cuidado ou conexão com os ancestrais.

Confecção das bonecas: Ensinar técnicas de amarração e nós para criar as bonecas sem uso de cola ou costura. Demonstrar passo a passo como enrolar, torcer e amarrar retalhos de forma segura, permitindo que cada aluno personalize sua boneca e atribua significados afetivos a cada detalhe.

Desenvolvimento da narrativa: Enquanto confeccionam as bonecas, incentivar os alunos a escreverem ou ensaiarem a história que será contada, relacionando elementos da boneca com personagens, fatos históricos ou símbolos culturais. Isso fortalece habilidades de linguagem, criatividade e interpretação.

Contação de histórias: Organizar momentos de apresentação das histórias para colegas ou comunidade escolar. Os alunos devem narrar a história associada à boneca, destacando símbolos, valores e lições de resistência cultural. É importante estimular a expressão oral, entonação e gestualidade.

Reflexão coletiva: Promover uma roda de debate após cada apresentação, discutindo o que cada história representa, como a resistência se manifesta e como a memória cultural é preservada. Incentivar os alunos a expressarem sentimentos e aprendizagens adquiridas durante a oficina.

Integração interdisciplinar: Relacionar a oficina com outras disciplinas: História (diáspora africana, tráfico negreiro), Arte (cores, formas, texturas), Língua Portuguesa (narrativas, escrita, oralidade), Educação Ético-Cultural (identidade, empatia, diversidade) e Matemática (medidas, contagem e sequências em atividades manuais).

Registro e documentação: Estimular os alunos a registrarem o processo da oficina em fotos, vídeos ou textos, criando um portfólio que documente a confecção das bonecas, as histórias contadas e as reflexões realizadas. Isso valoriza a memória do grupo e pode ser compartilhado com outras turmas ou famílias.

Exposição e socialização: Organizar uma exposição das bonecas e das narrativas produzidas, convidando familiares, professores e comunidade escolar. Esta etapa reforça a valorização da cultura afro-brasileira, o protagonismo dos alunos e o reconhecimento da ancestralidade.

Avaliação reflexiva: Promover autoavaliação e avaliação coletiva, refletindo sobre aprendizagens adquiridas, habilidades desenvolvidas e sentimentos despertados pela oficina. Incentivar os alunos a expressarem o que aprenderam sobre história, cultura, identidade e resistência.

Continuidade e ampliação: Estimular que a oficina se torne um projeto contínuo, com novas histórias, novas bonecas e novas abordagens. Integrar outras expressões

artísticas, pesquisas históricas e atividades de cidadania, garantindo que a oficina contribua de forma duradoura para a valorização da cultura afro-brasileira na escola.

O uso da contação de histórias e das bonecas abayomi ainda fortalece a educação inclusiva, pois permite que alunos de diferentes origens e realidades se reconheçam nas narrativas, promovendo respeito à diversidade e ampliando a compreensão de identidades múltiplas e interligadas. Elias (2001) reforça que a educação deve considerar as relações de poder e a posição dos indivíduos, e atividades como a oficina contribuem para criar ambientes mais equitativos e participativos.

A oficina de contação de histórias afro-brasileiras Abayomi articula memória, ancestralidade, criatividade e afetividade, consolidando-se como uma estratégia pedagógica inovadora e transformadora (Ischkanian, 2012; Elias, 2001; Silva, 2008). Ao unir arte, narrativa e prática coletiva, promove a valorização da cultura negra, fortalece a identidade dos alunos e oferece uma experiência educativa que conecta passado e presente, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes, críticos e culturalmente empoderados.

Oficina: Abayomi: Contação de História Afro-Brasileira

Objetivo Geral: Promover a valorização da cultura afro-brasileira, ancestralidade e memória coletiva por meio da confecção de bonecas Abayomi e da contação de histórias, estimulando identidade, criatividade e reflexão crítica.

Objetivos Específicos:

- Desenvolver habilidades artísticas, motoras e de expressão corporal.
- Fortalecer a identidade cultural e autoestima de alunos negros.
- Compreender a história da diáspora africana, escravidão e resistência cultural.
- Promover empatia, respeito à diversidade e senso de pertencimento comunitário.
- Integrar múltiplas disciplinas, estimulando aprendizagem interdisciplinar.

Faixa Etária: Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio (adaptando o nível de complexidade da narrativa e das atividades).

Duração: De 4 a 6 encontros de 50 a 90 minutos cada, dependendo da faixa etária e do aprofundamento desejado.

Materiais Necessários:

- Retalhos de tecido coloridos
- Linhas, barbantes ou lã
- Tesouras sem ponta
- Agulhas de tapeçaria (opcional)

- Materiais para registro: cadernos, folhas, lápis de cor, canetinhas, câmeras ou celulares
- Recursos visuais sobre a diáspora africana (imagens, vídeos, livros)
- Caixa ou saco para guardar os materiais

Metodologia: A oficina será conduzida em etapas que combinam pesquisa, confecção artística, narrativa oral e reflexão crítica, valorizando a participação ativa dos alunos e a interdisciplinaridade:

Etapas da Oficina:

Planejamento e Apresentação do Tema: Introdução sobre a história das bonecas Abayomi, seu significado e contexto histórico da diáspora africana e do tráfico negreiro.

Pesquisa e Levantamento de Histórias: Os alunos pesquisam lendas, mitos, contos ou relatos de resistência afro-brasileira.

Planejamento da Boneca: Escolha de cores, formas e elementos simbólicos que representem a história a ser contada.

Confecção da Boneca: Técnicas de amarração e nós, sem uso de cola ou costura, com explicação sobre os significados de cada detalhe.

Desenvolvimento da Narrativa: Escrita ou ensaio oral da história associada à boneca, relacionando elementos simbólicos à narrativa.

Contação de Histórias: Apresentação das narrativas para colegas ou comunidade escolar, incentivando expressão verbal, gestual e entonação.

Reflexão Coletiva: Discussão sobre significados, valores transmitidos, memória cultural e resistência.

Registro e Documentação: Fotografia, vídeos, desenhos ou textos sobre o processo da oficina.

Exposição e Socialização: Mostra das bonecas e histórias produzidas, convidando familiares e comunidade.

Avaliação Reflexiva: Autoavaliação e avaliação coletiva sobre aprendizagens, habilidades desenvolvidas e impacto afetivo.

Integração Interdisciplinar: Conexão da oficina com História, Arte, Língua Portuguesa, Matemática e Educação Ético-Cultural.

Continuidade e Ampliação: Planejamento de novas edições da oficina, incluindo novas histórias, bonecas e abordagens pedagógicas.

Sugestões de atividades complementares:

Oficinas de música e dança afro-brasileira para ampliar a experiência cultural: Promover atividades práticas de música e dança, explorando ritmos tradicionais como samba de roda, maracatu, jongo e capoeira, integrando instrumentos típicos e movimentos corporais. Os alunos podem aprender a relação entre a música, a história e a resistência cultural afro-brasileira, percebendo como a arte corporal e sonora atua como forma de preservação da memória e identidade. Essas oficinas possibilitam o desenvolvimento da coordenação motora, ritmo, expressão corporal, socialização e trabalho em grupo, fortalecendo vínculos entre alunos e o reconhecimento das práticas culturais como patrimônio vivo.

Produção de murais ou livros ilustrados com as histórias criadas: Estimular os alunos a criar murais coletivos na escola ou livros ilustrados com as narrativas das bonecas Abayomi, incluindo desenhos, colagens, textos e símbolos culturais. Essa atividade promove a interdisciplinaridade entre Arte, Língua Portuguesa e História, permitindo que os alunos expressem visual e verbalmente suas interpretações, desenvolvam habilidades de escrita e leitura, além de consolidar os conteúdos aprendidos sobre ancestralidade, memória e resistência afro-brasileira. Os murais podem ser expostos em locais visíveis da escola, valorizando o protagonismo dos estudantes e fortalecendo a conexão com a comunidade escolar.

Pesquisas sobre figuras históricas afro-brasileiras e africanas: Organizar atividades de pesquisa sobre personalidades importantes da história africana e afro-brasileira, como líderes, artistas, escritores e ativistas. Os alunos podem elaborar biografias, apresentações ou painéis, relacionando essas figuras à resistência cultural, à luta contra a escravidão e à construção da identidade negra. Essa atividade fortalece a compreensão histórica, estimula a capacidade crítica, desenvolve habilidades de investigação e valoriza referências positivas para a construção da autoestima e da identidade cultural dos estudantes.

Jogos educativos que explorem conceitos de cultura, memória e resistência: Criar jogos lúdicos e interativos que abordem elementos da cultura afro-brasileira e africana, como memória, símbolos, mitos, orixás e histórias de resistência. Exemplos incluem bingo cultural, desafios de memória, tabuleiros de perguntas e respostas, dramatizações e storytelling em grupo. Esses jogos promovem aprendizado ativo, incentivam a cooperação, a socialização, o respeito à diversidade cultural e a fixação dos conteúdos de maneira divertida e significativa, permitindo que os alunos internalizem valores, conceitos históricos e experiências afetivas relacionadas à diáspora africana.

Criação de peças teatrais ou dramatizações das histórias: Abayomi Estimular os alunos a encenar as narrativas contadas durante a oficina, criando pequenas peças teatrais ou dramatizações coletivas. Essa prática desenvolve habilidades de expressão corporal, dicção, improvisação e criatividade, além de reforçar a compreensão dos conteúdos históricos e culturais. A dramatização permite que os alunos vivenciem o papel dos personagens e o simbolismo das bonecas, tornando o aprendizado mais afetivo e significativo.

Atividades de escrita criativa e contação de histórias: Promover oficinas de escrita onde os alunos desenvolvem narrativas individuais ou coletivas inspiradas nas bonecas Abayomi, utilizando diferentes gêneros textuais, como contos, poemas e cartas. Essas atividades fortalecem a competência linguística, a criatividade e a capacidade de análise crítica, ao mesmo tempo em que permitem que os estudantes reflitam sobre identidade, ancestralidade e resistência cultural.

Oficinas de artes visuais e técnicas de reaproveitamento de materiais: Incentivar os alunos a experimentar diferentes técnicas de arte, como colagem, bordado, pintura em tecido e mosaico, utilizando materiais recicláveis e retalhos, seguindo o princípio das bonecas Abayomi de transformar objetos cotidianos em expressão cultural. Isso desenvolve habilidades manuais, senso estético, consciência ambiental e criatividade, além de reforçar o conceito de valorização do patrimônio cultural imaterial.

Rodas de conversa e debates sobre identidade e diversidade: Organizar rodas de conversa para discutir temas como racismo estrutural, diversidade cultural, ancestralidade e identidade negra, relacionando esses debates às narrativas das bonecas Abayomi. Essa atividade promove reflexão crítica, empatia, diálogo respeitoso e compreensão da importância da preservação da memória histórica e cultural.

Atividades de registro audiovisual: Produzir vídeos curtos, documentários ou podcasts com os alunos narrando as histórias de suas bonecas, compartilhando as pesquisas, dramatizações ou músicas associadas às narrativas. Essa prática estimula habilidades de comunicação, expressão artística e uso de tecnologias digitais, além de criar registros duradouros da aprendizagem e da valorização da cultura afro-brasileira.

Oficinas de culinária tradicional afro-brasileira: Integrar a gastronomia como elemento cultural, preparando receitas típicas das culturas africanas e afro-brasileiras, relacionando sabores e práticas alimentares às histórias de resistência e ancestralidade. Essa atividade promove aprendizagem sensorial, compreensão histórica e fortalecimento de vínculos sociais, conectando corpo, cultura e memória coletiva.

Atividades de genealogia e pesquisa familiar: Estimular os alunos a investigarem suas próprias histórias familiares, buscando relatos de antepassados e tradições preservadas. Essa prática fortalece o senso de pertencimento, a valorização da ancestralidade e a conexão entre história pessoal e coletiva, possibilitando que os estudantes compreendam sua posição na continuidade cultural e histórica da comunidade negra.

Criação de podcasts e contação digital: Produzir podcasts ou narrativas digitais onde os alunos contam suas histórias, histórias de Abayomi ou relatos pesquisados. Essa atividade desenvolve habilidades digitais, orais e narrativas, além de registrar a memória coletiva de forma acessível e compartilhável, ampliando o alcance das histórias e fortalecendo a cultura afro-brasileira.

Oficinas de costura criativa e bordado simbólico: Ensinar técnicas simples de costura, bordado ou amarração para que os alunos criem elementos decorativos em suas bonecas, incorporando símbolos culturais, padrões africanos ou elementos de proteção e cuidado. Essa prática valoriza a criatividade, a paciência e a habilidade manual, além de reforçar o simbolismo da arte como forma de preservação cultural.

Atividades de conexão com a comunidade: Organizar encontros com grupos culturais, contadores de histórias ou artesãos locais para compartilhar saberes e experiências, promovendo troca cultural, aprendizado colaborativo e fortalecimento da valorização da cultura negra fora do ambiente escolar.

Oficinas de expressão corporal e yoga afrocentrada: Desenvolver atividades que integrem movimento, respiração e consciência corporal, inspiradas em ritmos e práticas africanas, promovendo bem-estar, concentração, consciência corporal e conexão com a cultura ancestral.

Atividades de escrita colaborativa de enciclopédia afro-brasileira: Criar uma enciclopédia da turma ou da escola sobre a cultura afro-brasileira, registrando lendas, mitos, histórias de Abayomi, figuras históricas e práticas culturais. Essa atividade estimula pesquisa, escrita coletiva e registro histórico, valorizando a memória cultural e o protagonismo estudantil.

Oficinas de expressão musical com instrumentos de percussão: Ensinar os alunos a construir ou tocar instrumentos simples de percussão (como tambores, reco-recos e chocalhos), relacionando ritmos à narrativa das bonecas, promovendo coordenação motora, sensibilidade musical e compreensão da tradição africana de transmissão oral e musical.

Atividades de integração com matemática e lógica: Incorporar conceitos matemáticos na confecção das bonecas, como medidas, proporções, contagem de nós ou sequências de

cores, promovendo interdisciplinaridade e demonstrando que a arte também pode ser instrumento de aprendizagem de conteúdos formais.

Oficinas de escrita de cartas para ancestrais: Incentivar os alunos a escreverem cartas imaginárias para seus antepassados, relatando histórias, agradecimentos ou reflexões inspiradas nas bonecas Abayomi. Essa prática estimula introspecção, reflexão sobre identidade, conexão com a memória histórica e desenvolvimento da expressão escrita.

Atividades de celebração cultural: Organizar uma culminância da oficina, reunindo apresentações de bonecas, narrativas, músicas, danças e murais, promovendo visibilidade do trabalho dos alunos, reforçando autoestima, orgulho da cultura afro-brasileira e reconhecimento da ancestralidade como elemento central da educação.

Resultados Esperados:

- Aprimoramento das habilidades manuais, artísticas e de expressão oral.
- Compreensão do contexto histórico da diáspora africana e resistência cultural.
- Fortalecimento da autoestima e identidade cultural dos alunos negros.
- Desenvolvimento de valores de empatia, cooperação e respeito à diversidade.
- Criação de um registro duradouro da memória coletiva e dos saberes afro-brasileiros.

Observações Pedagógicas:

- Adaptar complexidade e profundidade das histórias de acordo com a faixa etária.
- Incentivar a autonomia dos alunos na escolha de cores, formas e narrativas.
- Garantir um espaço seguro, acolhedor e inclusivo, promovendo diálogo e escuta ativa.
- Relacionar as histórias às experiências dos alunos, valorizando suas vivências e culturas familiares.

Avaliação: A avaliação será contínua e processual, acompanhando de perto o desenvolvimento de cada aluno ao longo de toda a oficina, permitindo observar não apenas o resultado final, mas também o engajamento, o processo criativo e o esforço individual e coletivo. Serão considerados aspectos como a participação ativa nas atividades, a capacidade de propor ideias originais e de aplicar a criatividade na confecção das bonecas e na elaboração das histórias, bem como o envolvimento efetivo em todas as etapas, incluindo pesquisa, planejamento e apresentação. A reflexão crítica sobre os conteúdos trabalhados, a compreensão do contexto histórico da diáspora africana e da resistência cultural, e a capacidade de expressão oral e escrita serão igualmente avaliadas, permitindo identificar o aprofundamento da aprendizagem.

A colaboração em grupo e o respeito às opiniões e contribuições dos colegas também serão observados, reforçando a importância do trabalho coletivo e da valorização do conhecimento compartilhado. Será analisado o desenvolvimento da sensibilidade cultural e a percepção dos alunos sobre a ancestralidade e a memória coletiva, aspectos fundamentais para a construção da identidade e do protagonismo cultural. A avaliação incluirá a capacidade de articular conceitos históricos, culturais e simbólicos com a prática artística, promovendo uma compreensão integrada e significativa do tema abordado.

2.7. ABAYOMI: OFICINA DE BRINCADEIRAS

A oficina de brincadeiras com bonecas Abayomi proporciona um espaço de aprendizagem lúdica que vai além do simples ato de brincar, articulando memória histórica, identidade cultural e expressão criativa. Ao envolver crianças e jovens na confecção e manipulação das bonecas, a atividade permite que os participantes compreendam de forma concreta o contexto da diáspora africana e da escravidão, reconhecendo a resistência e os saberes transmitidos pelas mães africanas através desses objetos simbólicos, como destacam Corrêa e Santos (2020).

A escolha das brincadeiras não é casual, pois cada jogo ou atividade com as bonecas busca estimular a imaginação, a expressão afetiva e a construção de vínculos sociais, ao mesmo tempo em que reforça o conhecimento histórico sobre a cultura afro-brasileira. As bonecas Abayomi se tornam ferramentas pedagógicas que conectam o lúdico à aprendizagem significativa, permitindo que crianças internalizem valores de cuidado, proteção e empatia. A autora Ischkanian (2012) enfatiza que essas práticas lúdicas contribuem para o desenvolvimento integral da criança, englobando aspectos cognitivos, afetivos e sociais.

A oficina se inicia com uma introdução sobre a origem das bonecas Abayomi, explicando o significado do termo “encontro precioso” e o contexto histórico da diáspora africana. Esse momento de contextualização permite que os alunos compreendam a profundidade simbólica das bonecas e percebam que cada trança, nó ou retalho carrega múltiplos significados relacionados à proteção, cuidado e resistência cultural, promovendo reflexão sobre ancestralidade e pertencimento.

O passo seguinte consiste na escolha e preparação dos materiais, enfatizando a reutilização de retalhos de tecido, lã ou fios de diferentes cores e texturas. Essa etapa estimula a criatividade e a consciência ambiental, mostrando que a expressão artística não depende de recursos sofisticados, mas da habilidade de transformar objetos simples em símbolos culturais carregados de história e significado, como observam Corrêa e Santos (2020).

A confecção das bonecas envolve técnicas de amarração e nós que podem ser realizadas sem o uso de cola ou costura, incentivando a autonomia e a coordenação motora dos participantes. Ao mesmo tempo, a construção das bonecas é acompanhada de narrativas orais, em que as crianças contam histórias inspiradas em suas bonecas ou em relatos de resistência afro-brasileira, promovendo a expressão verbal e o desenvolvimento da linguagem oral, conforme aponta Ischkanian (2012).

As brincadeiras podem ser organizadas em círculos, rodas ou dramatizações, estimulando o trabalho coletivo e o fortalecimento dos vínculos afetivos entre os alunos. Nesses momentos, cada criança pode apresentar sua boneca, compartilhar a história que criou e participar de atividades colaborativas que envolvam improvisação, música, dança e movimento corporal, fortalecendo competências socioemocionais e habilidades comunicativas.

A integração interdisciplinar é um ponto central da oficina, permitindo que conteúdos de História, Arte, Língua Portuguesa e Educação Ético-Cultural sejam trabalhados simultaneamente. Por meio das bonecas, os alunos aprendem sobre a escravidão, a diáspora africana, práticas de resistência e cultura material afro-brasileira, enquanto desenvolvem criatividade, expressão artística e consciência social. Corrêa e Santos (2020) destacam que essa abordagem favorece uma aprendizagem mais significativa e contextualizada.

O registro das atividades é fundamental para consolidar aprendizagens e valorizar o protagonismo dos alunos. Fotografias, vídeos, textos e desenhos produzidos durante a oficina podem ser organizados em portfólios, murais ou exposições na escola, permitindo que crianças e jovens observem sua evolução, reflitam sobre os aprendizados e compartilhem suas

experiências com colegas, familiares e comunidade escolar, como sugerido por Ischkanian (2012).

A reflexão crítica é estimulada ao longo de toda a oficina, promovendo discussões sobre racismo, diversidade, ancestralidade e identidade cultural. Os alunos são convidados a relacionar as histórias das bonecas com sua própria vivência, reforçando a valorização de suas raízes e incentivando a construção de uma autoestima positiva e do orgulho de sua cultura, o que é destacado por Corrêa e Santos (2020) como essencial para a educação de crianças negras.

Atividades lúdicas podem ser diversificadas, incluindo dramatizações, jogos de memória, contação coletiva de histórias e criação de pequenas encenações, permitindo que os alunos se apropriem do conhecimento de maneira ativa e participativa. Essas práticas fortalecem a interdisciplinaridade, estimulam a cooperação e promovem o desenvolvimento integral dos estudantes, conforme a perspectiva de Ischkanian (2012).

A avaliação das atividades deve ser contínua, considerando a participação, criatividade, capacidade de expressão, reflexão crítica e envolvimento nos processos coletivos. É importante que o professor observe não apenas o resultado final, mas também o engajamento, a autonomia e a aplicação de conceitos de história, cultura e resistência durante o desenvolvimento das brincadeiras, reforçando a importância de uma avaliação processual e formativa.

Diante da importância da oficina os autores destacarm uma seleção de atividades, para enriquecer o projeto cultural da oficina, tento em vista que ao integrar arte, história, linguagem e valores sociais, promove o protagonismo das crianças e jovens, incentivando a valorização da diversidade e o respeito à ancestralidade, como defendem Corrêa e Santos (2020) e Ischkanian (2012), tornando a aprendizagem significativa e impactante para a formação integral dos estudantes.

Simone Helen Drumond Ischkanian (2025) – Jogo da Memória Ancestral
Como brincar: Distribua cartas com figuras de orixás, símbolos africanos ou personagens históricos da diáspora africana, viradas para baixo. Cada criança deve virar duas cartas por vez, tentando encontrar pares correspondentes, enquanto compartilha pequenas histórias ou curiosidades sobre a figura escolhida. Materiais: Cartões de papel ou papelão, canetinhas, imagens impressas ou desenhadas.

Gladys Nogueira Cabral (2025) – Amarelinha Afro-Brasileira
Como brincar: Desenhe a amarelinha no chão, substituindo os números por símbolos africanos ou palavras relacionadas à ancestralidade. As crianças devem pular de casa em

casa, dizendo o significado ou contando um fato sobre o símbolo em que caírem. Materiais: Giz ou fita adesiva colorida, espaço livre no chão.

Sandro Garabed Ischkanian (2025) – Corrida das Bonecas Abayomi Como brincar: Cada criança cria uma pequena Abayomi com retalhos. Em seguida, organiza-se uma corrida onde as bonecas são transportadas em colheres ou apoiadas na cabeça, incentivando equilíbrio e coordenação motora. Durante o percurso, cada participante pode contar uma história sobre sua boneca. Materiais: Retalhos de tecido, barbante, colheres grandes, cones para delimitar percurso.

Rosimery Mendes Rodrigues (2025) – Danças afro-brasileiras Como brincar: Toque músicas afro-brasileiras e incentive as crianças a se moverem de acordo com os ritmos, associando gestos a diferentes orixás. Ao final, cada criança pode explicar qual orixá representou e o significado do movimento. Materiais: Instrumentos de percussão simples (tambores, chocalhos), música gravada ou ao vivo.

Ana Maria Bárbara Lima (2025) – Jogo da Corrida do Feijão Como brincar: Marcar uma linha de chegada. Cada criança deve transportar feijões em uma colher ou saquinho de pano até o destino, simbolizando resistência e paciência, enquanto recita uma frase sobre cuidado e ancestralidade. Materiais: Feijões ou sementes, colheres, saquinhos de pano, linha de chegada marcada.

Silvana Nascimento de Carvalho (2025) – Pular Corda Cantada Afro-Brasileira Como brincar: Usar cordas longas para pular enquanto cantam canções africanas ou afro-brasileiras, adicionando movimentos que representam ritmos ou histórias. Crianças podem criar versos sobre as bonecas Abayomi ou temas da ancestralidade. Materiais: Cordas longas, espaço livre, música ou letras impressas.

Neusa Venditte (2025) – Brincadeira de Sombra e Luz Como brincar: Usar lanternas ou luz natural para criar sombras no chão, formando figuras de bonecas ou símbolos africanos. As crianças devem adivinhar o que representa a sombra e inventar histórias para ela. Materiais: Lanternas ou lâmpadas portáteis, espaço escuro, objetos para projeção de sombras (bonecas, figuras de papel).

Celine Maria de Sousa Azevedo (2025) – Passa-Objeto Afro Como brincar: Sentados em círculo, os participantes passam um objeto simbólico, como uma pequena boneca Abayomi, enquanto uma música africana toca. Quando a música parar, a criança que estiver segurando o objeto deve contar algo sobre sua ancestralidade ou inventar uma história. Materiais: Bonecas pequenas, objetos simbólicos, música africana.

Fabiane Bandeira Viana (2025) – Jogo do "Quem Sou Eu?" Afro-Brasileiro Como brincar: Cada criança recebe uma ficha com o nome de um orixá, personagem histórico ou figura cultural africana. Coloca a ficha na testa sem olhar e faz perguntas aos colegas para adivinhar quem é. A brincadeira combina aprendizado, socialização e expressão oral. Materiais: Cartões com nomes e imagens, fita ou prendedores para fixar nas testas.

Priscilla Nayane Magalhães Ribeiro dos Santos (2025) – Bola ao Ritmo de Tambor Como brincar: Em círculo, os participantes passam uma bola enquanto a música africana toca. Quando a música parar, a criança com a bola deve compartilhar um fato histórico ou cultural, reforçando aprendizado de forma lúdica e coletiva. Materiais: Bola leve, música africana ou afro-brasileira.

Gabriel Nascimento de Carvalho (2025) – Teia da Ancestralidade Como brincar: Com um novelo de lã ou barbante, cada criança segura uma ponta e joga o novelo para outro participante, contando algo sobre sua história, ancestralidade ou sobre sua boneca Abayomi. Ao final, formará uma teia que simboliza conexões comunitárias e memória coletiva. Materiais: Novelo de lã ou barbante, espaço amplo.

A oficina de brincadeiras assume um papel central na preservação da memória cultural afro-brasileira, pois, ao envolver crianças e jovens na confecção e manipulação desses objetos simbólicos, permite que eles conheçam e resgatem histórias de resistência, ancestralidade e sobrevivência de seus antepassados, consolidando o vínculo entre passado e presente de maneira concreta e significativa. Esse tipo de atividade promove o fortalecimento da identidade afro-brasileira ao possibilitar que os participantes reconheçam suas raízes, se orgulhem de sua cultura e se sintam pertencentes a uma tradição histórica rica, que transcende gerações e conecta comunidades por meio de símbolos, narrativas e práticas compartilhadas.

A oficina cria espaços educativos inclusivos, nos quais todas as crianças, independentemente de sua origem étnica, são convidadas a participar de atividades que valorizam a diversidade cultural, estimulam o respeito às diferenças e fortalecem a empatia e a cooperação entre os participantes. Por meio das brincadeiras, os alunos desenvolvem habilidades socioemocionais, como o trabalho em equipe, a escuta ativa, a paciência e a capacidade de resolver conflitos, enquanto exploram a criatividade e a imaginação em contextos que integram história, arte e valores sociais.

O caráter transformador da oficina reside na sua capacidade de conectar os conteúdos pedagógicos à vida cotidiana dos estudantes, oferecendo experiências práticas que consolidam aprendizagens de forma significativa e prazerosa. A confecção das bonecas, os jogos e

dramatizações possibilitam o desenvolvimento de competências cognitivas, motoras e comunicativas, enquanto promovem reflexões sobre ancestralidade, memória coletiva e resistência cultural. As crianças não apenas reproduzem práticas históricas, mas também reinterpretam esses conhecimentos, criando novos sentidos e fortalecendo sua capacidade de expressão cultural.

A importância dessas brincadeiras se estende ainda ao plano da educação crítica, na medida em que estimulam discussões sobre racismo estrutural, desigualdades históricas e a valorização de saberes marginalizados. Ao participar das atividades, os alunos compreendem que a cultura afro-brasileira não é apenas uma matéria de estudo, mas uma herança viva, que se manifesta em práticas artísticas, rituais, jogos e narrativas, contribuindo para a construção de uma consciência social e histórica mais profunda.

A oficina também favorece a transmissão intergeracional de saberes, pois, ao contar e recriar histórias através das bonecas Abayomi, os estudantes internalizam os valores, mitos, lendas e experiências de seus ancestrais. Esse processo de aprendizagem ativa conecta diferentes gerações, garantindo que a memória cultural não se perca e que os jovens assumam um papel ativo na preservação e na valorização da identidade afro-brasileira.

Ao articular aspectos lúdicos e educativos, a oficina fortalece a relação entre teoria e prática pedagógica, permitindo que os alunos compreendam conceitos abstratos, como resistência, ancestralidade e pertencimento, de forma concreta e sensível. A vivência dessas experiências contribui para o desenvolvimento integral das crianças, abrangendo dimensões cognitivas, afetivas, sociais e culturais, o que torna a prática educativa mais completa e significativa.

O envolvimento em brincadeiras coletivas, como a teia da ancestralidade ou a corrida das bonecas, promove ainda a cooperação, o respeito mútuo e a valorização do conhecimento compartilhado. A aprendizagem colaborativa reforça a importância de cada participante no processo educativo, estimulando habilidades de liderança, empatia e comunicação, ao mesmo tempo em que fortalece o senso de comunidade e pertencimento.

A integração das brincadeiras com conteúdos curriculares, como História, Arte, Língua Portuguesa e Educação Ético-Cultural, potencializa a aprendizagem interdisciplinar e promove o desenvolvimento de uma compreensão holística da cultura afro-brasileira. As atividades permitem que os alunos explorem diversos modos de expressão, ao mesmo tempo em que internalizam conceitos históricos e simbólicos, consolidando aprendizagens significativas.

A oficina tem um impacto simbólico profundo, pois transforma o ato de brincar em um espaço de afirmação da identidade negra e valorização da diversidade cultural. Ao construir, manipular e criar histórias com as bonecas Abayomi, os estudantes se reconhecem como continuadores de uma tradição histórica e cultural, assumindo protagonismo na preservação e na disseminação desse patrimônio simbólico.

A abordagem lúdica também favorece a inclusão de crianças com diferentes habilidades e estilos de aprendizagem, pois permite múltiplas formas de participação, seja pela expressão oral, escrita, artística ou corporal. Dessa maneira, a oficina se torna um espaço democrático e acessível, no qual todos os alunos podem se engajar e se sentir valorizados, promovendo a equidade e o respeito às diferenças.

A preservação da memória cultural por meio das brincadeiras também se reflete no fortalecimento do vínculo entre escola, família e comunidade, na medida em que as histórias, bonecas e atividades podem ser compartilhadas em eventos escolares, exposições e apresentações. Esse processo amplia o impacto educativo da oficina, permitindo que o conhecimento e os valores culturais sejam disseminados para além da sala de aula, reforçando o protagonismo comunitário.

A oficina de brincadeiras não se limita apenas ao aspecto lúdico, mas se configura como uma estratégia pedagógica profundamente transformadora, capaz de integrar de maneira articulada diversas dimensões do conhecimento, como arte, história, valores sociais e memória coletiva, promovendo uma experiência educativa completa e significativa.

A confecção das bonecas Abayomi, das dramatizações, jogos e atividades interativas, as crianças e jovens têm a oportunidade de vivenciar conceitos históricos e culturais de forma concreta, internalizando narrativas de resistência, ancestralidade e identidade afro-brasileira. Ao combinar diversão e aprendizagem, a oficina desperta a curiosidade, estimula o pensamento crítico e fortalece habilidades cognitivas, socioemocionais e criativas, permitindo que os participantes desenvolvam empatia, colaboração e senso de pertencimento.

A prática pedagógica valoriza saberes historicamente marginalizados, promovendo reconhecimento cultural e autoestima, e incentivando os alunos a se orgulharem de suas raízes e da diversidade presente em sua comunidade. A oficina também cria um espaço seguro e inclusivo, no qual todas as crianças podem se expressar, compartilhar experiências e construir coletivamente narrativas que conectam passado e presente, fortalecendo laços intergeracionais.

Os estudantes se tornam protagonistas do próprio aprendizado, preparados para atuar de forma crítica, reflexiva e engajada em sua sociedade, consolidando a educação como instrumento de transformação social e cultural.

2.8. ABAYOMI: OFICINA DE CONSTRUÇÃO DE BONECAS

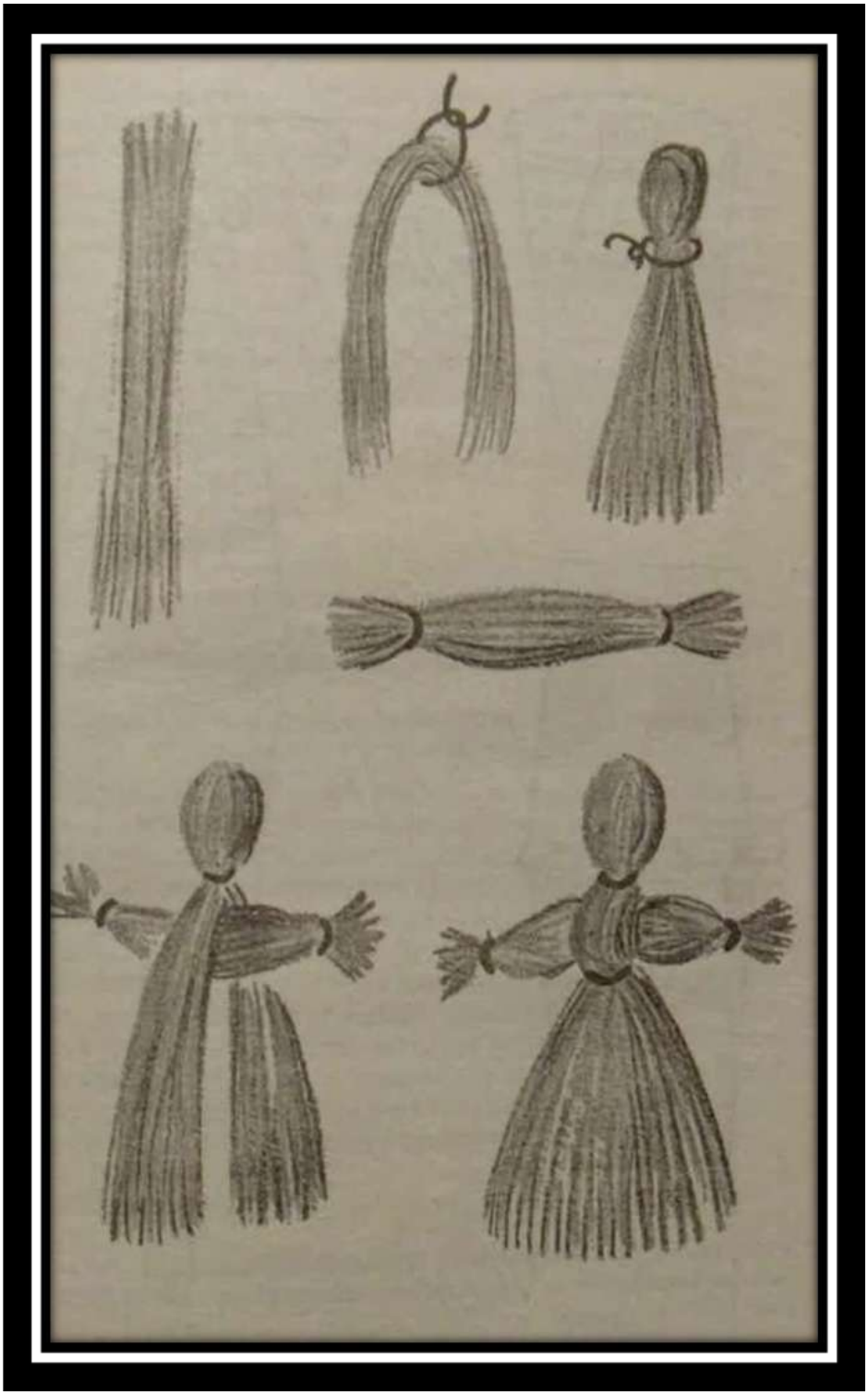
A oficina de construção de bonecas Abayomi oferece uma oportunidade singular de integrar prática artística, reflexão histórica e valorização da cultura afro-brasileira, permitindo que crianças e jovens experimentem a criação de objetos simbólicos a partir de retalhos de tecido, tranças e nós. Segundo Silva Magalhães et al. (2019), essa atividade transforma materiais simples em instrumentos pedagógicos poderosos, capazes de provocar debates sobre identidade, ancestralidade e relações étnico-raciais, promovendo uma aprendizagem significativa e engajada.

O processo de confecção das bonecas envolve múltiplas etapas que estimulam a criatividade, a coordenação motora e o trabalho colaborativo, pois os participantes precisam escolher retalhos, unir tecidos e construir a figura da Abayomi com atenção e cuidado, refletindo sobre os significados de cada nó e cada detalhe. Ischkanian (2012) enfatiza que, ao manusear os materiais e construir suas bonecas, as crianças vivenciam de forma concreta conceitos de resistência, proteção e memória cultural, internalizando histórias de superação e sobrevivência da população negra.

A oficina também funciona como um espaço de diálogo intergeracional, pois permite que conhecimentos ancestrais sejam transmitidos de maneira prática e simbólica, conectando os alunos às narrativas de seus antepassados e fortalecendo a consciência sobre pertencimento

cultural. Os participantes são convidados a compartilhar histórias, refletir sobre mitos, lendas e orixás, e compreender como a Abayomi representa cuidado, afeto e resistência histórica.

A construção das bonecas estimula habilidades pedagógicas transversais, como planejamento, resolução de problemas e expressão artística, pois os estudantes aprendem a organizar os materiais, tomar decisões criativas e representar conceitos culturais de forma visual e tátil. Silva Magalhães et al. (2019) destacam que essa prática proporciona oportunidades de aprendizagem colaborativa, onde o trabalho em grupo fortalece laços de confiança, empatia e cooperação entre os participantes.



A oficina pode ser integrada a diversas disciplinas escolares, promovendo interdisciplinaridade e aprofundamento de conteúdos, como História, Arte, Língua Portuguesa e Educação Ético-Cultural. Durante a atividade, os alunos podem elaborar narrativas escritas ou orais sobre suas bonecas, refletindo sobre ancestralidade, resistência cultural e memória coletiva, enquanto exercitam competências cognitivas e socioemocionais que são fundamentais para a formação integral.

A construção das bonecas Abayomi se revela como uma estratégia pedagógica profundamente transformadora, capaz de integrar de maneira articulada arte, memória histórica e educação, criando um espaço de aprendizagem significativo e engajado, no qual os estudantes não apenas produzem objetos, mas vivenciam narrativas de resistência, ancestralidade e cuidado que atravessam gerações. Ao participar da oficina, os alunos têm a oportunidade de compreender e valorizar a cultura afro-brasileira em suas múltiplas dimensões, reconhecendo a importância da preservação de saberes históricos, mitos, lendas e tradições orais que constituem a identidade de comunidades negras. Esse processo contribui para o fortalecimento da identidade individual e coletiva, promovendo o protagonismo dos estudantes ao mesmo tempo em que estimula a autoestima, a consciência cultural e o respeito à diversidade.

A atividade também possibilita a internalização de valores essenciais, como empatia, solidariedade, cooperação e inclusão social, incentivando atitudes de cuidado e responsabilidade para com o outro e com a memória coletiva.

A construção das bonecas Abayomi favorece o desenvolvimento de competências cognitivas, motoras e criativas, ao exigir planejamento, execução e expressão artística, tornando-se uma prática educativa completa e interdisciplinar.

A oficina se consolida como um recurso pedagógico de profunda relevância histórica, cultural e social, pois vai além da simples atividade recreativa, promovendo um ambiente educativo capaz de despertar o interesse, a curiosidade e o engajamento dos estudantes em relação às suas próprias origens e à memória coletiva afro-brasileira. Ao integrar arte, contação de histórias, práticas manuais e reflexão crítica, a oficina transforma a

experiência escolar em um espaço de aprendizagem ativa, na qual os alunos são estimulados a pensar, questionar e construir significados a partir de vivências concretas e simbólicas. Esse processo fortalece a valorização da identidade cultural e o senso de pertencimento, permitindo que os estudantes compreendam a importância de suas raízes e reconheçam a riqueza da diversidade étnica presente em sua comunidade.

A oficina promove o desenvolvimento de habilidades cognitivas, socioemocionais e criativas, ao mesmo tempo em que incentiva a cooperação, o respeito às diferenças e a empatia, consolidando práticas de cidadania e inclusão.

A dimensão histórica e cultural da atividade possibilita a internalização de narrativas de resistência, ancestralidade e superação, aproximando os alunos de um conhecimento vivo e significativo, que dialoga com o presente e projeta-se para o futuro. Os estudantes tornam-se protagonistas conscientes de sua própria história e cultura, aptos a compartilhar saberes, fortalecer vínculos comunitários e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e culturalmente plural.

2.9. ABAYOMI: OFICINA DE PINTURA

A oficina de pintura Abayomi constitui uma experiência artística rica e diversificada, capaz de aproximar os estudantes da estética afro-brasileira e dos saberes ancestrais transmitidos por gerações. Diversas técnicas de pintura podem ser exploradas nesse contexto, cada uma com potencial para expressar simbologias, histórias e identidades culturais. Entre as técnicas destacam-se a pintura com pincel tradicional, que permite detalhamento de formas e cores inspiradas nos padrões das Américas e da África, refletindo elementos culturais e

espirituais; a pintura com esponja, que cria texturas e efeitos de sobreposição, simbolizando a complexidade da memória e da resistência cultural; e a pintura com dedos ou mãos, que aproxima o artista da experiência sensorial e do vínculo afetivo com a obra, evocando práticas de arte popular e ancestral. Carvalho (2006) ressalta ainda a relevância de explorar amarrações e padrões inspirados nas tranças femininas e nas bandeiras de cooperativas, estabelecendo conexões entre design, história e identidade afrodescendente, permitindo que os estudantes compreendam como elementos culturais podem ser traduzidos visualmente em superfícies bidimensionais.

O uso de carimbos e estênceis, que possibilita a repetição de símbolos e formas geométricas representativos da tradição africana, favorecendo a familiarização com grafismos e padrões culturais. A pintura sobre tecido é também uma prática significativa, pois remete ao uso histórico de retalhos e tecidos na construção das bonecas Abayomi, integrando arte manual, improvisação e criatividade na atividade pedagógica. Ischkanian (2012) destaca que a combinação dessas técnicas permite aos estudantes experimentar cores vibrantes, contrastes e composições simbólicas, estimulando a imaginação, a percepção estética e a expressão individual dentro de um contexto coletivo.

A exploração da técnica de aquarela possibilita efeitos de transparência e sobreposição de cores, remetendo à fluidez das histórias e memórias transmitidas oralmente, e incentivando a experimentação sensorial e emocional. Técnicas de pontilhismo, traços contínuos ou linhas onduladas podem ser utilizadas para simbolizar trajetórias históricas, fluxos migratórios e elementos da cultura material africana, tornando o trabalho artístico também um recurso narrativo. Chartier (2001) reforça que a apropriação dessas técnicas no contexto educativo contribui para a construção de sentidos e significados, estimulando a leitura crítica das imagens e o reconhecimento de referências culturais.

A integração de pigmentos naturais, produzidos a partir de elementos da flora ou da terra, representa outra dimensão da pintura afrodescendente, conectando o estudante com práticas ancestrais de produção artística e promovendo consciência ecológica e cultural. Essa abordagem não apenas valoriza técnicas tradicionais, mas também estimula a inovação e o diálogo entre passado e presente, consolidando a aprendizagem significativa.

A combinação de técnicas variadas, desde a pintura direta até o uso de materiais alternativos, como areia, folhas ou tecidos, permite que os alunos construam narrativas visuais próprias, inspiradas nas histórias das bonecas Abayomi, nos mitos africanos e na memória coletiva afro-brasileira. A experimentação sensorial e artística reforça a importância do

processo criativo como instrumento pedagógico e de resistência cultural, promovendo autonomia, criatividade e autoestima nos estudantes.

Técnicas e atividades artísticas que podem ser utilizadas em uma oficina de pintura afrodescendente, como a proposta com Abayomi:

Exploração de cores vibrantes inspiradas em paletas africanas, utilizando tintas guache, acrílica ou aquarela.

Pintura com pincéis finos e largos para criar detalhes e padrões geométricos típicos da arte africana.

Pintura com as mãos ou dedos, aproximando os participantes da experiência sensorial e do vínculo afetivo com a obra.

Uso de esponjas para criar texturas e efeitos de sobreposição, simbolizando camadas de memória e ancestralidade.

Carimbos com elementos naturais, como folhas, galhos ou frutas, para reproduzir padrões tradicionais.

Estêncil com símbolos africanos, como Adinkra, para desenvolver habilidades de repetição e composição visual.

Pintura sobre tecido, transformando retalhos e panos em peças decorativas ou narrativas.

Aquarela com técnicas de transparência, sobreposição e mistura de cores para representar fluxos migratórios e histórias da diáspora.

Pontilhismo ou mosaico de pontos para construir imagens simbólicas e detalhadas inspiradas em mitos e tradições.

Traços contínuos ou ondulados para representar linhas do tempo, trajetórias históricas ou padrões culturais.

Incorporação de pigmentos naturais, como argila, carvão ou pigmentos vegetais, conectando os estudantes às práticas ancestrais.

Colagem com tecidos coloridos e papéis variados, inspirada na tradição de reaproveitamento e criação de valor a partir de retalhos.

Pintura em múltiplas camadas, explorando transparências, sobreposições e efeitos de profundidade simbólica.

Grafite ou pintura mural em grande escala, reproduzindo símbolos e narrativas coletivas.

Ilustração de histórias ou lendas africanas diretamente sobre suportes de papel ou telas, integrando narrativa e imagem.

Desenho de padrões inspirados em tranças, tecidos e amarrações femininas, conectando design e identidade cultural.

Experimentos com técnicas mistas, combinando tinta, tecido, areia, folhas ou outros elementos naturais.

Atividades de pintura coletiva, nas quais cada participante contribui para uma obra conjunta, simbolizando união e memória compartilhada.

Criação de diários visuais ou cadernos de arte, registrando passo a passo a construção das narrativas e desenhos.

Construção de painéis ou murais temáticos, representando a história das Abayomi, resistência cultural e ancestralidade, promovendo aprendizado colaborativo.

A oficina de pintura Abayomi evidencia a riqueza da expressão artística afrodescendente como ferramenta de educação integral, interdisciplinar e lúdica. Ao explorar técnicas diversificadas, os estudantes não apenas desenvolvem competências artísticas, mas também aprofundam a compreensão de sua ancestralidade, identidade cultural e do papel da memória coletiva na construção de uma sociedade mais consciente, inclusiva e valorizadora da diversidade histórica e cultural.

2.10. ABAYOMI: PALESTRAS TEMÁTICAS

As palestras temáticas sobre Abayomi configuram-se como uma estratégia educativa rica e multifacetada, permitindo que estudantes e participantes compreendam a profundidade histórica, cultural e simbólica das bonecas afro-brasileiras e sua relação com a diáspora africana. Segundo Bloch (2001), a história deve ser apresentada de forma crítica e interpretativa, de modo que as palestras ofereçam uma perspectiva que vá além dos fatos,

incentivando a reflexão sobre os contextos de escravidão, resistência e preservação cultural que deram origem às Abayomi.

Quadro 1: Planejamento para palestras temáticas com foco pedagógico.

Tema da Palestra	Objetivos Pedagógicos	Público-Alvo	Estratégias de Interação
O legado da diáspora africana e sua influência na formação cultural do Brasil	Compreender a contribuição africana para a cultura, economia e sociedade brasileira; valorizar tradições e saberes ancestrais	Ensino Fundamental II e Ensino Médio	Apresentação multimídia, debate em grupo, estudo de casos históricos
Ancestralidade africana como fonte de identidade e autoestima	Fortalecer a identidade cultural dos estudantes; estimular orgulho das raízes africanas	Educação Infantil ao Ensino Médio	Atividades de contação de histórias, roda de conversa, registros artísticos
Resistência cultural através da arte, música e dança	Reconhecer a arte como forma de resistência; valorizar expressões culturais afro-brasileiras	Ensino Fundamental II e Ensino Médio	Oficina de música, dança e artes visuais; criação de performances coletivas
Bonecas Abayomi: cuidado, memória e resistência	Compreender simbolismos das bonecas; promover empatia e cuidado intergeracional	Educação Infantil ao Ensino Médio	Oficina de construção de bonecas, contação de histórias e debate sobre ancestralidade
Contação de histórias afro-brasileiras	Preservar narrativas orais e saberes ancestrais; desenvolver habilidades de expressão oral	Educação Infantil e Fundamental I	Roda de histórias, dramatizações, produção de livros ilustrados pelos alunos
Influência da religiosidade africana na cultura brasileira	Entender sincretismo religioso; valorizar diversidade espiritual	Ensino Fundamental II e Ensino Médio	Painéis temáticos, debates, visita a centros culturais afro-brasileiros
Racismo estrutural e estratégias de resistência	Desenvolver consciência crítica sobre desigualdade racial; promover empatia	Ensino Médio e Ensino Superior	Palestra interativa, estudo de casos contemporâneos, rodas de diálogo
Estética africana na moda, design e artes visuais	Reconhecer padrões, cores e formas africanas; estimular expressão criativa	Ensino Fundamental II e Ensino Médio	Oficina de design, criação de padrões e painéis de inspiração visual
Protagonismo feminino negro	Valorizar a contribuição histórica e contemporânea de mulheres negras	Ensino Fundamental II e Ensino Médio	Debates, estudo de biografias, projetos de pesquisa e apresentações
Práticas pedagógicas afrocentradas	Implementar estratégias educativas inclusivas; valorizar diversidade cultural	Educação Infantil ao Ensino Médio	Oficinas de planejamento pedagógico, análise de material didático, jogos educativos

Música afro-brasileira e construção cultural	Entender a música como patrimônio cultural; explorar ritmos e narrativas	Educação Infantil ao Ensino Médio	Oficinas de percussão, canto e composição musical, apresentação de grupos
Danças tradicionais afrodescendentes	Preservar saberes corporais e narrativos; desenvolver coordenação motora e expressão	Educação Infantil ao Ensino Médio	Aulas práticas de dança, pesquisa sobre rituais e histórias associadas aos movimentos
Memória afetiva e coletiva	Compreender a importância da memória na identidade cultural	Ensino Fundamental II e Ensino Médio	Oficinas de registros visuais, entrevistas familiares, construção de murais de memória
Influência africana na culinária brasileira	Reconhecer a relação entre comida, cultura e identidade; explorar tradições alimentares	Ensino Fundamental II e Ensino Médio	Oficina de receitas, roda de conversa sobre simbologia alimentar, registros fotográficos
Africanos e afrodescendentes na ciência e educação	Valorizar trajetórias históricas e contemporâneas; estimular empoderamento acadêmico	Ensino Médio e Ensino Superior	Palestras com cientistas, pesquisa de biografias, apresentações de projetos
Artes visuais e narrativas da diáspora	Produzir conhecimento por meio da arte; estimular expressão simbólica	Educação Infantil ao Ensino Médio	Pintura, ilustração, murais coletivos, oficinas de técnicas afrodescendentes
Ubuntu e filosofia afrocentrada	Desenvolver valores de cooperação, solidariedade e empatia	Educação Infantil ao Ensino Médio	Jogos cooperativos, rodas de diálogo, atividades de resolução de conflitos
Espaços escolares inclusivos	Implementar práticas educativas que valorizem a diversidade	Educação Infantil ao Ensino Médio	Planejamento de atividades inclusivas, oficinas de sensibilização, avaliação participativa
Preservação do patrimônio imaterial afro-brasileiro	Valorizar histórias, cantos, danças e rituais; fortalecer memória coletiva	Ensino Fundamental II e Ensino Médio	Oficinas de registro cultural, visita a museus e centros culturais, apresentações artísticas
Tecnologias digitais e cultura afrodescendente	Integrar tecnologia à educação; difundir memória cultural	Ensino Fundamental II e Ensino Médio	Produção de vídeos, podcasts, blogs, redes sociais e exposições virtuais

Fonte: ISCHKANIAN, S. H. D.; CABRAL, G. N.; ISCHKANIAN, S. G.; RODRIGUES, R. M.; LIMA, A. M. B.; CARVALHO, S. N.; VENDITTE, N.; AZEVEDO, C. M. S.; VIANA, F. B.; SANTOS, P. N. M. R.; CARVALHO, G. N. (2025)

Camargo e Daros (2018) destacam que o aprendizado ativo em sala de aula pode ser potencializado por meio de palestras dinâmicas, que integrem debates, narrativas e recursos visuais, promovendo engajamento e participação dos estudantes. Nesse sentido, a palestra

sobre Abayomi pode incluir relatos históricos, contação de histórias, demonstrações de confecção das bonecas e exemplos de sua presença na cultura contemporânea, garantindo que os participantes se envolvam ativamente no processo educativo.

Carvalho (1999) reforça que a história política e social do Brasil precisa ser apresentada com sensibilidade às narrativas marginalizadas, valorizando a memória e a contribuição das populações afro-brasileiras. As palestras, nesse contexto, tornam-se um espaço de resgate da memória, no qual os estudantes compreendem a relevância cultural das Abayomi e a resistência que elas simbolizam, ao mesmo tempo em que se promovem reflexões sobre identidade e diversidade.

Ischkanian (2012) aponta que a abordagem pedagógica das bonecas Abayomi em palestras pode ser enriquecida com atividades práticas e interativas, como oficinas de construção das bonecas, discussões sobre símbolos africanos, pintura, escrita criativa ou dramatização, transformando o momento de transmissão de conhecimento em uma experiência imersiva e significativa.

A utilização de recursos multimídia, incluindo imagens, vídeos, áudios e registros de testemunhos orais, contribui para a contextualização histórica e cultural das Abayomi, facilitando a compreensão das trajetórias de resistência e preservação cultural de crianças e mães africanas durante o período da escravidão. Além disso, permite que os participantes percebam as conexões entre passado e presente, valorizando a continuidade das tradições afro-brasileiras na atualidade.

Simone Helen Drumond Ischkanian (2025): Evidencia que a proposta temática enfatiza a valorização da cultura afro-brasileira desde a infância, destacando que a utilização de bonecas, contação de histórias, oficinas artísticas e atividades lúdicas representa uma estratégia pedagógica inovadora capaz de fortalecer a consciência negra, promover autoestima e incentivar o reconhecimento da ancestralidade como elemento central na construção da identidade pessoal e coletiva, permitindo que crianças e jovens compreendam suas raízes, se apropriem de narrativas históricas muitas vezes marginalizadas e desenvolvam sentimentos de pertencimento, orgulho cultural e respeito pela diversidade, consolidando práticas educativas que transformam o espaço escolar em um ambiente inclusivo, reflexivo e sensível às tradições afrodescendentes.

Gladys Nogueira Cabral (2025): Destaca que o estudo e a valorização da memória histórica e afetiva das comunidades afrodescendentes permitem aos estudantes compreender a continuidade das tradições, a relevância dos saberes ancestrais e o papel da resistência cultural como ferramenta de enfrentamento ao racismo estrutural, sendo fundamental

incorporar narrativas orais, práticas artísticas e expressões culturais nos currículos escolares para promover empatia, reflexão crítica e a construção de uma identidade coletiva baseada no reconhecimento de suas raízes e no fortalecimento da autoestima.

Sandro Garabed Ischkanian (2025): Evidencia que a interseção entre arte, história e pedagogia possibilita a criação de oficinas de bonecas Abayomi, murais, pinturas e outras práticas artísticas que funcionam como instrumentos de aprendizagem significativa, permitindo que estudantes compreendam a diáspora africana, internalizem valores de resistência cultural e estabeleçam conexões entre passado e presente, ao mesmo tempo em que desenvolvem habilidades criativas, sensibilidade estética e capacidade de expressão crítica.

Rosimery Mendes Rodrigues (2025): Ressalta a importância de promover o protagonismo negro na educação, evidenciando como a valorização de histórias, representações simbólicas e expressões culturais permite fortalecer a identidade de crianças e jovens, estimulando a autoestima, a empatia e a compreensão da diversidade, enquanto os alunos aprendem a reconhecer e respeitar o valor histórico e cultural das populações afro-brasileiras, tornando-se agentes ativos na construção de um ambiente escolar inclusivo e transformador.

Ana Maria Bárbara Lima (2025): Destaca que a resistência cultural das comunidades afro-brasileiras é transmitida por meio de práticas históricas e artísticas, incluindo artesanato, música, dança e narrativa oral, e que essas manifestações, quando incorporadas às práticas pedagógicas, não apenas preservam a memória cultural, mas também promovem reflexão crítica sobre desigualdade e racismo, fortalecendo o senso de pertencimento, identidade e valorização das tradições afrodescendentes nos contextos escolares e comunitários.

Silvana Nascimento de Carvalho (2025): Ressalta que a memória coletiva e a ancestralidade desempenham papel central na construção da identidade cultural dos estudantes, sendo essencial que práticas pedagógicas contemplem saberes afro-brasileiros para promover inclusão, empoderamento e valorização histórica, permitindo que crianças e jovens reconheçam suas raízes, compreendam a importância da preservação cultural e desenvolvam atitudes de respeito, solidariedade e consciência social em suas interações cotidianas.

Neusa Venditte (2025): Evidencia que o ensino da história da diáspora africana deve ser interdisciplinar, conectando narrativa, artes visuais, música e dança, de forma a possibilitar que os estudantes compreendam os impactos históricos da escravidão, a

resiliência das comunidades afro-brasileiras e a importância de manter vivas suas tradições culturais, promovendo aprendizado significativo, reflexão crítica e o fortalecimento da identidade coletiva.

Celine Maria de Sousa Azevedo (2025): Destaca que o uso de narrativas simbólicas e materiais artísticos, como bonecas, murais e pinturas, permite aproximar os estudantes de conceitos de ancestralidade, identidade e resistência cultural, sendo fundamental que essas experiências pedagógicas valorizem a aprendizagem ativa, a expressão criativa e o contato direto com a história, possibilitando que as crianças compreendam a importância do legado afrodescendente na construção da sociedade e no fortalecimento da autoestima.

Fabiane Bandeira Viana (2025): Evidencia que a valorização da estética africana e afro-brasileira, por meio de padrões, cores, texturas e amarrações de tecidos, constitui uma poderosa ferramenta pedagógica para integrar arte, história e cultura, permitindo que os estudantes desenvolvam habilidades criativas, compreendam o significado cultural dos elementos visuais e reconheçam a riqueza simbólica das tradições afrodescendentes, promovendo empoderamento, identidade e pertencimento cultural.

Priscilla Nayane Magalhães Ribeiro dos Santos (2025): Ressalta que a ancestralidade deve ser utilizada como recurso pedagógico para reflexão crítica, empoderamento e construção de identidade, mostrando que práticas culturais afrodescendentes — como histórias, danças e objetos simbólicos — permitem que estudantes reconheçam suas raízes, compreendam o valor histórico da resistência cultural e construam sentido de pertencimento e autoestima, fortalecendo o vínculo com a herança afro-brasileira.

Gabriel Nascimento de Carvalho (2025): Evidencia que a integração entre memória histórica, resistência cultural e práticas artísticas, através de oficinas, apresentações e projetos educativos, é essencial para promover a valorização das tradições afro-brasileiras, estabelecer diálogo entre gerações e criar espaços escolares inclusivos, críticos e culturalmente sensíveis, nos quais os estudantes possam se engajar ativamente no aprendizado, compreender suas raízes e desenvolver consciência histórica e social.

As palestras temáticas podem funcionar como um instrumento de empoderamento cultural, estimulando o orgulho das raízes afro-brasileiras, promovendo consciência crítica, incentivando a preservação da memória coletiva e reforçando o papel da educação na construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e sensível à diversidade histórica e cultural.

3. CONCLUSÃO

A pesquisa sobre as bonecas Abayomi evidencia que, mesmo em contextos de dor, violência e exclusão, a criatividade e o cuidado humano se revelam como forças transformadoras capazes de preservar a memória e a identidade cultural. Através da confecção de pequenas bonecas de retalhos, mães e crianças africanas no período da escravidão encontraram uma forma de proteger, acalmar e transmitir valores essenciais, garantindo que a ancestralidade não fosse perdida mesmo em meio à desumanização. Esse gesto simples, porém profundo, demonstra como práticas culturais podem resistir à opressão e perpetuar saberes que se tornam pilares da identidade coletiva.

A Abayomi transcende sua condição material de objeto feito à mão, tornando-se um símbolo carregado de significados que articulam afetividade, memória, resistência e educação. Cada trança, nó ou retalho carrega histórias, sentimentos e esperanças, transformando a boneca em um veículo de conexão entre gerações. Ao trabalhar com essas narrativas nas escolas e oficinas, torna-se possível estabelecer um vínculo emocional e intelectual entre estudantes e suas origens, fortalecendo o orgulho das raízes africanas e promovendo a valorização da cultura afro-brasileira de forma consciente e significativa.

A construção das bonecas Abayomi proporciona experiências pedagógicas únicas, permitindo que os estudantes se engajem em processos criativos que estimulam habilidades motoras, cognitivas e socioemocionais. Essa prática incentiva a reflexão sobre valores essenciais, como solidariedade, cuidado, empatia e respeito à diversidade. Nesse sentido, a Abayomi não é apenas um objeto de aprendizagem artística, mas uma ferramenta educativa que integra história, arte, ética e memória, oferecendo oportunidades de aprendizado ativo e transformador.

Ao incorporar a Abayomi nas atividades escolares, observa-se também a promoção de um diálogo intercultural, no qual alunos de diferentes origens podem reconhecer a riqueza das contribuições africanas para a sociedade brasileira. Essa perspectiva fortalece o sentimento de pertencimento e colaboração, estimulando a construção de ambientes escolares mais inclusivos, democráticos e sensíveis à pluralidade cultural.

A boneca, então, deixa de ser apenas um instrumento simbólico e passa a atuar como catalisadora de processos educativos capazes de transformar percepções e atitudes.

A dimensão afetiva das Abayomis é central para compreender seu impacto na formação de identidade. Ao permitir que crianças e jovens se conectem com práticas ancestrais, essas bonecas incentivam o reconhecimento de si mesmos como parte de uma história contínua, em que resistência, criatividade e cuidado se entrelaçam. Essa experiência

promove autoestima e autoconfiança, elementos fundamentais para a construção de indivíduos conscientes de sua história, capazes de dialogar criticamente com a sociedade e engajados na valorização da cultura afro-brasileira.

A Abayomi se revela como um instrumento poderoso de preservação do patrimônio cultural imaterial. Ao resgatar técnicas de arte dos retalhos e transmitir saberes ancestrais, as oficinas e atividades pedagógicas conectadas a essa prática garantem que as tradições afro-brasileiras permaneçam vivas e acessíveis às novas gerações. Essa perpetuação não se limita ao resgate histórico, mas também contribui para fortalecer a identidade coletiva, criando referências simbólicas que inspiram respeito e orgulho pela herança africana.

O impacto das Abayomis se estende ainda à promoção de empoderamento social e cultural, pois sua abordagem pedagógica incentiva o protagonismo de crianças, jovens e educadores negros, proporcionando espaços de expressão, reconhecimento e valorização de suas narrativas.

A prática estimula a compreensão de que a cultura e a história afro-brasileira são fundamentais não apenas para a preservação da memória, mas também para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária, na qual a diversidade é celebrada.

A experiência pedagógica com Abayomi também evidencia a relevância de integrar arte, história, ética e memória em um projeto educativo holístico, capaz de atender às demandas afetivas, cognitivas e culturais dos estudantes. Essa abordagem fortalece competências sociais, como cooperação, empatia e responsabilidade, e promove reflexão crítica sobre desigualdades, racismo e preconceito, permitindo que as práticas escolares contribuam para a formação de cidadãos conscientes e engajados na transformação social.

Em última análise, a Abayomi representa mais do que a soma de retalhos e nós; é uma expressão viva da ancestralidade, resistência e criatividade afro-brasileira. Sua prática pedagógica proporciona múltiplas possibilidades de aprendizado, promovendo identidade, pertencimento e valorização cultural, enquanto reforça o compromisso com a justiça social e a preservação da memória coletiva. Ao integrar essas práticas nas escolas e espaços educativos, assegura-se que a herança africana continue a inspirar e transformar, oferecendo às futuras gerações referências sólidas de orgulho, consciência histórica e sensibilidade cultural.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **Quando as pessoas se transformam em patrimônio cultural.** In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario. (Org.). *Memória e Patrimônio: Ensaios Contemporâneos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. v. 1, p. 83-97.

ALBERTI, Verena. **Ouvir e contar: textos em história oral.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALENCASTRO, Luiz Felipe. **O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico** *Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar.** In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.

BARREIRO, José Carlos; REDIKER, Marcus. **O navio negreiro: uma história humana.** Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BERTOZA, Tarianne da S. Pinto; AZEVEDO, Isabela Sarmet. **Contos e Encantos da Abayomi: Serviço Social e o Debate das Relações Étnico-Raciais nas Escolas.** In: *Agenda Social*, v. 13, n. 1, 2019.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. **Lei Nº 10.639 de 09 de Janeiro de 2003**. Brasília, 2003.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. **A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo.** Porto Alegre: Penso, 2018.

CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e Bordados: escritos de história e política.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

CARVALHO, Luciana Grether de Mello. **Abayomi: o design nas amarrações dos fios femininos na bandeira de uma cooperativa.** Luciana Grether de Mello Carvalho; orientador: Luiz Antônio Luzio Coelho. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Artes & Design, 2006.

CHARTIER, Roger. "Prefácio". In: ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CORRÊA, Antônio Matheus do Rosário; SANTOS, Raquel Amorim dos. **O Estado da arte sobre crianças negras em produções da ANPED (2007-2019).** *Revista da ABPN*, v. 12, n. 33, jun./ago. 2020, p. 85-109.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

DA SILVA MAGALHÃES, Brenda Rafaella et al. Artesãs De Histórias: **A Utilização Da Boneca Abayomi Como Recurso Para Debates Étnico-Raciais.** In: *Encontro Sul 2019*. 2019.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia.** Lisboa: Edições 70, 2008.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FLORENTINO, Manolo. **Em costas negras.** São Paulo: Unesp, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

GONÇALVES, José Reginaldo. **Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios.** *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan./jun. 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios.** Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

GOYENA, Alberto. **Espólio Arquitetônico: notas sobre a partilha, circulação e retorno do patrimônio demolido.** *Pontourbe*, n. 15, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **Fragmentos de la memoria colectiva.** In: *Revista de Cultura Psicológica*, año 1, n. 1, México: UNAM-Faculdade de Psicologia, 1991.

HALBWACHS, Maurice. **La Topographie légendaire des Évangiles en Terre Sainte.** *Étude de mémoire collective*. Paris: PUF, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire.** Paris: Presses Universitaires de France, 1952.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; CARVALHO, Silvana Nascimento de; CARVALHO, Gabriel Nascimento de. **Infância negra em perspectiva: trajetórias históricas, saberes educacionais e os desafios do racismo estrutural.** 2025. Disponível em: https://www.academia.edu/130303419/INF%C3%82NCIA_NEGRA_EM_PERSPECTIVA. Acesso em: 06 out. 2025.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond. **Ubuntu Simone Helen Drumond.** 2014. Disponível em: https://pt.slideshare.net/slideshow/ubuntu-simone-helen-drumond/30557748. Acesso em: 06 out. 2025.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond. *Consciência negra para bebês*. 2016. Disponível em: https://pt.slideshare.net/slideshow/consciencia-negra-para-bebes/23354386. Acesso em: 06 out. 2025.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond. **Atividades – Consciência Negra (12).** 2012. Disponível em: https://simonehelendrumond.blogspot.com/search/label/Consci%C3%AAncia%20NEGRA?m=0. Acesso em: 06 out. 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LANGENBACH, M. L. **Além do apenas funcional: inovação social e design de serviços na realidade brasileira.** 2008. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

MARQUESE, Rafael de Bivar. **A dinâmica da escravidão no Brasil.** Resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. In: *Novos Estudos do CEBRAP*, março 2006. p. 107-123.

MORAES, Salete Sonáglio; ZOMER, Lorena. **História dos Brinquedos.** In: *Os desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE*, v. 1, 2013.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **A História da África nos bancos escolares.** Representações e imprecisões na literatura didática. In: *Estudos Afro-Asiáticos*, 25, n. 3, 2003, p. 421-461.

OLIVEIRA, Eduardo. **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente.** Trilogia da Ancestralidade, v. I, p. 60-61, 1. ed. Rio de Janeiro: Ape`Ku, 2021.

PAULA, Benjamim Xavier de. **Os Estudos Africanos no Contexto das Diásporas.** In: *Revista Educação e Políticas em Debate*, v. 2, n. 1, jan./jul. 2013.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio.** In: *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, jun. 1989, p. 3-15.

POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social.** In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais.** 3. ed. Lisboa: Gradiva, 2008.

RIBEIRO, Alexandre Vieira; SILVA, Daniel B. Domingues. **O tráfico de escravos africanos: novos horizontes.** *Revista Tempo*, v. 23, n. 2, mai./ago. 2017.

RIBEIRO, Darcy. **Povo Brasileiro – A formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Lorene. **Ensino de História e a Lei 10.639/03: diálogos entre campos de conhecimento, diretrizes curriculares e os desafios da prática.** In: *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 12, n. 17, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Sonia Maria da. Experiência **Abayomi: cotidianos: coletivos, ancestrais, femininos, artesanatos e empoderamentos.** Orientadora: Regina Leite Garcia. Niterói, RJ: UFF, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação).

SILVA, Sonia Maria da. **Experiência Abayomi: coletivos, ancestrais, femininos, artesaniando empoderamentos.** In: *V ENECULT. Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, UFBA, Salvador, 27 a 29 de maio de 2009.

SIMÕES, André. **Igualdade, um desafio histórico.** In: *Retratos – A revista do IBGE*, 2018. p. 6-7.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 14. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

E-BOOK - 2025

ABAYOMI

Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Rosimery Mendes Rodrigues
Ana Maria Bárbara Lima
Silvana Nascimento de Carvalho
Neusa Venditte
Celine Maria de Sousa Azevedo
Fabiane Bandeira Viana
Priscilla Nayane Magalhães Ribeiro dos Santos
Gabriel Nascimento de Carvalho

O NÓ DE AFETO DE ABAYOMI.

Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Rosimery Mendes Rodrigues
Ana Maria Bárbara Lima
Silvana Nascimento de Carvalho
Neusa Venditte
Celine Maria de Sousa Azevedo
Fabiane Bandeira Viana
Priscilla Nayane Magalhães Ribeiro dos Santos
Gabriel Nascimento de Carvalho

No vasto mar, a escuridão cobria um navio lotado, abafado pelo choro contido e pelos sons das correntes que ecoavam como lamentos. A mãe, Folami, sentia o medo de todos que ali estavam, um medo profundo e silencioso que penetrava a alma. Ela abraçava sua filha, Abeni, apertado, tentando aquecer o pequeno corpo trêmulo da criança em meio à umidade gelada da noite. As ondas batiam contra as madeiras do navio com força, e a sensação de incerteza se espalhava como uma sombra entre os corpos amontoados. Folami olhava para o céu sem estrelas e buscava, em sua memória, os cantos ancestrais que sua avó entoava nas noites de lua cheia. Naquele momento de desespero, ela compreendeu que a única coisa que ainda lhe restava era sua história, sua voz e seu amor.

Enquanto o navio avançava por águas desconhecidas, Folami pensava em sua terra, em sua aldeia, nos campos e nas danças que uniam as pessoas em comunhão com a vida. Recordava os tecidos coloridos, os sorrisos e as celebrações, e essas lembranças eram o que a mantinham em pé, mesmo diante da brutalidade que presenciava. Abeni, ainda muito pequena para compreender a dimensão do que acontecia, buscava no olhar da mãe uma âncora, um abrigo seguro em meio à tempestade emocional que as cercava. Folami então começou a sussurrar histórias antigas, transmitidas por gerações, sobre mulheres fortes que enfrentaram mares, guerras e desafios com coragem. A cada palavra, ela construía um espaço de resistência e proteção invisível, onde a dor não apagava a ancestralidade.

As noites seguintes foram marcadas por escuridão, frio e fome, mas também por pequenos gestos de humanidade que surgiam entre as mulheres. Uma oferecia água a outra, alguém compartilhava um pedaço de pano, e assim, lentamente, criava-se um elo silencioso de solidariedade. Folami, observando os retalhos de tecido que algumas mulheres guardavam escondidos, teve uma ideia que brotou como um lampejo de esperança em meio ao

sofrimento. Com habilidade e cuidado, começou a rasgar discretamente as pontas de sua própria roupa para criar pequenas bonecas de pano, simples, sem costura, apenas com nós firmes e criativos. Essas bonecas, feitas com amor e ancestralidade, seriam chamadas mais tarde de Abayomi — "encontro precioso" — e se tornariam um símbolo de resistência, afeto e identidade.

Folami entregou a primeira boneca para Abeni, que a segurou com firmeza, como se aquele pequeno objeto fosse uma extensão do abraço da mãe. A boneca, feita de retalhos, tornou-se um amuleto de coragem para a criança. Outras mães começaram a imitar o gesto, produzindo suas próprias bonecas e oferecendo-as aos filhos e filhas como uma forma de manter viva a memória do lar que haviam deixado para trás. Aqueles pequenos objetos passaram a circular entre os corpos aprisionados, carregando em cada nó e amarração uma história, um nome, uma lembrança de quem eram antes da travessia forçada. A oficina silenciosa que se formava no porão do navio era, na verdade, uma poderosa forma de resistência cultural e emocional.

Com o passar dos dias, mesmo diante do sofrimento extremo, as bonecas Abayomi tornaram-se uma linguagem própria entre as famílias escravizadas. Eram trocadas como presentes de amizade e solidariedade, oferecidas como consolo diante da perda e compartilhadas como símbolos de fé e pertencimento. Folami observava as crianças brincarem com aquelas bonecas improvisadas e percebia nelas um brilho de esperança. Era como se, ao brincar, elas reconquistassem um pouco de sua humanidade, roubada pela violência do tráfico. A oficina silenciosa de construção das bonecas transformou aquele porão escuro em um espaço simbólico de criação, onde o passado, o presente e o futuro se encontravam.

A cada boneca criada, as mulheres reafirmavam suas identidades e construíam um patrimônio imaterial que seria transmitido por gerações. O ato de criar Abayomis não era apenas uma brincadeira, mas um gesto profundamente político e espiritual. Ali, entre madeiras, correntes e escuridão, elas preservavam a língua dos gestos, a memória dos tecidos e a força da ancestralidade. Abeni crescia ouvindo as histórias de sua mãe, sentindo os nós firmes da boneca entre os dedos, aprendendo desde cedo que resistir também é criar, cuidar e contar histórias. Cada retalho representava um pedaço da vida que havia ficado para trás, mas que não seria esquecido.

Quando finalmente chegaram à terra desconhecida, exaustas e marcadas pela dor, as mulheres carregavam consigo não apenas os corpos, mas também as histórias, os cantos e as bonecas que haviam confeccionado. Mesmo em novas condições de opressão, as Abayomis

continuaram a ser transmitidas, transformando-se em heranças simbólicas. Elas foram levadas para senzalas, passadas de mãe para filha, preservando não só técnicas de amarração, mas também saberes, memórias e sentimentos ancestrais. O gesto de Folami, nascido do amor e da resistência, espalhou-se silenciosamente por gerações, tornando-se um legado vivo.

No vasto mar onde tudo parecia perdido, nasceu uma das mais belas expressões da resistência cultural afrodescendente, uma força silenciosa que floresceu entre correntes, privações e sombras, revelando que a criatividade e a memória são ferramentas poderosas de sobrevivência. As bonecas Abayomi não representam apenas objetos de pano, mas são verdadeiras guardiãs de histórias, sentimentos e esperanças. Cada nó, cada dobra e cada retalho carrega consigo a sabedoria de mulheres que, mesmo submetidas à dor e à violência, conseguiram criar beleza, preservar sua identidade e transmitir valores às futuras gerações. Elas são a prova viva de que a cultura é indestrutível quando está enraizada no coração de um povo.

A construção das Abayomis não foi um ato isolado, mas uma resposta coletiva e ancestral à tentativa de apagamento cultural. Ao confeccionar essas pequenas bonecas com as próprias roupas, sem costuras e sem materiais sofisticados, as mulheres africanas reinventaram formas de comunicação e afeto, transmitindo mensagens silenciosas de resistência. Em cada boneca havia um gesto de amor materno, um sinal de solidariedade comunitária e uma afirmação de pertencimento. No fundo dos navios negreiros, entre o medo e a escuridão, nasceu um símbolo que, séculos depois, ainda ecoa com força, inspirando práticas pedagógicas, artísticas e culturais em escolas e comunidades afro-brasileiras.

O gesto de Folami e de tantas outras mulheres se transformou em um patrimônio imaterial que atravessou fronteiras e resistiu ao tempo. Não se trata apenas de um objeto histórico, mas de uma linguagem cultural que sobreviveu à diáspora, às violências da escravidão e ao racismo estrutural. Hoje, ao criar uma Abayomi, não estamos apenas repetindo uma técnica, mas recontando uma história, reafirmando uma identidade e honrando a memória de mulheres que, mesmo nas situações mais desumanas, encontraram meios de proteger suas crianças e suas raízes. Cada boneca confeccionada em sala de aula, em oficinas ou espaços culturais é uma semente de consciência plantada no presente.

Ao resgatar essa história nas escolas e espaços culturais, perpetuamos um legado de resistência e amor que jamais poderá ser apagado. A oficina de construção das bonecas Abayomi transforma-se em um espaço educativo profundamente significativo, no qual os alunos não apenas aprendem sobre técnicas artesanais, mas também refletem sobre ancestralidade, identidade e justiça social. Ela possibilita que crianças e jovens compreendam

que a arte pode ser um instrumento de luta, preservação e orgulho, permitindo que se reconheçam como parte de uma trajetória histórica rica, diversa e poderosa.

As Abayomis também representam um convite ao diálogo intergeracional. Ao confeccioná-las, educadores, estudantes e famílias se reúnem em torno de histórias que atravessam séculos, reconstruindo vínculos afetivos e culturais. Elas nos lembram de que o conhecimento ancestral não está restrito aos livros, mas também vive nos gestos, nas tradições e nas expressões artísticas transmitidas de geração em geração. Esse movimento de resgate fortalece a autoestima de crianças negras e amplia a compreensão de todos os estudantes sobre a importância da diversidade cultural.

Valorizar as Abayomis significa reconhecer a contribuição inestimável da cultura africana e afro-brasileira para a formação da identidade nacional. Cada boneca confeccionada hoje representa um elo com o passado e uma aposta no futuro — um futuro onde a memória não seja silenciada, mas celebrada. É um gesto de reparação simbólica, de fortalecimento coletivo e de construção de uma sociedade mais justa e plural. Ao mesmo tempo, é uma prática artística acessível, que permite a qualquer pessoa, independentemente da idade ou habilidade, participar ativamente da preservação de um legado ancestral.

As bonecas Abayomi ultrapassam os limites do tempo e do espaço, tornando-se verdadeiros símbolos de resistência, amor e identidade, capazes de conectar passado, presente e futuro por meio de gestos simples, mas profundamente significativos. Elas revelam que, mesmo em meio à escuridão mais profunda, a criatividade humana é capaz de gerar luz, manter viva a memória e transformar dor em arte, reafirmando que a cultura é um território de força e sobrevivência.

Cada oficina, cada contação de história e cada gesto de criação reafirma a força de um povo que nunca deixou de lutar, educar e sonhar, transformando o ato de confeccionar bonecas em uma ação educativa, política e afetiva. Ao serem inseridas nos espaços escolares e culturais, as Abayomis não apenas ensinam técnicas manuais, mas também despertam a consciência histórica e o senso de pertencimento coletivo, fortalecendo a identidade afro-brasileira em suas múltiplas dimensões.

Preservar e divulgar essa tradição é manter viva uma chama que aquece, ilumina e inspira novas gerações a reconhecerem sua própria ancestralidade com orgulho e respeito, incentivando-as a se tornarem protagonistas de uma história que resiste e floresce a cada novo gesto criativo.

ABAYOMI: A ANCESTRALIDADE POR MEIO DA ARTE DOS RETALHOS, SABERES E MEMÓRIAS.

ABAYOMI

ABAYOMI

ABAYOMI

ABAYOMI

ABAYOMI

ABAYOMI

ABAYOMI

ABAYOMI

ABAYOMI

TRABALHAR HISTÓRIA SOMENTE COM IMAGENS

Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Rosimery Mendes Rodrigues
Ana Maria Bárbara Lima
Silvana Nascimento de Carvalho
Neusa Venditte
Celine Maria de Sousa Azevedo
Fabiane Bandeira Viana
Priscilla Nayane Magalhães Ribeiro dos Santos
Gabriel Nascimento de Carvalho

Trabalhar História somente com imagens é uma estratégia pedagógica extremamente eficaz, pois estimula a observação crítica, o pensamento histórico, a interpretação simbólica e o desenvolvimento da leitura visual — competências fundamentais para a formação de alunos ativos e reflexivos. Essa abordagem é especialmente interessante em turmas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, mas também pode ser explorada com profundidade em níveis mais avançados. A seguir, apresento uma proposta ampliada com diferentes formas de utilizar imagens no ensino de História, incluindo maneiras específicas de trabalhar com a história das bonecas Abayomi.

Um dos caminhos mais ricos é utilizar imagens como portas de entrada para narrativas históricas. Fotografias antigas, pinturas, gravuras, ilustrações, mapas e objetos visuais funcionam como documentos que revelam aspectos culturais, sociais e políticos de um período. Ao apresentar uma imagem aos alunos, o professor pode propor um exercício de "investigação histórica", convidando-os a observar detalhes, levantar hipóteses sobre quem são os personagens, o contexto, a época retratada e o significado dos elementos presentes. Essa leitura inicial desperta a curiosidade e cria um vínculo afetivo com o conteúdo, estimulando que os estudantes construam narrativas próprias antes mesmo de receberem informações textuais.

No caso da história das Abayomis, trabalhar com imagens torna-se ainda mais significativo. O professor pode apresentar ilustrações ou representações artísticas de navios negreiros, cenas de mulheres africanas trançando tecidos, mães cuidando de filhos durante a travessia atlântica ou oficinas contemporâneas de confecção de bonecas. Essas imagens podem ser utilizadas como pontos de partida para reconstruir coletivamente a narrativa da diáspora africana e compreender de que maneira, em meio a condições adversas, as mulheres criaram as Abayomis como forma de resistência cultural e afetiva. Os alunos podem observar expressões, gestos, roupas e ambientes retratados, levantando hipóteses sobre sentimentos, estratégias de sobrevivência e valores transmitidos por meio dessa prática.

Sequência temporal com imagens, utilizando séries de gravuras, fotografias ou cenas ilustradas para reconstruir acontecimentos históricos. O professor pode, por exemplo, apresentar imagens em ordem embaralhada: mulheres africanas antes da captura, o embarque forçado, a travessia no navio, o momento da criação das bonecas e, por fim, oficinas em escolas atuais. Os alunos devem organizar essas imagens cronologicamente, justificando suas escolhas e reconstruindo a linha do tempo da tradição Abayomi. Essa atividade desenvolve noções de temporalidade, causalidade e transformação histórica, permitindo que compreendam a continuidade cultural apesar das rupturas impostas pela escravidão.

Também é possível utilizar imagens como disparadores de debates e reflexões críticas. Quadros históricos, charges, cartazes e fotografias de manifestações afro-brasileiras contemporâneas podem suscitar discussões sobre racismo, resistência e identidade cultural. No contexto das Abayomis, imagens de oficinas escolares, feiras culturais ou exposições de arte podem servir para discutir como tradições ancestrais estão sendo ressignificadas e valorizadas na atualidade. Perguntas como “Que sentimentos essa imagem desperta em vocês?” ou “Que mensagem essa cena transmite sobre ancestralidade e resistência?” ajudam os alunos a relacionar passado e presente de maneira consciente.

Outra prática muito potente é propor que os próprios alunos produzam imagens históricas relacionadas às Abayomis — por exemplo, desenhando cenas da travessia atlântica do ponto de vista de uma mãe africana, criando quadrinhos ilustrando a história de Folami e Abeni, ou fotografando dramatizações encenadas em sala de aula. Ao transformar conhecimento histórico em linguagem visual, os estudantes internalizam conceitos, selecionam informações relevantes e expressam sua compreensão de forma criativa e significativa.

O uso de mapas, infográficos e linhas do tempo visuais também é uma excelente ferramenta para contextualizar a história das Abayomis. Com mapas, os alunos podem

visualizar as rotas da diáspora africana e identificar os territórios de origem dos povos africanos escravizados. Linhas do tempo ilustradas com imagens ajudam a consolidar a noção de continuidade histórica e a reconhecer que as bonecas Abayomi são resultado de uma longa trajetória de resistência cultural que atravessa séculos.

É essencial que o professor atue como mediador da leitura visual, conduzindo os alunos a irem além da simples descrição. Ele pode fazer perguntas orientadoras como:

"O que essa imagem quer nos contar?", "Por que essa cena foi representada dessa forma?", "Quem está ausente nessa representação?", "Que elementos da cultura africana aparecem aqui?".

Essa mediação é fundamental para que os alunos compreendam que imagens também são fontes históricas, sujeitas a interpretações e contextos específicos, e que a história das Abayomis é, em si, uma narrativa visual e simbólica transmitida de geração em geração.

Trabalhar História apenas com imagens não significa reduzir o conteúdo, mas potencializar a experiência de aprendizagem através de uma linguagem universal, acessível e profundamente envolvente.

No caso das Abayomis, as imagens funcionam como pontes entre tempos e culturas, ajudando os alunos a compreender que a resistência também se expressa por meio da arte e da imaginação. Essa metodologia estimula a observação crítica, a criatividade e a construção coletiva de significados, transformando as aulas em espaços vivos de interpretação histórica e valorização da ancestralidade afro-brasileira.

JOGOS E BRINCADEIRAS.

Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Rosimery Mendes Rodrigues
Ana Maria Bárbara Lima
Silvana Nascimento de Carvalho
Neusa Venditte
Celine Maria de Sousa Azevedo
Fabiane Bandeira Viana
Priscilla Nayane Magalhães Ribeiro dos Santos
Gabriel Nascimento de Carvalho

Pega-pega do leão: Uma criança faz o papel de leão e tenta pegar as outras, que representam os animais da savana. Ao ser tocada, a criança pega passa a ser o novo leão, estimulando agilidade, atenção e cooperação em grupo.

Dança das máscaras: As crianças utilizam máscaras inspiradas na cultura africana e dançam em roda ao som de tambores. A brincadeira promove expressão corporal, criatividade e contato com manifestações culturais tradicionais.

Jogo do equilíbrio na cabeça: As crianças equilibram potes ou cestos na cabeça, imitando práticas cotidianas africanas. O desafio é percorrer um trajeto sem deixar cair, desenvolvendo coordenação motora e concentração.

Corrida dos tambores: Em duplas ou grupos, as crianças correm até um tambor para tocar um ritmo curto e depois retornam para passar o bastão. Estimula o trabalho em equipe e o reconhecimento de ritmos africanos.

Contação em roda com objetos: Cada criança escolhe um objeto simbólico e, em roda, cria uma parte da história coletiva. A brincadeira fortalece a oralidade, a imaginação e o senso de pertencimento comunitário.

Pular corda com cantigas africanas: As crianças pulam corda ao som de músicas tradicionais, adaptando letras e movimentos. A atividade trabalha ritmo, resistência e memória cultural.

Jogo da sombra: Uma criança imita os movimentos da outra como se fosse sua sombra. A atividade estimula atenção, sincronia e a ideia de conexão entre corpos e identidades.

Caça ao tesouro ancestral: Os alunos recebem pistas relacionadas à cultura africana para encontrar objetos escondidos, como instrumentos musicais ou tecidos coloridos. A brincadeira combina aprendizado cultural com aventura.

Brincadeira de adivinhações: Inspirada nas tradições orais africanas, as crianças fazem perguntas enigmáticas e tentam adivinhar respostas. Estimula o raciocínio, a criatividade e a valorização dos saberes populares.

Jogo do toque do tambor: Cada ritmo de tambor corresponde a uma ação (correr, pular, dançar). As crianças precisam ouvir atentamente e reagir rapidamente, desenvolvendo percepção auditiva e coordenação.

Roda de provérbios: Cada criança compartilha ou recebe um provérbio africano e deve representá-lo com gestos ou pequenas encenações. Essa brincadeira valoriza a sabedoria ancestral e estimula interpretação criativa.

Brincadeira do tecido colorido: Um tecido grande é estendido no chão, e as crianças devem caminhar sobre ele sem sair das bordas. A atividade desenvolve equilíbrio e simboliza a importância da união e do coletivo.

Dança dos animais da savana: As crianças escolhem um animal e o representam por meio de movimentos corporais e sons, dançando em grupo. Essa atividade une imaginação, dança e reconhecimento da fauna africana.

Jogo da memória cultural: Cartas ilustradas com símbolos africanos, instrumentos e personalidades são utilizadas em pares para um jogo de memória. Estimula concentração e amplia o conhecimento cultural.

Brincadeira das trançadeiras: Em duplas ou grupos, as crianças simulam o ato de trançar cabelos com tiras de tecido ou lã, enquanto cantam músicas tradicionais. Valoriza a estética afro e práticas ancestrais.

Corrida de sacos com tecidos africanos: Usando panos estampados, as crianças participam de corridas de saco, promovendo diversão, equilíbrio e integração.

História em imagens: As crianças recebem cartões ilustrados com cenas da cultura africana e precisam montar uma sequência lógica e contar a história criada. Trabalha oralidade e imaginação coletiva.

Jogo dos nomes africanos: Cada criança escolhe ou recebe um nome africano e deve descobrir seu significado por meio de pistas ou dramatizações. A brincadeira valoriza identidade e ancestralidade.

Caminho dos retalhos: Retalhos coloridos são dispostos no chão como um percurso simbólico, e as crianças devem atravessá-lo com cuidado, lembrando a travessia ancestral. A atividade promove reflexão e coordenação.

Construção coletiva de brinquedos: Utilizando materiais simples como galhos, tecidos e sementes, as crianças criam brinquedos inspirados em tradições africanas, fortalecendo a criatividade, o trabalho coletivo e a valorização da cultura popular.

Corrida com colher e sementes: As crianças equilibram uma semente africana ou pequena pedra em uma colher e percorrem um trajeto sem deixar cair. Estimula concentração, coordenação e equilíbrio.

Dança das cores: Tecidos africanos coloridos são distribuídos e, ao som de diferentes ritmos, as crianças dançam conforme a cor mostrada pelo educador, explorando movimentos livres e significados simbólicos.

Jogo das palmas rítmicas: Em roda, as crianças reproduzem sequências de palmas que aumentam de dificuldade a cada rodada, reforçando atenção, ritmo e cooperação.

Pega-pega com cantiga: Uma criança é o pegador e, ao correr atrás das outras, todos cantam uma música tradicional africana, tornando a brincadeira mais envolvente e culturalmente significativa.

Jogo dos sentidos: Objetos relacionados à cultura africana (sementes, tecidos, instrumentos) são colocados em sacolas opacas e as crianças devem adivinhar pelo tato, olfato ou audição, desenvolvendo percepção sensorial.

Construção de instrumentos musicais: As crianças confeccionam tambores, chocalhos ou berimbaus com materiais reciclados e depois brincam de criar músicas em grupo, fortalecendo vínculos e criatividade.

Brincadeira do eco: Uma criança faz um som ou movimento, e as demais repetem como um eco. Essa atividade reforça atenção, expressão corporal e conexão coletiva.

Dança das sombras africanas: Inspiradas nas histórias contadas, as crianças projetam sombras com o corpo ou objetos, representando personagens ancestrais e cenas culturais.

Corrida de obstáculos culturais: Um circuito com elementos simbólicos africanos é montado (como tecidos, instrumentos e imagens), e as crianças passam pelos obstáculos, aprendendo enquanto se divertem.

Jogo do provérbio escondido: Provérbios africanos são escondidos em diferentes cantos da sala ou do pátio, e as crianças procuram e depois interpretam o significado de cada um em grupo.

Teatro dos ancestrais: As crianças escolhem personagens inspirados na cultura africana e dramatizam histórias coletivas, desenvolvendo oralidade, criatividade e senso histórico.

Brincadeira dos sons da natureza: Com base na fauna e flora africanas, as crianças imitam sons de animais e fenômenos naturais, enquanto o grupo tenta adivinhar, estimulando escuta e imaginação.

Caminhada cerimonial: Inspirada em rituais tradicionais, as crianças percorrem um caminho com passos marcados por tambores ou cantos, simbolizando respeito à ancestralidade e à coletividade.

Pintura corporal simbólica: As crianças utilizam tintas naturais para criar desenhos inspirados em símbolos africanos nos braços, rostos ou mãos, valorizando a estética tradicional e promovendo expressão artística.

Jogo da linha do tempo viva: As crianças representam, com cartões ou objetos, momentos marcantes da cultura africana e afro-brasileira, posicionando-se em ordem cronológica e explicando suas representações.

Dança da colheita: Inspirada em celebrações agrícolas africanas, as crianças simulam movimentos de plantio e colheita ao som de tambores, aprendendo sobre sustentabilidade e cultura.

Jogo dos nomes cantados: Cada criança canta seu nome em um ritmo africano e os colegas repetem, fortalecendo identidade, memória e musicalidade coletiva.

Corrida com cestos na cabeça: As crianças equilibram cestos vazios ou leves na cabeça e percorrem um trajeto, imitando práticas tradicionais africanas e desenvolvendo postura e coordenação.

Histórias com tecidos: Tecidos africanos coloridos são usados para criar personagens e cenários improvisados, e as crianças inventam narrativas coletivas, estimulando oralidade e imaginação.

Jogo da amizade ancestral: Em roda, cada criança diz uma qualidade ou mensagem positiva para outra, fortalecendo laços afetivos e a ideia de comunidade, tão presente nas culturas africanas tradicionais.

Dança do tambor falante: As crianças escutam diferentes batidas de tambores que representam comandos (como pular, girar, agachar) e respondem aos sons com movimentos, desenvolvendo atenção auditiva e coordenação.

Brincadeira das tranças mágicas: Fitas coloridas ou cordas representam tranças africanas; em duplas ou grupos, as crianças entrelaçam os fios seguindo padrões rítmicos e simbólicos, estimulando cooperação e criatividade manual.

Jogo do viajante africano: Um mapa estilizado da África é colocado no chão e as crianças "viajam" por diferentes regiões, realizando desafios culturais simples em cada parada, como cantar, dançar ou identificar símbolos.

Pega-pega do griot: Inspirado nos contadores de histórias africanos, quem é "pego" precisa contar uma mini-história ou cantar uma cantiga antes de voltar ao jogo, valorizando a oralidade tradicional.

Corrida de tecidos: Em duplas, as crianças seguram uma faixa de tecido africano e precisam correr coordenadas, sem deixar cair, promovendo cooperação e ritmo em equipe.

Jogo das máscaras africanas: Máscaras tradicionais são apresentadas, e cada criança escolhe ou cria uma, depois representa um personagem através de gestos e sons, explorando simbolismos culturais.

Caça aos símbolos Adinkra: Símbolos Adinkra são escondidos pela sala ou pátio, e as crianças os procuram, descobrem seus significados e os desenham, conectando ludicidade e conhecimento cultural.

Brincadeira das estações culturais: Diferentes estações apresentam aspectos da cultura africana (dança, pintura, música, jogos) e as crianças circulam entre elas, vivenciando múltiplas experiências.

Jogo da colcha de histórias: Tecidos são unidos para formar uma "colcha" coletiva. Cada criança contribui com um desenho ou bordado inspirado em histórias afro-brasileiras, construindo memória coletiva de forma artística.

Brincadeira das sombras narrativas: Utilizando lanternas e panos, as crianças criam sombras para recontar lendas africanas, desenvolvendo expressão corporal e criatividade visual.

Dança da chuva africana: Em roda, as crianças reproduzem sons e movimentos que imitam o início, o auge e o fim da chuva, explorando ritmos naturais e a relação simbólica com a natureza.

Jogo dos instrumentos escondidos: Diferentes instrumentos africanos são escondidos, e as crianças, vendadas, os localizam pelo som, estimulando percepção auditiva e reconhecimento cultural.

Corrida da calabassa: As crianças equilibram pequenas cabaças na cabeça ou nas mãos e percorrem trajetos, lembrando práticas tradicionais e estimulando equilíbrio e concentração.

Brincadeira dos bichos africanos: Cada criança escolhe um animal africano e deve imitá-lo com gestos e sons enquanto as outras tentam adivinhar, explorando diversidade natural e imaginação.

Jogo da música compartilhada: Em roda, cada criança contribui com um som (batida, palmas, canto), criando coletivamente uma música que representa união e ancestralidade.

Teatro do herói africano: As crianças dramatizam histórias inspiradas em heróis e heroínas africanos, trabalhando valores de coragem, sabedoria e coletividade.

Brincadeira das histórias em sequência: Cartas ilustradas com cenas de narrativas afro-brasileiras são embaralhadas, e as crianças precisam organizá-las em ordem lógica e depois recontar a história oralmente.

Jogo da travessia simbólica: Inspirado nas travessias históricas, um percurso com obstáculos representa desafios enfrentados pelos povos africanos. As crianças o atravessam coletivamente, reforçando empatia e cooperação.

Brincadeira das músicas em camadas: Uma música tradicional é dividida em partes (voz, palmas, instrumentos), e grupos diferentes executam cada camada, criando uma experiência sonora rica e colaborativa.

Jogo da memória cultural: Cartas com imagens de elementos culturais africanos são usadas para formar pares, promovendo memória visual e diálogo sobre os significados de cada símbolo ou objeto.

E-BOOK - 2025